Cadernos Barruel 20 - 1990

http://www.virgo-maria.org/D-Gnose-et-Contre-Eglise/Cahiers_Barruel/index_cahiers_barruel.htm

- GNOSE E ROMANTISMO I
- A REVOLUÇÃO SEXUAL, PEDRA ANGULAR DA REVOLUÇÃO - 2
- LEMBRETES SOBRE A MAÇONARIA - II
- A REVOLUÇÃO SURREALISTA - I
- ATRAVÉS DOS LIVROS
- FILHOS DA VIÚVA

GNOSE E ROMANTISMO I

Por que o Romantismo? Porque ele provocou no século passado uma explosão prodigiosa de Gnose em um mundo intelectual abalado pela Revolução Francesa. Este movimento literário surgiu dos países protestantes, Inglaterra e Alemanha, em um ambiente cultural dominado pelos herdeiros dos humanistas do Renascimento, os Rosacruzes e seus sucessores, os Maçons. O Romantismo, na França, foi uma importação estrangeira, vinda principalmente da Alemanha. Mas as mentes já estavam prontas para recebê-lo devido ao vazio cultural cavado durante a Revolução. Os poucos escritores independentes e reflexivos que deveriam ter provocado uma saudável reação contra-revolucionária também estavam impregnados da ideologia e da fraseologia maçônica.

Nós vimos isso em relação aos tradicionalistas, especialmente em Joseph de Maistre. Em seu retorno à "Tradição", eles ensinaram verdades do bom senso, uma crítica judiciosa dos excessos da Revolução, do regime democrático, um retorno à ideia monárquica e à fé católica; mas tudo isso misturado a erros metafísicos fundamentais sobre o papel da razão, sobre a natureza da alma, sobre a origem do pensamento e do idioma, erros retomados às divagações de Claude de Saint-Martin e de Fabre d'Olivet, esses "gnósticos da Revolução", como foram justamente chamados. Este movimento de retomada intelectual e moral, assim fortemente desfavorecido, durou pouco, como se devia esperar.

E os jovens escritores da nova geração, entusiastas admiradores de Maistre, Chateaubriand e Lamennais, foram reconquistados em dez anos pela ideologia revolucionária. A partir de 1830, todos passaram ao Povo, à Democracia, à Liberdade e terminaram na adoração de Lúcifer, ponto de conclusão obrigatório de sua evolução intelectual. Claro, ao longo do caminho, eles foram "recuperados" pelos mestres do pensamento revolucionário que souberam escolher muito bem esses homens talentosos para cercá-los, bajulá-los, garantir-lhes a glória literária e prepará-los habilmente para esse retorno ofensivo da Gnose que foi o Romantismo. É isso que vamos expor.

Goethe

Nunca se pode exagerar a influência de Goethe sobre todo o Romantismo francês. Seu herói Werther[1], irmão mais velho de René, criou um mundo e se tornou um modelo. Ele foi o mestre de todos os desesperados. Ele causou estragos incalculáveis na primeira geração romântica. Seu tema da desesperança deveria culminar em seu desfecho natural: o suicídio.

Nascido em 1749, o autor de *Fausto[2]* viveu a segunda metade do século XVIII, sob a influência direta dos enciclopedistas e precedeu em uma geração o movimento romântico. Portanto, ele foi seu mestre e Théophile Gautier, por sua vez, guardou uma lembrança afetuosa do "tempo maravilhoso em que se iniciava nos mistérios do *Fausto* de Goethe, que contém tudo, segundo a expressão de Madame de Staël, ao mesmo tempo que algo além de tudo…"

Goethe é o modelo do "perfeito" gnóstico. Ele recebeu sua formação – completada pela da Maçonaria – e difundiu os grandes temas gnósticos em todo o movimento intelectual da Alemanha

que foi resumido na fórmula "*Sturm und Drang*"[3]. Ele mesmo se definia como um "*Stürmer*"[4], sentia uma poderosa agitação dentro de si:

> "*O universo, diz Werther-Goethe, o universo ao meu redor e o céu repousam em minha alma como a forma de um ente querido*."

Sua primeira formação gnóstica veio de uma mulher mais velha, Suzanne de Klettenberg, que instalou em sua casa um forno com matrizes e alambiques, à procura dos arcanos da Grande Obra. Foi ela quem providenciou ao jovem Goethe o *Opus Mago-cabbalisticum* de George Welling, o alquimista famoso da época; depois ela lhe ensinou a *Ars brevis* de Raymond Lulle, as obras de Paracelso, Van Helmont, Valentin, *Aurea catena Homeri*, etc. É por isso que Goethe é herdeiro dos humanistas do Renascimento e dos alquimistas rosacruzes do século XVII. Segue-se uma linhagem direta com a Cabala judaica. Ele foi aluno do hebraizador Herder. Ele leu Giordano Bruno, discípulo de Pitágoras e Raymond Lulle, que foi queimado em Roma, em 17 de fevereiro de 1600.

Ele mesmo definiu sua religião em suas memórias:

> "*Ouvindo dizer frequentemente que cada um acaba tendo a sua, nada me pareceu mais natural do que trabalhar por minha vez para forjar a minha. Me entreguei a essa operação com muito empenho. O platonismo me forneceu a base, minhas pesquisas teúrgicas e cabalísticas também contribuíram para o edifício de minha doutrina, cada um por sua parte. Assim construí um universo bastante bizarro*."

Ele se congratulou então por ter construído bases sólidas para "a pirâmide de sua existência", como escreveu a Lavater em 1780. Seu único desejo era, dizia ele, elevá-la "o mais alto possível", após ter alcançado "o ponto culminante do Verdadeiro", todas as expressões tiradas do pitagorismo. Sua religião, ele não a forjou, como diz, ao contrário, ele a recebeu toda pronta da tradição gnóstica e limitou-se a desenvolvê-la em toda sua obra literária.

Além disso, Goethe foi um maçom militante e apaixonado por toda a sua vida. Em 1780, ele se filiou à loja de Weimar. Em 1783, ele entrou na ordem dos Iluminados de Weishaupt. Seu amigo Bode era um maçom de alto escalão e um conspirador zeloso. Ele foi um Rosacruz. Estes últimos afirmam penetrar profundamente os mistérios da natureza, com a ajuda de uma luz interior. Eles recorrem a isso para métodos mágicos. Em sua obra *Os Mistérios*, Goethe nos mostra o jovem peregrino Marc penetrando no convento dos Mistérios. Ele encontra cadeiras esculpidas, pódio, sala do Capítulo, como em uma loja, no centro, o velho monge-soldado Humanus. A cruz domina a sala, mas está sepultada sob uma grande quantidade de rosas.

A essência do pensamento de Goethe é um panteísmo generalizado. A Natureza para ele é um Super-Deus que se transforma em deus Pan, em um ser infinito e perfeito. Ele a chama de Feminino Eterno, onipotência criadora do divino, o Destino, o Eu do pensador-poeta que absorve a

vida total do Universo, o Pai, o Tornar-se, o Instante que contém a Eternidade. ... A alma pessoal e o divino são uma só...

> "*Como tu estás aqui, ó Deus, também Eu, estou sempre diante de ti, presente em tua presença. Como tu completas teu coração, neste momento, assim tu te completas em Mim e por Ti*."

Goethe abusa da Natureza maiúscula:

> "*O Natur... Wo du Engel, wo du bist Natur, wie leuchtet mir die Natur!*"[5]

A grande fórmula de Goethe é: "*Stirb und werbe*". Morra e depois torne-se! Lance-se, portanto, na morte e você se tornará divino, um super-homem; você mergulhará em um abismo de mistério e glória, percorrerá o Tornar-se através do infinito do tempo e do espaço. Ah! se você soubesse os prazeres que se desfrutam no fundo das águas, você se precipitaria imediatamente. Este é o tema do Rei de Thulé. A taça que mergulha no oceano, ressurge à superfície das águas e mergulha novamente para desaparecer no Grande Tudo, não é o símbolo do ser humano que mergulha para se unir eternamente com a divindade e se tornar Deus?

> "*Tu não permaneces mais envolvido*
> *Na sombria escuridão (é o corpo)*
> *E te enche de novo desejo*
> *Para uma união mais elevada.*
> *Nenhuma distância te impede*
> *Tu corres, alado e extasiado*
> *E finalmente com sede de*
> *Luz Mariposa, você é queimado.*
> *E enquanto você não tem*
> *Este 'Morra e Torne-se'*
> *Você é apenas um hóspede pálido*
> *Na sombria terra.*"

Trata-se, sem dúvida, de um chamado ao suicídio. O homem, pobre tipo infeliz e pálido, se torna, por seu sacrifício livre, um super-homem radiante, um demi-deus, o que estou dizendo? um deus "queimado pela Luz". Vamos resumir o problema: se Deus existe, tudo depende dele e eu sou nada fora de sua vontade. Se ele não existe, tudo depende de mim e eu estou obrigado a afirmar minha independência. É me matando que afirmo minha independência de maneira mais completa. Eu estou obrigado a me queimar o cérebro. E por minha morte, eu finalmente obtenho minha divinização.

> *"Estou certo", disse Goethe a Jan Falk em 1813, "de ter sido mil e mil vezes como você me vê aqui e espero voltar mil vezes mais."*

A morte, portanto, é uma retomada de contato com a matriz universal, para um renascimento no mundo terrestre. A morte é o retorno à Unidade do Grande Todo. Goethe foi simultaneamente ou sucessivamente ocultista, neoplatônico, teosofista e panteísta como Spinoza. Ele também adorava o Sol, a Ciência e a Poesia. Ele ornamentou sua sala com uma máscara da deusa Juno, "o Feminino Eterno", e seus visitantes tinham que se inclinar ritualmente diante da deusa soberana de sua casa. Goethe sempre afirmou-se como poeta-filósofo, cuidando de explicar que sua filosofia continha e dominava sua poesia, reduzindo-a ao papel de modesta serva.

O mito de Fausto

O poema de Fausto deu o sinal de uma imensa revolução na poesia romântica. Ele se destaca do céu, grandioso e dominador. Marca a entrada de uma estrada gloriosa, pontilhada de obras-primas, a poesia a serviço da filosofia satânica! Um simbolismo que se emprega em suprimir o inferno, libertar almas danadas, libertar Satanás. Em toda a sua vida, Goethe se empenhou em abolir a consciência do pecado. De fato, pela consciência do pecado, os homens se tornam seres dignos de pena, moles, desencorajados, impotentes; eles se abismam na dor e amaldiçoam o mundo. Jesus Cristo tinha dito: "Que aquele que quer ser meu discípulo renuncie a si mesmo." Goethe passou a vida amando a si mesmo, celebrando seu Eu, divinizando-o.

Fausto tenta, pela magia, vislumbrar em um clarão o fundo absoluto do Ser, objeto de seus votos:

> *"Ah! Que delícias inundam de repente todos os meus sentidos com esta visão! A sagrada embriaguez da vida reacende em mim e jorra como uma lava ardente em meus nervos e minhas veias. Um deus terá traçado esses sinais que acalmam em mim a tempestade, que enchem meu coração de felicidade e fazem surgir ao meu redor, em um impulso cheio de mistério, as forças desveladas da Natureza? Sou um deus? Onde te agarrar, Natureza infinita? Onde agarrá-las, mamas, fontes de toda vida, às quais terra e céu estão suspensos, vocês para quem se precipita o peito murchado? Você escorre, você sacia. Devo definhar em vão?"*

Fausto preparou a bebida que lhe permitirá atingir o fundo do Ser. Ele exclama:

> *"Desça agora, saia de sua velha bainha, pura taça de cristal. Aqui está um suco que logo embriaga. De uma onda marrom ele enche a cavidade. Que esta bebida que preparei, que escolhi por último, seja agora de toda a minha alma, como uma alta saudação de festa realizada pela manhã. Eu te saúdo, frasco*

> *único, extrato de todas as forças mortalmente sutis*."

Fausto pensa estar morrendo. Pensa no suicídio-sacrifício que permite lançar-se no seio de Deus:

> "*Uma carruagem de fogo, exclama ele, paira em direção a mim sobre asas leves. Sinto-me pronto para penetrar, através do Éter, em um novo caminho, em direção a novas esferas de atividade pura. Tenha coragem. Eis o momento de provar, por atos, que a dignidade do homem não cede à grandeza divina, de não tremer diante dessa caverna sombria na qual a imaginação se danifica por seu próprio tormento, de se estender em direção a essa passagem em torno da estreita boca da qual flameja o Inferno inteiro; de se decidir alegremente a esse passo e, mesmo que com perigo, espalhar-se no nada*."

De fato, é preciso uma coragem sombria para sair de sua velha bainha, para lançar sua taça de cristal, isto é, sua alma, na estreita boca da caverna sombria e lançar-se "alegremente" no nada.

Felizmente, Mefistófeles está lá. Ele é o delegado onipotente e até mesmo oficial do Espírito da Terra ("*Erdgeist*"); é até mesmo o mais poderoso dos deuses, em honra do qual Goethe queima algum incenso. O Espírito da Terra é o deus cujo pensamento anima todos os titãs revoltados, Tântalo, Prometeu, todos os "*Stürmer*", até mesmo Goethe. Mefisto é o mensageiro. Deus o usa para promover o Bem. Goethe afirma que o demoníaco é uma das faculdades e atributos do Ser Supremo. Poderes misteriosos animam a natureza "visível e invisível", intervêm na vida íntima dos indivíduos, onde desempenham o papel do destino. São os demônios que formam "com o mundo a trama e a corrente do tecido do universo". Além disso, "quanto mais elevado é um homem, mais ele está sob a influência dos demônios".

> "*Eu nunca odiei os iguais", diz o Senhor a Mefistófeles. "Entre os espíritos que negam, o espírito de astúcia e malícia me desagrada menos do que todos. A atividade do homem fica frouxa com muita frequência. Ele tende à preguiça e gosto de vê-lo com um companheiro ativo, inquieto e que pode criar, se necessário, como o diabo*."

Satã é a encarnação do Mal, mas é útil à humanidade; é uma peça indispensável no mecanismo da Totalidade do Universo, é um aristocrata do Espírito. Ele pertence positivamente à divindade.

No final do poema, Fausto entra triunfalmente no Paraíso, mas sem ter formulado o menor arrependimento de seus feitos e atitudes após a vida que se sabe. A música dos anjos celebra a beleza moral daquele que Goethe designou como a própria Pureza, a pureza no pecado, claro, já que para Fausto, tudo é belo, puro e divino.

> *"É o mais belo poema", diz Ernest Lichtenberger, "o maior, o mais profundo da literatura alemã, a criação mais poderosa e original, a maior tragédia que o gênio alemão produziu, é a Bíblia da Alemanha, é a obra mais considerável de toda a poesia moderna, o maior poema do século... É, no sentido mais elevado da palavra, uma Revelação*."
>
> *"Sou um deus?", pergunta-se Fausto. "Torno-me tão lúcido, eu que desfrutava de meu Eu no esplendor do céu e na claridade e que havia despido o Filho da Terra, eu, mais que um querubim, eu cuja força livre, cheia de pressentimentos, já tinha a presunção de fluir através das artérias da natureza e, criando, desfruta de uma vida divina*."

Fausto-Deus, Fausto diretor do Universo, mestre de cerimônias na descida ao Inferno.

O Romantismo alemão

O Romantismo desenvolveu-se primeiramente na Alemanha, onde encontrou um terreno todo preparado para sua expansão. De fato, a Reforma Luterana havia destruído, por sua explosão violenta, toda a moralidade cristã, havia dissolvido toda a doutrina. O próprio Lutero havia dado o exemplo das piores torpezas. Quando se uniu à ex-religiosa Bora, declarou perante o mundo que seu pecado fazia chorar os anjos do céu e rir os demônios do inferno. Ele havia dado ao landgrave de Hesse conselhos escandalosos; ele havia arrastado na lama o celibato dos padres e os votos monásticos. Em suas horas de tentação, ele tinha o costume de dizer que não sabia mais se Deus era o diabo ou se o diabo era Deus. Que importância, afinal, já que o homem, entregue a si mesmo, só tem que seguir seus instintos e que Deus absolve todas as torpezas. Não é melhor seguir sua natureza? Goethe encontrou-se, portanto, com Lutero ao cantar o "*sequere Naturam*". Ele havia captado as forças de destruição, colocadas em movimento por Lutero, e as havia dobrado de violência revolucionária. Daí um amálgama de paganismo e panteísmo que ele havia vulgarizado tão poderosamente.

Após sua morte, Goethe tornou-se o ídolo dos alemães. Na alta sociedade judaica de Berlim, viu-se formar um verdadeiro culto a Goethe. Friedrich Schlegel oficiava nesta pequena capela. Bettina Brentano "ajoelhava-se em Goethe", diz-nos Sainte-Beuve, em seus *Lundis*.

Esta é a hora do Romantismo alemão. Os primeiros se chamam Novalis, Schleiermacher, Schelling. Eles anunciam uma "nova Igreja", um cristianismo integral no qual vão fundir todas as crenças religiosas, uma comunidade universal e invisível das almas religiosas. Trata-se de um verdadeiro ecumenismo baseado em um sincretismo no qual todos os dogmas importunos são velados pela exaltação da sensibilidade e da emoção.

Um Lassaulx considerava os pensadores da antiguidade como reveladores do verdadeiro Deus, assim como Moisés. Aos olhos de Lassaulx, Sócrates estava mais próximo de Cristo do que os homens do Antigo Testamento:

> “*As ideias cristãs que ele amava, declarou em seu túmulo o beneditino Haneberg, eram facilmente transportadas por ele para o paganismo que ele também amava*.”

Suas ideias foram condenadas pela Santa Sé em 1861. Schelling havia seduzido muitos católicos com suas aulas, ensinadas em Munique e Berlim, que apareciam como uma insigne preparação para a Fé. Uma parte da Alemanha intelectual se aproximava do catolicismo, mas sem a preocupação de nele penetrar. Ela permanecia no limiar à espera de uma espécie de congresso das religiosidades.

O próprio Kant dava margem a uma interpretação mística. Era-lhe grato por ter rebaixado a razão pura:

> “*Somos-lhe devedores, escreve Eckartshausen, por ter provado que, sem revelação, nenhum conhecimento de Deus nem nenhuma doutrina sobre a alma era possível*.”

Ao atacar a razão especulativa, ele havia confirmado o fideísmo dos Iluminados.

O pensamento de Novalis exerceu uma influência considerável sobre todos os românticos franceses. Eis como M. Lichtenberger resume seu ensinamento:

> “*Na origem, há o caos, inconsciente, amorfo, incoerente. Não há distinção entre o espírito e o corpo, não há separação entre os indivíduos. Depois, na sequência de um cataclismo que é para o universo o análogo do que o pecado original foi para o homem, eis que a Unidade primordial se rompe. É a origem da ilusão dualista que começa. Mas pouco a pouco a Natureza se acalma. Ela aspira à redenção. O Homem aparece. A ilusão dualista se dissipa progressivamente. As distinções estabelecidas entre a natureza e o espírito, entre a realidade e a ficção, entre a lei e o arbítrio, esmaecem, desaparecem. O caos renasce enfim, um caos que se compreendeu a si mesmo, um caos que se tornou consciente do que é, de sua natureza e de sua vida, um caos que se tornou ‘orgânico’, que se elevou à segunda potência, que sabe que é o desenrolar livre de um sonho de beleza*.”

Eis um bom resumo da doutrina gnóstica, segundo sua última forma, aquela que será retomada e desenvolvida por Hegel. O caos, é o Pleroma de nossos Gnósticos. Ao se tornar consciente de si mesmo, ele realizou esse retorno à Unidade primordial cantado por todos os Gnósticos desde sempre. Para realizar isso,

> “*nós aprendemos a arte dos milagres, diz-nos Novalis, nós evocaremos os desaparecidos, nós criaremos um mundo em vez de sofrer a lei do nosso. Nós nos tornaremos ‘magos’ e todo-poderosos!*”

Schlegel se esforça para fazer penetrar o romantismo iluminado da Alemanha nos cérebros franceses. Em suas *Obras em francês*, ele tenta conquistar para suas ideias Madame de Staël, que será a principal introdutora dos místicos alemães na França:

> “*Contemple a Natureza, diz-lhe ele, volte em seguida para si mesmo, procure penetrar até o centro de si mesmo. Deus está em você; ele se deixa encontrar por almas puras, tais como a sua. Mas essa revelação é inefável. Assim que se tenta traduzi-la nestes termos abstratos, inventados para as ciências demonstrativas, tudo volta a ser confusão e obscuridade. Renuncie, portanto, à Teologia dogmática*.”

Ele explica o instinto dos animais como “uma emanação da natureza inteligente, da alma do mundo”. Em seguida, voltando-se contra a Igreja Católica, ele a insulta:

> “*Eu vos deixo para sempre, tristes nazarenos, Discípulos de Saulo, vãos teólogos, Vossos sagrados autores judeus são para mim profanos, Pitágoras, Platão, os sublimes brâmanes São meus oráculos santos, intérpretes dos deuses, Minha bússola no mar e meu voo para os Céus*.”
> (Schlegel: *Obras em francês*)

O Iluminismo maçônico

Através de sua inicição, o iluminado libertou seu “eu interno”, essa “faísca” divina que é sua alma; ele alcança por uma “intuição” a compreensão profunda das coisas que se baseia em uma iluminação espiritual; ele finalmente possui uma relação excepcional “com os habitantes do mundo invisível”, um conhecimento (uma Gnose!), “uma visão íntima do princípio da realidade do mundo”; ele finalmente obteve um “conhecimento imediato com a divindade”; ele pode “contemplar sua imagem e falar seu idioma”. Para chegar a essa divinização, é preciso, acima de tudo, estudar seu coração, desconfiar de sua mente, rejeitar a razão discursiva. Então se sente a religião entrar em sua alma, se sente tornar-se “um verdadeiro anjo em espírito e verdade”.

Esse é o ensinamento de Claude de Saint-Martin, o fiel discípulo do judeu Martinez de Pasquallis, o fundador das lojas martinistas na França, o “filósofo desconhecido”, como gostava de se chamar. Sua grande obra, aquela que produziu a mais forte impressão em Joseph de Maistre, é *L'Homme de désir* (O Homem de Desejo). O Homem de Desejo deixa-se levar por sua aspiração ao divino. Ele se submete à simples fé, rejeita o uso dessa razão que desidrata a alma. “Os pensamentos mais

dignos da imortalidade e os melhores são aqueles que nos vêm de repente e como por um raio", nos diz Saint-Martin, em *L'Esprit des choses* (O Espírito das Coisas). Reservemos o uso de nossa razão para as coisas materiais.

Outro iluminado maçom, o sueco Swedenborg, fala a mesma linguagem:

> "*Diz ele, finalmente me foi concedido receber a fé sem raciocinar a respeito. A fé me apareceu como sendo muito acima dos pensamentos de minha inteligência. Então apenas eu encontrava a paz. Que Deus me fortaleça! Porque é obra Sua e tanto menos minha, já que meus pensamentos, até os melhores, retardam mais do que adiantam. É, portanto, um estado mais elevado. Eu me pergunto se não é o mais elevado, quando, por um efeito da graça, o homem não mistura mais sua inteligência com sua fé*."

Eis uma bela definição do Fideísmo. Observamos que, entre os iluminados, essa fé está vazia de todo conteúdo. Qual é a divindade para a qual se dirige a alma? Em lugar nenhum isso é especificado, pois, na verdade, se confunde com nosso próprio eu; já que nossos pensamentos são "raios" do divino que brotam espontaneamente em nossa alma. Longe dessa razão discursiva que sufoca em nós a intuição divinizante! Encontramos a mesma linguagem em todos os iluminados alemães e nos primeiros românticos do outro lado do Reno.

O homem de desejo é seduzido pela natureza selvagem, na qual deve mergulhar:

> "*Ele comumente encontra algo solene e majestoso em lugares solitários, cobertos de florestas ou regados por algum vasto rio; essas visões sérias e imponentes parecem aumentar seu domínio sobre ele quando os contempla na sombra e silêncio da noite" (Saint-Martin, Ministère de l'Homme-Esprit). Um tema querido por Chateaubriand*.

Os iluminados seguem instintivamente Platão. Eles adotam seu Idealismo e Misticismo. Suas hipóteses mais audaciosas se adequam bem a suas doutrinas: pré-existência das almas e das ideias, mundo dos arquétipos, mito do andrógino. A eflorescência da teosofia, na época do Renascimento, é um retorno ao platonismo. Ela reaparece entre os iluminados do século XVIII com as práticas da Magia e Teurgia, retomadas dos neoplatônicos dos primeiros séculos. Os iluminados encontraram desde então outro mestre em Pascal. Seu jansenismo, seu fideísmo, seu desprezo pela razão combinam bem com a intuição divinizante do Eu.

> "*De todos aqueles que não tiveram a palavra da adivinhação, Pascal foi o que mais se distinguiu, mas, não tendo tido a chave para discernir o verdadeiro do falso, ele se esgotou em tudo defender*."

Saint-Martin, “o filósofo desconhecido”, esconde essa chave, apenas a menciona de passagem, mas continua:

> “*Leiam os Pensées (Pensamentos) de Pascal. Vocês não acusarão esse homem de ser um gênio medíocre; vocês não o acusarão de ignorar as ciências exatas. Bem! ele disse nos próprios termos o que eu lhes disse...*”

A chave, a palavra da adivinhação, Saint-Martin sempre guardou em um profundo segredo. No entanto, uma vez ele quase a revelou. Veja este trecho de seu livro principal, “*Das Erreurs et de la Vérité*” (Dos Erros e da Verdade), no capítulo final intitulado “*Clef du Chiffre, universel*” (Chave da Cifra, universal):

> “*Que não posso depositar aqui o véu com o qual me cubro e pronunciar o nome... Mas, embora esse Ser inefável, a chave da Natureza, nunca deixe de apoiar o homem em todos os seus passos, como ele sustenta todos os atos do universo, o Nome que o tornaria mais conhecido seria suficiente, se eu o profetizasse, para que a maioria desprezasse acrescentar fé em suas virtudes e desafiasse toda a minha doutrina. Assim, designá-lo com mais clareza, seria afastar o objetivo que eu teria de honrá-lo*.”

Então, compreendemos bem que o culto final de Saint-Martin é o da Serpente!

Esse adorador mais do que discreto da Serpente foi o mestre pensador de toda a constelação dos grandes românticos e Joseph de Maistre foi seu propagador mais zeloso e eficaz. Já em 1822, um opúsculo martinista o sinalizava:

> “*O senhor conde de Maistre presta uma justiça brilhante à doutrina teosófica na obra tão importante que coroou seus trabalhos. Pode-se até afirmar, sem medo de errar, que a solução de todas as questões importantes, tratadas nas Noites de São Petersburgo, foi extraída dos princípios e escritos de Saint-Martin*.”

Lamartine encontrou um grande número de temas gnósticos em Claude de Saint-Martin, em particular a inexistência do mal e a redenção total ao final dos tempos:

> “*Como você, escreveu ele a Cazalès em 1833, sempre suspeitei que Saint-Martin tivesse sido iluminado por um belo raio de verdade divina” (16 de dezembro de 1833). Ele o estudou nas Noites de São Petersburgo; ele especifica que Joseph de Maistre era um escritor que leu Saint-Martin com fruto, Joseph de*

> *Maistre que nomeia Saint-Martin o mais sábio e elegante dos teósofos modernos .”*

Alfred de Vigny se inspirou no hermetismo pseudo-místico de “Éloa” através da leitura de Joseph de Maistre, Fabre d'Olivet, Madame de Krüdener e Ballanche. Ele tirou a ideia de uma re-integração de Satanás e do Espírito (Éloa) em seu estado primitivo. Ele deve a eles um gosto extravagante por confusões espantosas entre os dogmas cristãos e os símbolos platônicos, entre o gnosticismo alexandrino e a fé cristã.

> “*O Senhor contém tudo em seus dois braços imensos,*
> *Sua palavra é o lar das nossas inteligências,*
> *Assim como aqui na Terra o espaço é dos nossos corpos*.”

Não se enganem, o Senhor a que se refere aqui é a Natureza, não o Deus criador; é a fonte viva, o foco de energia espiritual da qual emanam as Ideias, as almas humanas e sua expressão conhecível, o Espírito, esse espírito que permanece sempre ligado à divina Mãe durante sua passagem pela Terra. Tudo isso é tirado de Saint-Martin através da leitura de Joseph de Maistre.

Podemos continuar essa influência profunda da doutrina martinista até os confins do Romantismo. Baudelaire ele mesmo, o satânico, não reconheceu essa doutrina na leitura das obras de Joseph de Maistre, que ele chamava, em seu entusiasmo, de “o grande gênio de nosso tempo” (carta a Toussenel)?

Lamennais

Finalmente, Lamennais se tornou o mestre pensador de toda a jovem geração romântica. Lamartine, Vigny e Victor Hugo todos passaram por La Chesnaie, a propriedade de onde Lamennais eletrizava almas belas, sedentas de belos sonhos. Eles encontraram nele os principais temas literários que ele havia desenvolvido após ler Joseph de Maistre. Já no segundo volume do “*Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*” e especialmente em “*As Palavras de um Crente*”, em 1834, Lamennais desenvolve as grandes ideias tradicionalistas, vindas diretamente do martinismo e do illuminismo. Basta ouvi-lo:

> “*Arranquemo-nos, lê-se no Ensaio sobre a Indiferença, deste mundo dos corpos, fechemos os olhos, escondamos por um momento nossa alma das impressões dos objetos externos, que a enchiam de vãos fantasmas, a desviavam da contemplação das realidades intelectuais e a faziam esquecer até sua própria natureza, ao desviá-la para o mundo dos corpos, passageira parte das ilusões que nos enganam sobre nosso ser verdadeiro, nós e nosso destino. Compreendamos que órgãos não são o homem, que a criação material não é*

> *mais que a sombra de uma criação mais nobre*.”

Todos esses temas são platônicos e já bem conhecidos: a criação, espelho de um mundo real, o das ideias arquétipicas, a ilusão dos sentidos e do corpo, etc.

> “*pela morte, a alma raptada quebra suas correntes...*”
>
> “*Toda existência emana do Ser eterno, infinito, fonte fértil das realidades, tudo sai dele, tudo nele retorna*” (Ensaio sobre a Indiferença).

Essas são as fórmulas clássicas de todo o panteísmo. Os grandes poemas humanitários do ciclo satânico, “*A Queda de um Anjo*”, “*A Divina Epopéia*”, “*Psique*”, “*Ahasverus*”, “*Prometeu Libertado*”, “*O Fim de Satã*” todos se originaram do ensino Lamenaisiano. Em particular, as *Meditações Poéticas e Religiosas* de Lamartine não são mais que um desenvolvimento em versos do ensinamento de Lamennais. Christian Maréchal se deu ao trabalho de colocar lado a lado os textos Lamenaisianos e as fórmulas de Lamartine. A semelhança é notável e os empréstimos são numerosos e incontestáveis.

Lamartine

Lamartine havia recebido em seu ambiente familiar uma boa educação cristã, complementada pelo ensinamento dos Padres da Fé, antigos jesuítas, no colégio de Bellay. No entanto, nota-se desde sua juventude uma necessidade excessiva de sonhar e de solidão, que vai provocar uma crise religiosa durante sua adolescência. Em seguida, ele retorna por algum tempo à prática religiosa. Mas sua viagem ao Oriente em 1832 provocou nele uma crise religiosa definitiva. Ele “queria seguir os passos de Cristo”. Ao retornar, ele abandonou a fé e a prática, tornou-se um admirador entusiasmado do Islã. Ele exalta o culto de Maomé:

> “*Não é apenas um culto muito filosófico”, disse ele em sua Viagem ao Oriente, “que inspirou apenas dois grandes deveres ao homem, a oração e a caridade; essas duas grandes ideias são, de fato, as mais altas verdades de nossa religião. O mahometismo deriva disso sua tolerância, que outros cultos excluíram cruelmente de seus dogmas [entenda-se, claro, a religião católica, com sua Inquisição, seu Índex e seu Santo Ofício]. Nesse aspecto, ele está mais adiantado no caminho da perfeição religiosa do que muitas religiões que o insultam e desconhecem... Na atividade religiosa, toda humana, toda prática, toda ambiciosa, podemos facilmente deixar nosso lugar na mesquita...*”

Ficamos atônitos diante da afirmação dessa tolerância do Islã. Era necessário que Lamartine tivesse os olhos singularmente fechados para não ver na Palestina e na Síria a destruição selvagem, há muitos séculos, de todas as comunidades cristãs, cujas ruínas cobrem o solo ou

permanecem enterradas sob as areias.

Em 1838, ele conheceu Alfred de Vigny na casa dos La Grange. Ele afirma que os muçulmanos são mais civilizados do que nós “devido à caridade extrema entre eles” e Vigny responde estupefato: “No entanto, o Islamismo não é mais do que um Cristianismo corrompido, você concorda!” “Um Cristianismo purificado”, responde com calor Lamartine.

Depois de seu amor pelo Islã, é preciso notar também a influência crescente nos meios românticos da filosofia hindu, ou do que se pensava dela na Europa:

> “*Eu também”, escreve ele a seu amigo Aymond de Virieu em 1838, “venho vivendo na filosofia há dez anos, mas a filosofia indiana eclipsa todas as outras*.”

Virieu o havia apresentado em 1824 ao barão d'Eckstein, que na época era chamado de “o barão sânscrito”. Foi o início de uma duradoura amizade:

> “*A Índia”, escreve Lamartine em 1856, “me revelou uma caridade mais alta do espírito humano, a caridade em relação à natureza inteira*.”
>
> “*Sonhos para sonhos”, diz ele em seu curso familiar, “preferiríamos sonhar com os brâmanes, esses teólogos filósofos da Índia primitiva, esses precursores da filosofia cristã [???]*.”

Além disso, o barão d'Eckstein, um judeu sueco convertido, havia lido tudo sobre Claude de Saint-Martin e conhecera a Índia por meio dos livros deste último, em particular na “*Introdução ao Ministério do Espírito Humano*”, publicado em 1802, que cita a Sociedade de Calcutá, fala dos Mahabharata e se refere aos trabalhos de Anquetil. Sempre que procuramos a fonte das ideias românticas, voltamos ao iluminismo dos maçons.

O Islã, o Oriente, o Budismo, mas especialmente Lamennais, são as verdadeiras fontes da poesia de Lamartine. Seu panteísmo é manifesto e abrange toda sua obra. Isso é algo que os críticos literários não viram claramente. Émile Faguet nos declara que Lamartine permaneceu cristão, “isso é incontestável”, com “uma inclinação e um hábito de espírito que o inclinam para o panteísmo”. Em seguida, ele cita dois versos famosos:

> “*Limitado em sua natureza, infinito em seus desejos*,
> *O homem é um deus caído que se lembra dos céus*.”

Ele declara que esses versos estão “em conformidade com as ideias cristãs”. No entanto, é incontestável que Lamartine não é mais cristão, que seu panteísmo é a base de seu pensamento e

que se encontra nele todo o verbosidade gnóstica. O homem não é um deus de forma alguma. Ele não caiu; o nascimento é uma ascensão à existência; em seguida, ele não se lembra dos céus; isso é a tese dos platônicos sobre a reminiscência, mas não é de forma alguma o ensinamento cristão.

Já em suas primeiras meditações, Lamartine seguiu fielmente as ideias de Lamennais. Ele opôs "este mundo dos corpos", esta "prisão vasta" onde ele deixava "errantes seus sentidos", na qual "sua alma está apertada", ao lugar sem horizonte, "ao mundo dos espíritos" em direção ao qual "ele sobe sem esforço":

> "*Sim, minha alma se deleita em sacudir suas correntes*
> *Pegue seu voo, ó minha alma, e desvista suas correntes*."

O meio mais eficaz para pegar seu voo e sacudir suas correntes não é, de fato, se suicidar?

Em "A Peregrinação de Harold", Lamartine nos mostra um adorador da Natureza, encantadora, fértil, eterna, insensível, implacável. Adoração sombria de um deus formidável e cego:

> "*Natureza, finalmente, adeus!, grita Harold...*
> *Minha voz em vão implora,*
> *E você se evapora ao olhar que a adora.*
> *Mas a morte, mais próxima, reunirá você*
> *E o corpo e esses sentidos e o que pensa em mim...*"

Lamartine havia resumido Platão em "A Morte de Sócrates":

> "*Talvez, de fato, na imensa extensão*
> *Em tudo o que se move, uma alma esteja difundida:*
> *...*
> *Que o Oceano, batendo em sua margem aterrorizada*
> *Com suas ondas rugentes, rola uma alma irritada...*
> *E que, finalmente, no céu, na terra, em todo lugar,*
> *Tudo é inteligente, tudo vive, tudo é um deus.*"

Podemos multiplicar os exemplos. Para que serve isso? Lamartine ensina que o mundo, o cosmo é divino, que nossas almas são centelhas divinas caídas na terra, aprisionadas em corpos, que elas devem libertar-se dessas correntes que são os corpos para subir novamente nesse mundo divino, mergulhando primeiro no seio da Natureza. Não é esse o essencial do ensinamento dos Gnósticos?

Os Alpes são para ele o templo tremulante onde se manifesta a divindade:

> *“Oh, cumes das montanhas! ar puro! fluxo de luz!*
> *Vento sonoro dos bosques, ondas da bruyère,*
> *Onda calma dos lagos, fluxos empoeirados das torrentes..., etc.*
> *Eu acreditava sentir Deus palpitando em meu coração!”*

Em 1836, surge “*A Queda de um Anjo*”. Lamartine nos diz em suas *Novas Confidências* que expõe nesse poema:

> “*a história da alma humana e de suas transmigrações através de existências e provações sucessivas desde o nada até a reunião ao centro universal, Deus*.”

O homem, por uma ascensão contínua, liberta-se pouco a pouco das antigas servidões nas quais ele inicialmente caiu. Sua Liberdade é o meio de sua libertação. Se ele a usa mal, ele se afunda mais na ganga da matéria. Se ele a usa bem, ele sobe em direção às formas purificadas do ser. Cédar, o anjo decaído, é o instrumento dessa reintegração. Ele se tornou fraco e ignorante após sua queda, mas não vicioso:

> “*Nós seremos bons a todos, e para que nos amem,*
> *Nós faremos aliança com os próprios leões,*
> *Com o pássaro do céu e o inseto dos campos.*”

Em seguida, ele conduz o povo de Baalbek à revolta. É o Espírito do Senhor que sopra essas tempestades, escreve Lamartine a Hyde de Neuville em 1838.

Ora, Lamartine tomou emprestado todo o assunto de seu poema de Lamennais. Este último havia escrito em seu *Ensaio de Sistema de Filosofia Católica* o seguinte esquema:

> “*A ideia de uma grande queda se encontra em toda parte na Índia e uma imensa tristeza no fundo desse abismo onde o homem caiu. Tudo é fundamentado em uma ideia fixa, a vontade firme, imutável de subir ao posto glorioso de onde ele caiu. Mas isso se mistura a ideias fortes e antigas sobre a queda dos anjos, segundo as quais Deus prometeu aos espíritos decaídos que eles poderiam recuperar sua felicidade primitiva passando por graus de expiação. Essa ideia da queda dos anjos e de sua regeneração modificou a ideia da queda do homem e produziu a crença na transmigração das almas.*”

Lamartine se refere ao seu poema como uma “épica hindustânica” em uma carta a Virieu de 15 de fevereiro de 1836.

> *“Deus, Deus, Deus, mar sem margens que contém tudo em si,*
> *Fogueira, da qual cada vida é a pálida faísca,*
> *Bloco, do qual cada existência é uma humilde parcela,*
> *Que ele viva sua vida eterna,*
> *Completa, imensa, universal.”*
>
> *“A obra do Universo é apenas conhecer-se*
> *(ou seja, conhecer que ele é divino, é a definição da Gnose)*
> *Para aquele de quem o mundo é uma emanação*
> *Tudo o que ele criou é apenas aspiração!*
> *O eterno movimento que governa a Natureza*
> *Não é nada além desse impulso de todas as criaturas*
> *Para conformar seu caminho ao desígnio eterno,*
> *E se fundir sempre mais profundamente em seu seio.”*

Reconhecemos nestes versos de “*A Queda de um Anjo*” as fórmulas gnósticas: emanação, faísca, conhecer (= Gnose), o seio de Deus, se fundir e todo o vocabulário habitual da seita. A Igreja não podia aceitar tal ensinamento e este poema, juntamente com o de “Jocelyn” que o completava, foi colocado no Índice. Ozanam já escrevera sobre isso em 1835:

> “*Este grande poeta é tão impressionável que, ao atravessar a Ásia, ele absorveu parte de suas ideias e tendências. Por força de otimismo e tolerância, ele obviamente sai da ortodoxia... É evidente que o céu da Palestina se refletiu com toda a sua intensidade na alma límpida (?) do poeta.*”

Para concluir sobre Lamartine, observamos que ele adotou de Lamennais seu amor pelo Povo.

> “*A única forma teocrática que posso imaginar para o presente e o futuro é a Liberdade, onde o Homem apenas obedece a seu pensamento divino, apenas se governa segundo sua razão iluminada por sua inteligência. É essa a forma que você pressentiu junto com todos os homens de esperança*”,

escreveu a Lamennais. De fato, acrescenta ele, a liberdade da imprensa “é a justiça divina manifestada pela palavra humana”.

Nesse contexto, é importante observar que todos os escritores românticos, mesmo um Chateaubriand que se dizia monarquista, exaltaram o Povo em um hino ininterrupto:

> “*Povo, tu és belo, tu és grande, tu és rei, tu és o reflexo de Deus, tu és o próprio Deus, tu nunca te enganas. Ó Povo, tu tens todos os direitos, tu não estás sujeito a nenhum dever. Apodera-te do que te pertence.*”

Lamartine fez tudo para realizar essa deificação do Povo.

Ele até mesmo espera o dia em que todos os homens adorarão o mesmo Deus em todas as religiões e sob todos os símbolos. Talvez já saiba que este Deus não é outro senão o Grande Arquiteto do Universo para o qual todos os olhares convergirão quando ele aparecer como o Anticristo. Ele até mesmo anuncia isso:

> “*Eu vejo aproximar-se um século melhor, um século verdadeiramente religioso, onde, se os homens não confessam Deus na mesma língua e com os mesmos símbolos, pelo menos o confessarão em todos os símbolos e em todas as línguas* ” (*Viagem ao Oriente*).

É o ecumenismo da Torre de Babel.

Lamartine terminou em 1848 como lider de um governo revolucionário[6] composto apenas de maçons e isso foi a coroação de sua vida.

Victor de Laprade

Um poeta de Lyon, que teve seu momento de celebridade, publicou em 1841 uma paráfrase de “*A Queda de um Anjo*”, intitulada “*Psique*”.

Psique é a alma humana que cedeu a uma curiosidade culpável e foi excluída do céu. Veja esta distorção fundamental do Gênesis. Deus expulsou o homem do paraíso terrestre, mas não do céu, e portanto o homem não poderia ter a reminiscência de um mundo divino onde não havia permanecido anteriormente. Psique deve expiar na terra, através de “palingenesias” purificadoras, ou seja, renascimentos sucessivos, essa falta original. Eros, “o Amor”, seu amigo do céu, vai interceder por ela:

> “*Ó Pai, não é hora de ser clemente?*”

A seguir, podemos imaginar o que acontece. O Pai proclamou a decisão clemente e justa. Psique é reintegrada ao Olimpo.

Laprade compreendeu bem a condenação de “*Éloa*”, assim como a de “*A Queda de um Anjo*”[7], e teve a astúcia seguinte para escapar da mesma condenação. Ele queria ensinar a mesma doutrina, então a transposou para a mitologia pagã. No seu Prefácio, ele escreve:

>

> *"A ideia deste mito de Psique é maravilhosamente conforme à metafísica cristã [enorme mentira que ele reconhecerá mais tarde como tal]. Por outro lado, o caráter profano do assunto deixa ao poeta toda a liberdade de que a imaginação precisa. Ao escolher sua base na mitologia pagã, uma base idêntica em essência às tradições do cristianismo [segundo mentira!!!], o autor tinha a vantagem de permanecer ao mesmo tempo no respeito por essas tradições e em plena liberdade de espírito."*

Não precisamos que ele nos diga. Por este texto, ele admite ingenuamente ou melhor, insinua que se permite usar as tradições do cristianismo da maneira que desejar, reivindicando a liberdade de tratá-las como bem entende, ou seja, de não as respeitar.

Mas, em 1857, Victor de Laprade voltou à fé de sua infância e reconheceu todo o erro que havia inspirado seu poema. No entanto, ele guardava dentro de si como o arrependimento de um belo sonho do qual precisava renunciar:

> *"Sonhar que o mal foi apagado da criação, ver ao final de todas as coisas o verdadeiro, o belo, o bem, restaurando o mundo inteiro e restituindo-lhe sua forma eterna, associar em larga medida a liberdade humana a esse trabalho do Infinito, tais hipóteses não devem deixar nenhum remorso à mente, se ela for obrigada a renunciar a elas."*

Veja a incoerência de um homem que reconhece seu erro, que dele renuncia e que continua a se deleitar nele. Satanás é singularmente poderoso em suas artimanhas para distorcer a inteligência e a vontade, e dar a suas mentiras o charme da Verdade.

E.C.

Notas

[1] N.T.: Werther é o protagonista do romance epistolar "Os Sofrimentos do Jovem Werther" (*Die Leiden des jungen Werther*), escrito por Johann Wolfgang von Goethe e publicado em 1774.

[2] N.T.: Fausto, um erudito frustrado com os limites do conhecimento humano, faz um pacto com Mefistófeles, o diabo. Em troca de sua alma, Mefistófeles promete realizar todos os desejos de Fausto e lhe proporcionar prazeres terrenos.

[3] N.T.: A tradução literal desse termo é Tempestade e Ímpeto.

[4] N.T.: Stürmer = Agitador/Provocador. No Capítulo intitulado "O abandono das moradias" em seu livro "Abreviado de Demonologia" Jean Vaquié fala sobre esse comportamento "gyrovague". Recomendamos a leitura.

[5] N.T.: *“Ó Natureza... Onde tu és anjo, onde tu és natureza, como a natureza resplandece para mim!”*

[6] N.T.: Lamartine desempenhou um papel crucial na Revolução de 1848, que depôs a Monarquia de Julho e estabeleceu a Segunda República Francesa.

[7] N.T.: Ambas escritas por Alfred de Vigny e posteriormente incluídas no *Index Librorum Prohibitorum* pelo Santo Ofício.

BIBLIOGRAFIA

- Auguste VIATTE: "*As Fontes Ocultas do Romantismo*" - Iluminismo - Teosofia, 1770-1820". (2 vol. Champion, 1928). Totalmente notável. Apenas lamenta-se que o autor tenha misturado a esse meio ocultista a obra do Padre Augustin BARRUEL, cujo pensamento não compreendeu seriamente.

Sobre o Romantismo em geral:

- Pierre LASSERRE: "*O Romantismo Francês. Ensaio sobre a Revolução nos Sentimentos e nas Ideias no século XIX*". (Calmann-Levy, 1928) Obra notável e fundamental.
- Cônego L. Cl. DELFOUR: "Catolicismo e Romantismo" (Lecène, Oudin, 1905)
- Cônego L. Cl. DELFOUR: "A Devoção de Goethe" (Aubanel, 1935), excelente.

Sobre o Romantismo alemão:

- Georges GOYAU: "*A Alemanha Religiosa. O Catolicismo*" (4 vol. Libr. Acad. Perrin, 1909-1910)

Sobre o amor romântico: o livro já célebre de

- Denis de ROUGEMONT: "*O Amor e o Ocidente*" (Plon, 1939), relaciona o amor novelesco aos Gnósticos e aos Maniqueístas e encerra sua exposição com um capítulo notável intitulado: "*Da Fidelidade*".

Algumas monografias importantes:

- Christian MARECHAL: "*Lamennais e Lamartine*" (Bloud, 1907)
- Jacques HEUGEL: "*Ensaio sobre a filosofia de Victor Hugo do ponto de vista gnóstico*" (Calmann-Lévy, 1922)
- Claudius GRILLET: "*Victor Hugo, espírita*" (Desclée de Brouwer, 1935)
- Claudius GRILLET: "*O diabo na literatura no século XIX*" (Vitte, 1935) escrito em estilo alerta e frequentemente divertido, mas muito sério de fato.
- Louis VEUILLOT: "*Estudos sobre Victor Hugo. Introdução, notas e apêndices por Eugène Veuillot*" (V. Palmé, 1886) cheios de bom senso e humor.

A REVOLUÇÃO SEXUAL, PEDRA ANGULAR DA REVOLUÇÃO - 2

A TRANSMUTAÇÃO DO HOMEM

Essa "edificação de um homem novo", essa fabricação de um ser no antípoda do Homem Cristão, utilizou múltiplos meios e, iniciada principalmente após a última guerra, felizmente, ainda não está totalmente terminada nem bem-sucedida. Parece possível distinguir três fases nesse processo revolucionário.

Em primeiro lugar, de 1945 a 1981, favorecer no homem o domínio do animal; depois, uma aceleração a partir da chegada ao poder do Socialismo e, em terceiro lugar, desde 1986, uma normalização definitiva, se nada acontecer, do homem novo programado!

I - O RETORNO AO MACACO - 1945/1981

Esta primeira fase, responsável pela aceleração sofrida durante a segunda, incidiu sobre uma nação francesa moralmente sadia e demograficamente forte.

A) A Educação Permissiva:

Após a Segunda Guerra Mundial, a taxa de natalidade era muito elevada: 2,29 filhos por mulher em 1946, 3 em 1949 e, depois, até 1973, superior a 2,2 (taxa de reposição das gerações).

Durante 25 anos, as mães foram muito numerosas, MAS as crianças nascidas entre 1946-1949 chegaram à idade adulta (maioridade da época) entre 1966-1969. Como a memória só desperta e retém verdadeiramente a partir dos 4 ou 5 anos, essas crianças não podiam ter lembrança dos anos difíceis do pós-guerra.

Pelo contrário, elas foram educadas num sistema menos exigente, desinibidor e que rapidamente se tornava cada vez mais assim. Eram as crianças da educação permissiva do pediatra norte-americano Benjamin Spock. Mimos por pais cujos rendimentos aumentavam graças ao boom econômico, por sua vez consequente do *baby boom*, esses jovens chegavam à sociedade considerando os objetos de consumo corrente, os lazeres... como um dado natural do ambiente, não como a recompensa de um esforço.

Não tendo recebido de seus pais, da Sociedade, das Igrejas e dos responsáveis educativos, ou mesmo do Estado responsável pelo bem comum, uma formação rigorosa, eles estavam prontos a usar a liberdade dada para todas as experiências possíveis.

B) A primeira pílula foi colocada à venda em 1956.

Oito anos mais tarde, a pornografia ampliou-se fortemente. A transformação dos espíritos pelas mídias, os cientistas, os educadores, as igrejas começou a realizar-se, não podendo os opositores ter uma audiência importante por falta de meios...

É preciso assinalar que a erupção libertária sexual de maio de 1968 não foi seguida pelos chefes e quadros revolucionários porque o dispositivo não estava no lugar...

Durante este primeiro período, o regime líbero-socialista no poder desde a saída do General de Gaulle promulgou uma quantidade de leis visando à destruição da ordem familiar e à libertação completa da sexualidade. Essas leis foram maioritariamente votadas graças ao apoio da oposição marxista, feliz por deixar fazer o seu trabalho por aqueles que, aos olhos dos eleitores, deveriam ter-se oposto:

Eis, aliás, o julgamento do *Nouvel Observateur* (8 de novembro de 1976) sobre o discurso de Valéry Giscard d'Estaing, proferido em La Bourboule em julho de 1975, onde o chefe de Estado afirmava propor: "*uma política ativa e global de apoio à família*". O *Nouvel Observateur* admirava-se que uma "'*terapia*' *familiar passasse pela maioridade aos 18 anos, o divórcio humanizado, a interrupção da gravidez...*" A esquerda reconhecia que Valéry Giscard d'Estaing lhe roubava o seu programa.

C) Legislação Destruidora:

Portanto, houve:

14 de dezembro de 1964: a tutela de um menor passa automaticamente ao cônjuge sobrevivente; fim dos conselhos de família: os pais podem emancipar seus filhos aos 18 anos. 13 de julho de 1965: lei sobre regimes matrimoniais; a mulher adquire o direito de administrar seus bens próprios e exercer uma profissão sem o consentimento do marido. Ela tem voz ativa para escolher uma residência ou contrair dívidas vitalícias. 28 de dezembro de 1967: Lei Neuwirth (contracepção química). Constitui o primeiro passo para o direito da mulher dispor de seu corpo. Esta lei que oficializa a revolução anticoncepcional é acompanhada - nos meios de comunicação - de um discurso que "*faz da esterilidade o estado normal, o estado de sobre-natureza do civilizado*". 4 de junho de 1970: lei sobre autoridade parental: a mãe sai da sombra em favor do casal; autoridade e proteção são compartilhadas. Adeus, pátrio poder. 3 de janeiro de 1972: lei sobre filiação; os filhos naturais ou adulterinos tornam-se herdeiros. Segundo o próprio relator, uma medida revolucionária: o casamento não é mais a única base da legitimidade. 5 de julho de 1974: lei estabelecendo a maioridade aos 18 anos. Novembro de 1974: lei Simone Veil: por um prazo de cinco anos, é autorizado o aborto (I.V.G.) livre por conveniência pessoal. 5 de maio de 1975: lei sobre a obrigatoriedade de aulas de educação sexual nas escolas; ampliação da Lei Neuwirth: venda livre de contraceptivos para menores. 11 de julho de 1975: lei Lecanuet facilitando e

organizando o divórcio. Em particular, é admitido como fator gerador de divórcio, a ruptura já consumada da vida conjugal seja por separação de fato prolongada, seja por internação devido à alienação mental. Uma série de leis fiscais penalizando o casamento:

de 1976 a 1978: Imposto de Solidariedade dividido por 2 à igualdade de rendimentos; Leis sobre mais-valias imobiliárias; Leis Monory sobre deduções fiscais concedidas para compra de valores mobiliários... etc.

1979: Lei Monique Pelletier reconduzindo definitivamente a lei S. Veil sobre o aborto - concedendo também ajuda médica gratuita - anonimamente e sem formalidades a toda mulher destituída de recursos. Muito orgulhosa de sua obra, M.P. declarava no *Le Figaro* de 11/12/82, que em 1980, 95% dos pedidos feitos nesse título haviam sido aceitos.

17 de julho de 1980: contra as famílias de 3 filhos e mais representando um espírito e uma moral a fazer desaparecer: Lei M. Pelletier suprime o último parágrafo do artigo 8 do Código da Família e da Assistência Social que exigia que os pais e mães de família tendo pelo menos 3 filhos, dos quais 1 menor, fossem maioria nos Conselhos das Uniões de Associações Familiares.

D) Resultados concretos: suicídio coletivo... Um ano antes de seu inelutável substituição pelo Chefe do Partido Socialista - já que um terço dos eleitores se absterão não podendo votar conforme sua moral e sua fé - V.G.E. podia estar orgulhoso de sua obra.

Desde os anos 64 e seguintes, a queda da natalidade havia se feito sentir. Os jovens de 20 anos em 66-69 suportaram e aceitaram alegremente a mudança, o que fez passar desde 1973, a taxa de natalidade abaixo de 2,1. A reposição da geração não se fazia mais.

As leis giscardiano-marxistas nos conduzem "*rumo a um futuro sem ter havido pois no final de 1981, nos aproximávamos dos 1,8 filho por mulher e perdemos em 10 anos 1.700.000 crianças.*"

Afirmação e demonstrações feitas pelo Professor Chaunu em numerosas obras, que fornecem os elementos essenciais propostos neste capítulo.

E) Resultados sociais: inversão moral...

Esse arsenal legislativo, que no final de 1987 não se cogita questionar, levou a opinião pública ao "*momento em que a contracepção é afirmada não mais como uma possibilidade, como um recurso, mas como um direito.*

É (então) normal que o crime imperdoável seja o da Vida surgida no seio materno em violação da Conquista nº 1 da nova Ética."

Ora, a contracepção hormonal não é bem tolerada por muito tempo por múltiplas razões. O Poder considerou normal e útil descriminalizar o aborto.

Sabia muito bem que "*em sociedades dessacralizadas, a ética se confunde com o direito positivo, (e) a descriminalização acarreta uma desculpabilização... É por isso que, (em) todos os países que* '*liberalizaram*' *a interrupção da gravidez, a descriminalização-desculpabilização leva a uma*

multiplicação por 3 a 10 do número de abortos voluntários."

Essa "*nova contracepção cria um estado secundário de esterilidade. Ela exige, portanto, (para os casais que desejam ter filhos) uma vontade positiva clara de atualizar a vida, aqui e agora. O planejamento familiar elimina o desejo obscuro, toda a franja sombria do desejo de vida e do medo.*

As crianças não desejadas eram eliminadas ontem. Só nasciam as crianças desejadas e as crianças aceitas. Estas últimas, as pesquisas provam, são as mais amadas porque se espera menos delas.

A eliminação das crianças aceitas acarreta quase inevitavelmente a eliminação da fração outrora mais inteligente da humanidade."

Não apenas 80% dos casais - cada vez menos casados - só aceitavam a criança desejada, querida, programada... a criança do orgulho, em oposição à aceitação "*Fiat*" das consequências do Amor, mas o casal buscava na criança algo novo.

> "*A criança certamente ainda é desejada, mas principalmente como um parceiro que enriquece o casal e diversifica as trocas... Nessas condições e considerando o imperativo da disponibilidade permanente, o que importa é ter experimentado a função parental e não ter se sobrecarregado com uma descendência numerosa*."

Será fácil constatar a influência do orgulho no espírito das futuras mães, através dos progressos técnicos realizados pela médico-gineco-cirurgia para concretizar o desejo de ter filhos, utilizando meios desprovidos de qualquer moral, o que orienta a pesquisa para um binômio fecundação-incubação absolutamente artificial - por um lado - e, por outro, através da exigência dos pais de receber, ao final, um recém-nascido bem constituído, deixando total liberdade aos médicos para eliminar os possíveis deficientes ou certos outros.

Essa modificação profunda da natureza humana foi favorecida por todos os fatores relativos à educação, à cultura e ao trabalho.

- a revolução terciária, ao provocar um forte apelo de mão de obra feminina fora do ambiente familiar - sem que o Estado permita a livre escolha por meio da concessão de vantagens financeiras à mãe que permanece no lar - contribuiu de forma decisiva para o aumento monetário e psicológico do custo da criança, favorecendo sua responsabilização pela Educação Nacional.
- O sucesso alcançado pela instrução das jovens mulheres desenvolveu a necessidade de rentabilização do capital financeiro investido e do capital intelectual e técnico adquirido. A noção de carreira se apossou do feminino. A autonomia garantida pela lei, se favoreceu o inchaço do "Eu", impulsionou no sentido da vida individualista: não se sobrecarregar com um homem... ou, no mínimo, com filhos...

O custo das moradias e sua concepção, opostos à existência de famílias numerosas, aglomerou massas de inquilinos em conjuntos habitacionais propícios à promiscuidade libertária, às iniciações precoces e à emancipação dos jovens atraídos pela vida em "bando". Os avós, afastados pelos arquitetos e incorporadores para outras unidades, não podiam mais desempenhar seu papel complementar de educadores e assistentes. Iam, ao contrário, aproveitar ao máximo, mas egoisticamente, de sua aposentadoria... fonte de empregos e lucros para uma nova raça de animadores: *o súbito crescimento do lazer*, organizado e favorecido pelas leis sociais, pela mídia e pelos grupos capitalistas.

Foi esse enorme aumento do tempo livre que impulsionou essa geração maleável e frágil, abandonada a si mesma, vivendo em um consenso preparado e sob leis libertárias que faziam desaparecer os hábitos morais adquiridos, a investir, de forma diferente, mas ao mesmo tempo que seus pais, no prazer único, nos meios de "gozar".

o prazer acessível só poderia ser de baixo nível e obtido sem esforço ou com o mínimo de dificuldades, pois "*as possibilidades de prazer e distração são função de uma educação e de um nível de cultura.*"

A educação não havia sido feita, antes recusada ou rejeitada, e por meio século a cultura esteve nas mãos dos marxistas.

Desenvolveu-se, portanto, sob o olhar tolerante e cúmplice do poder, uma busca pela fruição - prazer no estilo "*carpe diem*" por cada indivíduo - tornando a noção de casal acessória.

Em primeiro lugar - o que não é condenável, mas em sua *frenesi* assinala o novo espírito - busca-se a mais rápida possível ascensão à posse de bens ditos de consumo, e entre estes, os últimos criados pelo homem... a moda devendo ser seguida. Esses bens vão de utensílios domésticos aos meios necessários às atividades "lúdicas".

o jogo implica a festa, a animação permanente de indivíduos descerebrados que exigem ser cuidados pelos "organizadores".

A festa implica a possibilidade de todas as experiências - da droga à adesão a seitas - passando pela mais fácil, a menos onerosa: a experiência sexual... ou prazer garantido.

Infelizmente, "*o prazer sexual está ligado à pulsão. Qualquer que seja o nível de técnica utilizado, a pulsão é fugaz. As pulsões sexuais declinam muito mais rapidamente do que as outras aptidões físicas e, a fortiori, intelectuais.*

Um grupo que espera muito do prazer sexual - que requer essencialmente lazer - não pode adiar para o dia seguinte. Só pode esperar do instante."

F) Evolução reversa:

a explosão sexual, que rompeu o núcleo matrimonial, nos retorna à concentração no instante da vida primitiva. A dessacralização, a recusa do discurso sobre a morte, a perda da noção de sobrevivência de nossa espécie nos afasta da filiação humana, desse homem que "*há 40.000*

anos... enterrou e chorou o primeiro morto... tomando consciência da temporalidade, da irreversibilidade do tempo."

O homem moderno torna-se um animal, ao recusar "*o que distingue o homem, objetivamente alguém, dos outros seres do mundo visível que, estes sim, objetivamente, nunca são senão alguma coisa.*"

Essa animalização, um verdadeiro rebaixamento do *homo sapiens*, é demonstrada pelo Professor Pierre P. Grasse em seu livro "*Tu, esse Pequeno Deus*".

> "*O Universo do Homem é o da consciência, da razão e da 'finalização' das condutas, mas é também e sobretudo o do bem e do mal, o da moral*".

Sendo "*privado dos mecanismos automáticos (no plano sexual: cio) que regulam o comportamento dos animais, (ele) se vê na obrigação de construir sua conduta e não pode deixar de lhe atribuir um propósito*". "*O fenômeno moral é, muito mais que o riso, o próprio do Homem*".

Quando o Homem ignora ou recusa o julgamento moral... ele faz o Papel do Macaco que "*imita os atos humanos, é o seu espelho, mas esvazia esses atos de seu significado e que, para dizer tudo, os desumaniza, pois a intenção em segundo grau lhe é vedada... a finalização de seus atos não ultrapassa o imediato*."

II - O MACACO ENCANTADO - 1981...

A) O impulso socialista:

Na euforia popular, o ano de 1981 deu o poder à União da Esquerda, liderada por François Mitterrand, enfim presidente da república.

Resultado obtido graças à abstenção de quase um terço dos eleitores: era impossível, para os Cristãos ainda lúcidos, conceder mais uma vez sua confiança àquele que tão bem os havia traído.

Dissimulado na rosa e na festa, a armadilha se fechou sobre o sósia simiesco do Homem. Os novos governantes se encarregariam de reforçar esse cativeiro.

"*Se o tempo lhes for generosamente contado, seremos levados até o termo onde o ressurgimento de uma sociedade de liberdade será, a olhos humanos, impossível...*" escrevia P. Chaunu em "*Pela História*".

E acrescentava:

>

> "*Pode-se perguntar se (sua) política é efeito do ódio ou da estupidez. Falsa alternativa, um não exclui o outro.*"

O eminente historiador poderia ter escrito a mesma coisa sobre os governos supostamente de direita que haviam precedido a nova Frente Popular!

"Ódio ou estupidez"! Todo Cristão sabe que a Besta encarna a totalidade do Ódio contra Deus, o Cordeiro e a Mulher. O representante da Besta exerce o poder que ela lhe confiou para perder os Homens e fazê-los adorá-la... sob formas múltiplas, prazeres e riquezas entre outras.

Enquanto os indivíduos se atordoam com os ruídos da festa e se cegam com suas paixões animais, ele trabalha, em nome da liberdade republicana, para suprimir definitivamente a verdadeira dignidade do Homem e sua verdadeira independência, favorecendo e facilitando sua recusa à autoridade de Deus, seu Criador.

Giscardianos, depois Mitterrandistas, continuavam a destruir a Fazenda, a destruir seu domínio por excelência, a célula familiar, "*porque ela forma a parte viva de uma sociedade civil autônoma, não redutível ao (Leviatã moderno) grande Estado... que deve tudo absorver, digerir, triturar e empurrar para o grande clube da quarta idade onde um povo de aposentados sem aposentadoria será informado de sua felicidade pelo grande sistema de educação e comunicação unificado*".

B) A maternidade, posta à fogueira republicana:

Dando continuidade ao esforço de antecessores imperdoáveis, "*o governo socialista (empenhou-se) com sucesso em serrar o galho sobre o qual (a nação francesa estava) em frágil equilíbrio demográfico.*"

Desde outubro de 1981, em Decazeville, o primeiro-ministro anuncia a cor ao atribuir "*o desemprego ao fato de os franceses terem tido duas vezes mais filhos que o normal*", gafe de um homem que domina mal a língua e a informação... A inverdade do discurso de Decazeville não foi efeito de um lapso; esse estúpido aforismo é um dogma da Ideologia... a família normal, aquela que está de acordo com a norma socialista, é a família de um filho, no máximo, de dois.

Os atos seguiram-se: "*a nova lei de finanças praticamente suprimiu o quociente familiar em nome da igualdade, sem redistribuir por crédito fiscal aos menos favorecidos os 2 bilhões surripiados das famílias de classe média...*

O governo empreendeu uma campanha de propaganda anticoncepcional... spots publicitários, cartazes em lugares públicos...

Ele culpabiliza a escolha do filho... (Suprime) as vantagens concedidas às famílias de três filhos. (Os subsídios pré e pós-natais, o complemento familiar não são mais revalorizados).

A medida mais estúpida - e de longe - (foi) a redução da idade da aposentadoria. A redução da idade da aposentadoria é, para uma população envelhecida, uma medida suicida. As somas

fabulosas desperdiçadas permitiriam financiar a única medida eficaz de justiça social: o salário parental e a assunção total, nas carreiras femininas, do encargo do filho."

No início de 1982, o ministro Badinter faz suprimir a noção penal de delito sexual para relações entre adulto e crianças do mesmo sexo...

O que deve ter enchido de satisfação o ministro da Educação pretensamente nacional, Senhor Chevènement, líder do Céres, principal redator do Projeto Socialista onde estavam inscritos: "*o livre direito à contracepção e à supressão da autoridade parental em matéria de interrupção voluntária da gravidez para as menores; um desenvolvimento considerável da educação sexual na escola e a revisão das atitudes sistematicamente repressivas relativas à sexualidade dos menores.* "

Este último ponto sendo adquirido, a propaganda oficial intensificou-se com a distribuição, a centenas de milhares de exemplares, nos centros escolares, de uma obra oficial de educação sexual, o documento: "*Eu amo, eu me informo.*"

A obra ensina aos alunos do ensino fundamental que em matéria sexual tudo é normal: onanismo, homossexualidade, sodomia, incesto, zoofilia, individual e coletivamente.

Ela fornece endereços úteis aos adolescentes, entre os quais os dos centros homossexuais em Paris e no interior.

Também aconselha alguns livros... tais como "*O amor não é triste*", em glória dos homossexuais, dos ambivalentes, dos pedófilos,... do incesto "*relação amorosa perfeitamente satisfatória*"... ou "*O bom sexo ilustrado*", em glória da libertação sexual: "*no fim da liberdade sexual, é a civilização que começa e a sociedade de exploração que morre*", esmagando de passagem o pai de família "proprietário e tira".

"*Editado em 500.000 exemplares às custas dos contribuintes por Edwige Avice, ministra dos Esportes e da Juventude, com a colaboração dos ministérios dos Direitos da Mulher, da Saúde, da Federação das Escolas de Educadores e da Mútua dos Estudantes.*

Ele denuncia a tortura intolerável que constitui a autoridade parental e a vida familiar."

"*Fornecendo informações práticas por um custo estéril, ele convida ao aborto garantido e nacional em nome do 'direito dos jovens*'".

C) "Sem liberdade para os inimigos da Liberdade":

Esta obra-prima da literatura reforçava junto à juventude – os pais e mães de amanhã – o impacto da lei Roudy de 10 de dezembro de 1982.

Ela põe fim à evolução legal, banalizando o aborto – a partir de então assimilado a uma simples intervenção médica custeada pela Seguridade Social.

O fato de ser legal e reembolsado suprime todo sentimento de culpa: a lei civil "faz" a moral... Durante a discussão de seu texto no Parlamento, o ministro reconheceu: "*o reembolso é (...) a remoção de um pouco dessa culpa que nossa cultura (judaico-cristã) ainda impõe às mulheres, no momento em que se trata de disporem de seus corpos*".

O Governo, não querendo que os Segurados Sociais "*sofram com a medida, reembolsará os Fundos da Seguridade Social retirando os valores necessários do montante dos impostos*."

Duas observações essenciais devem ser feitas:

Primeiramente sobre o papel da Seguridade Social, depois sobre a atitude do poder. É preciso dizer que atualmente a Seguridade Social não cobre despesas dentárias, compras de óculos; que para diversos medicamentos, incluindo os antitussígenos, ela anulou ou reduziu o valor do reembolso; que ela deixa a cargo dos interessados, total ou parcialmente, numerosos nascimentos relacionados à maternidade, ao parto (parto por cesariana), à luta contra a esterilidade... etc. O poder, por meio desta lei, 'põe fim ao estado de direito'.

Quando quase um em cada dois cidadãos considera que, como a ciência confirma, o feto é plenamente humano desde sua concepção, obrigar homens e mulheres que têm essa convicção no coração a se tornarem, com seu dinheiro, cúmplices do que consideram justamente como um assassinato, infanticídio com premeditação e circunstâncias agravantes, constitui o mais grave atentado à liberdade de consciência desde o Decreto de Diocleciano e a revogação do Édito de Nantes.

"*O reembolso do aborto é a faixa amarela. Além disso, não há Estado de Direito. Além disso, César não é mais César, o príncipe não é mais que o tirano.*"

A demonstração está feita! "*para esta sociedade de Procusto, o bom filho destinado teoricamente ao grande serviço unificado de educação socialista é a criança morta*". A criança sobrevivente deveria, pelo sistema, ser moralmente morta.

D) Julgar a árvore pelos seus frutos!

Os números não enganam, "*todos os países que liberaram a 'interrupção da gravidez' (viram que) a despenalização-desculpabilização leva a uma multiplicação por 3 a 10 do número de abortos voluntários.*" E a Sra. Roudy estimava o número nacional, no momento da promulgação de sua lei, em 260.000/ano.

A consequência desta lei sobre a natalidade foi dramática. No entanto, antes é preciso sinalizar a inevitável progressão antirreprodutiva que representa a vulgarização do aborto.

"*O aborto é um complemento necessário (da contracepção hormonal)... Qualquer que seja a técnica empregada, a interrupção da gravidez é perigosa para a mulher... Em toda parte, as consequências prejudiciais à saúde da população feminina aumentam sempre massivamente... Daí o terceiro recurso à esterilização voluntária.*"

É evidente que, para os homens, trata-se apenas de uma simples vasectomia, permitindo o acasalamento estéril...

No mundo, o número de esterilizados aumenta muito rapidamente e a França não escapa dessa evolução lógica:

"Em 1977, 80 milhões de casais (no mundo) recorreram à esterilização: esse nível é igual a um terço dos 240 milhões de casais que utilizam as novas contracepções tóxicas e mutilantes. (o número era de) 100 milhões no início de 1980. A ONU (que incentiva o crime inexpiável) prevê 200 milhões em 1985. Em 1977, China, Índia e EUA concentravam 85% dessas mutilações irreversíveis. A esterilização é praticada, ilegalmente, em série, na França, em clínicas e hospitais."

Mas é necessário retornar aos números relativos à natalidade. Graças ao poder socialista "somos todos assassinos". Ele "*atingiu plenamente o objetivo que talvez não tivesse se proposto de forma totalmente consciente... O entalhe que gravamos na carne da nossa carne, o entalhe que escavamos com todos esses mortos sem sepultura ao pé da pirâmide etária rachada, está tomando uma importância comparável ao déficit de vidas causado pela guerra de 1914-1918. Agora, a grande máquina estúpida está em movimento.*"

"*Em três meses, de dezembro de 1982 a março de 1983, o efeito de recuperação obtido em quatro anos (do mandato anterior) foi integralmente desperdiçado... o vale de março de 1983 é de -10,6% em relação a março de 1982, abril se anuncia a -11% e o início de maio, ainda pior. O índice de fecundidade caiu para 1,76 em abril de 1983.*"

Durante esse ano, a Nação perdeu quase 70.000 nascimentos a mais. Esse número é, tirando algumas pequenas variações, o montante anual negativo que acentua regularmente o déficit.

III - AMANHÃ O MACACO NORMALIZADO - 1986 A ... ?

A) O que há de novo?

O colapso demográfico iniciado após as medidas legislativas, apoiadas por uma mídia subserviente, tomadas pelos homens de Valery Giscard d'Estaing e François Mitterrand, todos homens de esquerda independentemente das aparências, leva a França a:

"*A situação de não retorno total, que já é a da Alemanha, do Norte da Itália, da Dinamarca... com 1,25 a 1,40 filho por mulher, anuncia o Professor Chaunu, se uma mudança total não vier modificar os fatores postos em prática...*"

As eleições de 1986 não mudaram nada e não poderiam dar outro resultado, já que na maioria se encontram, mais ou menos, todos os responsáveis pelas medidas tomadas antes de 1981.

O discurso tornou-se mais moderado, mais sedutor em relação aos abstencionistas... aos cristãos sólidos que julgam a árvore pelos frutos!

Foi assim que, em novembro de 1987, a ministra da saúde, Sra. Michèle Barzach, respondendo a uma pergunta sobre um projeto de eutanásia de recém-nascidos deficientes, exclamou com

tocante sinceridade: "*Que sociedade estamos preparando, se o Estado deve legislar sobre a vida, sobre a morte, sobre o amor?*"

Belas palavras cujo sentido é preciso, por exemplo, iluminar pelo conteúdo do discurso por ela proferido, quatorze meses antes, na abertura do IX Congresso Internacional da Família.

A ministra afirmava sua vontade de conceder a mesma consideração política a todas as formas de famílias oriundas da evolução dos costumes. Evolução que ela pretendia colocar como base de suas futuras decisões, recusando aceitar 'uma espécie de retorno aos valores conservadores'.

Método que obriga, em nome da liberdade e da igualdade republicana, a não tomar medidas substanciais que possam orientar o amor para favorecer a formação de um casal legal de Cônjuges, marido e mulher, constituído na vontade de serem fiéis um ao outro para sempre e de terem filhos.

B) Cada um com seu modelo:

Recusando-se a considerar as indicações do INED, da APRD, de sociólogos e demógrafos sérios como os Senhores Savoy ou Chaunu...

de médicos qualificados, há quarenta anos os governantes da França "falam sem ouvir, escrevem sem ler e decidem sem refletir" pois só dão importância às palavras dos grupos e mídias subordinados ao mesmo sistema materialista, ou que têm com estes, os olhos de Chirène para seu respectivo modelo: o Soviético para os social-marxistas, o Sueco para os sociais-democratas.

1 - O modelo do "Grande Irmão":

os princípios da revolução "sexual" desenvolvidos na URSS foram definidos, já em 1920, apesar da oposição de alguns dirigentes que permaneciam nesse ponto "conservadores", por uma mulher, Alexandra Kollontai, membro do Comitê Central do partido bolchevique, depois Comissária do Povo para a Assistência Pública e, em seguida, para a seguridade social.

Sua concepção, derivada da análise de Marx e Engels, pregava a "libertação" da mulher, a desagregação da família tradicional e o estabelecimento de uma "nova" moral.

Longe de combater a miséria das famílias operárias, denunciar o abuso do liberalismo e dar assim lições à Igreja, ao contrário, com K. Marx, A. Kollontai se congratula por que assim a mulher enviada à fábrica, a moral conjugal degradada, as crianças arrancadas do lar tenham sido a etapa necessária da evolução rumo ao tipo marxista de educação e de sociedade conjugal:

Uma mulher "nova" aparecerá... Para que ela tenha a possibilidade de participar do trabalho produtivo, é preciso tirar dos ombros da mulher todos os cuidados ligados à maternidade e encarregar a coletividade deles, convencionando-se, por isso mesmo, que a educação dos crianças sai do quadro da estrutura familiar para se tornar uma instituição social, uma questão de Estado...

A mulher nova terá sido preparada para viver o grande amor "*união profunda da alma e do corpo - pelo exercício do amor-jogo, da amizade erótica... e amanhã... tendo a revolução triunfado e se*

consolidado, a Senhora Kollontai anuncia o advento do 'Eros alado', forma do amor-camaradagem... forma nova da antiga família que será a união de dois membros iguais da sociedade comunista, ambos livres, ambos independentes, ambos trabalhadores e, diz ela, 'ver-se-á o casamento purificado de todo o lado material, de todos os cálculos de dinheiro, essa chaga hedionda da vida familiar de nossos dias. O casamento se transforma então nessa associação sublime de duas almas que se amam'.

As teorias dessa senhora foram aplicadas ao povo russo com períodos duros e momentos mais calmos. Os resultados? Embora o artigo 122 da constituição Soviética estipule: 'Direitos iguais aos do homem são concedidos à mulher... em todos os domínios da vida cultural, econômica, pública, social e política', é preciso constatar com o Sr. Carrere d'Encausse que 'a mulher soviética é a mais maltratada na jurisdição mais favorável... a existência da mulher soviética é horrível'.

Na URSS, 80% das mulheres trabalham fora de casa 'o nível que abertamente se fixou a política (socialista) atual...'

A Rússia e os países do Leste demonstram com clareza que o sistema é totalmente contraditório com a existência de famílias com mais de dois filhos. A URSS realiza anualmente um pouco mais de 10 milhões de abortos para 4,8 milhões de nascimentos.

É preciso, para substituir a geração, pelo menos 30 a 35% de famílias com 3 filhos ou mais. Uma minoria de famílias muito numerosas nas repúblicas muçulmanas mantém a URSS em quase equilíbrio ao preço, é verdade, de uma convulsão interna que o império compensa por uma hiper-agressividade para o exterior".

Essa substituição progressiva dos nacionais de origem, da mesma religião, da mesma cultura, da mesma disposição em relação à Pátria França, não é a solução aceita e facilitada por uma forte maioria de políticos que vão do RPR ao PC?

Existe outro Estado marxista onde o Presidente e os ministros viajantes têm todo o tempo para se documentar: a República Popular da China. O programa chinês anti-vida deve fazer empalidecer de inveja todas as nossas senhoras, de Roudy a Veil...

"*Lançada em 1981, a campanha 'uma família-um filho' é aplicada com cada vez mais rigor...*"

É proibido casar antes dos 25 anos. A continência é obrigatória... o arsenal contraceptivo é negado às meninas... e ai se um "acidente" acontecer.

Posteriormente, casada, tudo está à disposição da mulher para que ela não possa ter mais de um filho, as ordens são taxativas.

"É estritamente proibido deixar viver o segundo filho do qual uma mãe dá à luz... Ao aparecimento do crânio, uma injeção (intra-frontanel) eutanásica é praticada pelo médico obstetra.

Os colegas de trabalho que não denunciam uma mãe cuja gravidez está 'ilegalmente' perdida perdem todos os seus bônus...

As infratoras denunciadas são abortadas até o 7º mês e, além disso, pratica-se uma cesariana cujo resultado é sempre fatal para o feto...

Às vezes se tolera um segundo filho, principalmente no campo, mas ele será privado de tickets de racionamento e seus pais terão seu salário reduzido em dez a vinte por cento...

Segundo as tradições ancestrais, é indispensável ter um menino. As famílias... recorrem massivamente ao infanticídio e ao abandono. Mais de 3 milhões de bebês meninas foram vítimas disso nos últimos dois anos. Resultado: em alguns distritos, entre os recém-nascidos, contam-se 65% de meninos contra 35% de meninas."

2 - o modelo sueco:

Já foi exportado para os Estados nórdicos vizinhos. "*Quase não há diferença entre o comportamento dos dinamarqueses, finlandeses ou noruegueses e o dos suecos.*" A política do sexo desenvolvida nesses países é o elemento essencial da "normalização" dos habitantes.

De fato, "*a liberdade dos costumes não é necessariamente espontânea; assim como a repressão, ela pode esconder motivações políticas*" que fazem com que "*sob a bandeira da permissividade se alinhem as forças progressistas, ou seja, a ala esquerda: social-democratas, liberais e as frações radicais de vários outros partidos.*" Graças a um trabalho de cada instante, esses políticos conseguiram a mutação: "*Na Suécia, a palavra 'liberdade' é quase exclusivamente reservada ao domínio sexual... O sueco se acredita livre, e só considera a liberdade em termos sexuais.*"

Aldous Huxley havia previsto essa evolução dirigida:

> "*À medida que a liberdade política e econômica diminui, a liberdade sexual tende a aumentar como compensação. E o ditador será sábio em encorajar essa liberdade. Somando-se ao direito de sonhar sob a influência da droga, do cinema, do rádio, ela contribuirá para reconciliar seus súditos com a servidão que é seu destino*."

Quais foram as grandes linhas do estabelecimento da liberdade sexual, em um país sem fé religiosa... ao contrário da Santa Rússia ortodoxa... que ainda resiste... individualmente...?

"*A Educação sexual tornou-se obrigatória em todas as escolas desde 1956... Na escola, incute-se nas crianças a ideia de que a emancipação sexual (incluindo zoofilia) é seu direito inato... No centro de todos os cursos está a pílula ou melhor, a contracepção em todas as suas formas... O sexo é considerado um pouco como o futebol e o rugby o são nas public-schools inglesas.*"

"As autoridades pedagógicas reconhecem que a cópula dos adolescentes é um esporte oficialmente aprovado e um fator de adaptação social."

"*A sexualidade e a moral são da competência da RFSU (em francês, associação nacional para a educação sexual). É uma organização cooperativa, muito próxima do movimento operário. Ela*

*exerce três funções: a difusão da técnica erótica, a do controle de natalidade e a modificação da '**moral**'...*"

"*Ela incentiva a atividade sexual considerada como a válvula de segurança da sociedade...*"

"*...O casamento, simples contrato que os signatários podem estabelecer ou rescindir à vontade por uma simples formalidade administrativa, aliás, tornou-se praticamente livre...*"

"*A sexualidade é libertada de todo sentimento de culpa*." Resultados: "*realizam-se (atualmente) 36 abortos para 100 nascimentos, a fecundidade (1,6) está mais distante do que a nossa do equilíbrio, 40 nascimentos em cada 100 ocorrem fora do casamento, um casamento em cada dois termina em divórcio, graças ao que a Suécia é hoje o país mais velho da Europa: foi necessário, portanto, adiar a idade da aposentadoria.*"

"*A diretoria do mercado de trabalho (considerava) que as mulheres não podem... beneficiar do privilégio de ficar em casa... os teóricos da educação desejam que o pai e a mãe estejam ocupados longe de casa, de modo que as crianças não possam ficar nela... O rádio e a TV apoiaram o esforço feito no plano escolar: suprimiu-se dos programas infantis tudo o que pudesse sugerir '**uma discriminação dos papéis sexuais**'. A criança na creche... na maternal... a mãe no trabalho... sem família... sem filho... e os genitores condenados aos trabalhos perpétuos!*

Cobrindo toda a vida social, estende-se o Estado-Providência: a Assistência social (a seguridade) cobre um domínio bem mais amplo do que nos outros países ocidentais e oferece, consequentemente, maiores possibilidades de manipulação... Ela se preocupa em guiar socialmente o cidadão... (Ela) significa... também vigilância do comportamento."

A exemplo deste paraíso terrestre, a Dinamarca "*implementou em 1975 um sistema de manipulação da opinião pública por uma propaganda oficial que foi copiada pela Senhora Roudy... Em 6 anos, a fecundidade caiu 25%... A proporção dos abortos em relação aos nascimentos subiu de 39 para 43%,... 20% dos casais estão agora esterilizados... Neste caminho em que nos precedeu, graças a essa política que acabamos de lhe tomar emprestado, a Dinamarca tinha 1,40 filho por mulher em 1982... 1,40 é a taxa na França de Rennes e das cidades mantidas há muito tempo por municipalidades socialistas...*"

Certamente, a média francesa ainda não está tão baixa. Ela se mantém na mesma ladeira!

É preciso constatar que o conjunto legislativo promulgado e mantido pelos governantes da França há mais de trinta anos, apoiado pela mesma propaganda da parte da mídia, é globalmente idêntico ao desenvolvido nos dois sistemas analisados.

Similaridade que é a prova tangível de uma orquestração supranacional, portanto, antinacional!

As mesmas causas produzindo os mesmos efeitos, o colapso moral seguido, inevitavelmente, do colapso demográfico conduz a Nação francesa cristã ou de costumes cristãos à sua extinção.

Fica bem entendido que este processo de animalização e destruição não diz respeito às entidades de religião judaica ou islâmica que praticam eficazmente o apartheid.

C) a continuidade do Sistema induz:

Unanimidade e continuidade na técnica de subversão.

O Poder e a classe política quadrúpede, por um lado; os meios de comunicação, os agrupamentos e os organismos mais ou menos internacionais, cuja potência e a audiência daí decorrentes se devem à sua pertença ao Sistema e à sua docilidade, por outro lado, continuam a pressionar a opinião pública para impor as suas diretrizes.

Sem pudor, são utilizadas por todos as mesmas técnicas de violação das consciências: uso sistemático da língua de madeira que permite um discurso onde cada um pode encontrar satisfação, desinformação, afirmações de proposições falsas... mentiras!

Assim, o Sistema decidiu:

1. PROCLAMAR ao mais alto nível e de forma descarada que o desemprego atual se deve aos numerosos nascimentos dos anos de 1945 a 1962 (2,8 filhos por mulher). Isto é "*uma contraverdade científica: natalidade = desemprego, enquanto 50% do desemprego se deve ao colapso da procura consequente ao défice de 3 milhões de menores de 15 anos.*"

Desde 1986, a nova maioria nada fez para se opor a esta mistificação que favorece a recusa da criança.

2. IMPULSIONAR a mulher para o trabalho exterior, concedendo agora vantagens financeiras apenas à mãe assalariada ou que o tenha sido, e facilitando a guarda da criança, que incomoda, por terceiros, para que a mãe retome o trabalho.

A prova matemática do erro voluntário assumido pelos "libertadores da mulher", marxistas e capitalistas liberais, quanto ao trabalho feminino é fornecida de forma irrefutável por Pierre Chaunu. O seu cálculo foi feito em 1984 e a situação piorou bastante desde então:

"*2 200 000 mulheres que teriam tido 3 ou 4 filhos dez a quinze anos mais cedo (anos 1969-1974) limitaram a sua descendência ao filho único... 65% hoje das mulheres que têm 1 ou 2 filhos são ativas... (com emprego ou desempregadas), a proporção cai para 20% para aquelas que têm 3 ou 4 filhos... O efeito de limiar sobre a atividade feminina exterior do 3º filho não cessou de se reforçar... Resulta desta observação que a 2 600 000 crianças a menos em França, das quais 2 200 000 de terceira ordem e mais, correspondem 800 a 900 000 pedidos de emprego feminino suplementares...*"

"A este transferência prejudicial à procura de emprego acrescenta-se o efeito diretamente depressivo sobre o mercado de 3 milhões de crianças não nascidas... o colapso da fecundidade é, portanto, diretamente responsável por uma subatividade persistente dos ramos tradicionais e por um desperdício geral dos equipamentos em vigor... Porque até aos 20 anos, uma criança, e mais ainda um adolescente, nas nossas sociedades de reprogramação lenta e complexa é um consumidor... (os economistas e os demógrafos estimam que a cada grupo de cerca de 7 crianças corresponde um emprego.) No total, portanto, são 1 200 000 desempregados para França" que representa a recusa da vida.

3. CAMUFLAR ("pudor oficial" escreve Pierre Chaunu) os resultados do recenseamento de 1982, não recordando "*o colapso de quase metade da fecundidade em 10 anos.*" (1)

4. UTILIZAR fraudulentamente os fluxos migratórios internos para esconder o colapso dos nascimentos. "*Todas as regiões do Sul que têm a fecundidade mais baixa beneficiam agora de um saldo migratório largamente positivo que mascara uma parte da implosão interna. Funcionam, portanto, como creches*." (2)

5. NEGAR que a legalização-reembolso do aborto acarreta, em dez anos, uma enorme queda da natalidade, ignorando as estatísticas estabelecidas noutros países que nos precederam na liberalização.

6. AFIRMAR que nalguns países onde o aborto é muito livre, o número das IVG já não progride: assim para a Holanda (documento da O.N.U.): se os abortos diminuem, é porque o número de esterilizações aumenta (108 000 esterilizações em 1979, ou seja, ao nível da população francesa 450 000; 6 esterilizações para 10 nascimentos.) (3)

7. SILENCIAR os resultados das observações feitas no mundo pelos médicos ginecologistas desde o início da utilização da pílula e dos outros meios contraceptivos:

- hormonas excedentárias bloqueando a ovulação e envelhecendo prematuramente o trato genital: se a mulher desejar um dia procriar, arrisca a superovulação (vários gémeos) ou o fracasso.
- DIU, fator de aborto precoce clandestino, causando infecção crônica do útero e das trompas... levando à esterilidade por obstrução...
- IVGs repetitivas produzindo os mesmos resultados.

8. RECUSAR-SE a explicar às mulheres que pílulas, DIUs, IVGs... doenças sexuais são responsáveis por 90% das esterilidades por oclusões tubárias... e que seria melhor evitar o turismo sexual e as diversas formas de contracepção para ser mãe um dia!

9. OMITIR, embora o mundo médico não ignore, o método de contracepção natural desenvolvido pelos cônjuges Evelyn L. e John J. Billings, método explicado com sucesso por Madre Teresa aos indianos.

No IX Congresso Internacional da Família, a Sra. Billings soube falar admiravelmente sobre a Mulher e mostrar que este método era o único que impedia a animalização completa:

"(A mulher tentou afirmar a supremacia de sua própria individualidade, eliminando completamente o princípio natural de sua feminilidade, a saber, sua fertilidade...)"

"Ela não alcança assim a liberdade, mas uma diminuição que leva inevitavelmente à frustração, ao ressentimento e ao desenvolvimento de uma barreira psicológica atrás da qual ela vive... Ela se priva do filho na recusa de si mesma."

"A dádiva da esterilidade natural é plenamente reconhecível antes e depois da fase fértil e faz parte da natureza. As relações sexuais, compreendidas, consideradas e reguladas à luz do amor,

estão na natureza do ser humano, pois, sozinhos em todo o reino animal, temos a faculdade de usar nossa inteligência."

10. SUFOCAR os resultados das pesquisas sobre o IVG, feitas por médicos ginecologistas que foram partidários do método e que, hoje, estão assustados com as consequências...

11. SONDAR exclusivamente jovens mulheres "liberadas" ou augustas senhoras vedetes literárias, pertencentes ao Sistema.

12. MANTER o homem em seu recolhimento individualista no instante e na busca de prazeres a obter sem investimento nem esforço, sem espera e sem consequência imediata...

13. INCITAR o homem, tornado animal, a querer mais liberdade sexual, a cultivar um hedonismo terra-a-terra para finalmente aprisioná-lo, encerrando-o em uma espécie de zoológico sem grade nem fosso. E para isso:

14. ELOGIAR a grande custo suportado pelos contribuintes, as vantagens do Preservativo... o novo cinto da boa conduta sexual.

15. FORNECER aos Centros de Planejamento a nova pílula do dia seguinte, tornando-se assim cúmplice dos laboratórios onde se elaboram farmacopeias e manipulações destrutivas... mas produzindo enormes lucros financeiros.

Em seguida, em uma ordem geral, mas ligada ao problema da esterilidade europeia e igualmente importante:

16. ENGANAR os franceses fazendo-lhes acenar com uma rápida recuperação econômica – graças à aplicação de um socialismo ou de um capitalismo, ambos igualmente libertários e hábeis em adaptações de números e na euforização *antemortem* da Nação francesa... a não confundir com a república!

17. NEGAR com isso a relação fundamental essencial existente entre a política da Vida e a Economia. Nenhuma ideologia humana pode apagar esta lei natural:

"*A formação do capital, uma estratégia eficaz de investimentos requer, através da projeção no longo prazo, o sacrifício consciente do presente pelo futuro, do instante de toda certeza em direção a um futuro que nos aproxima da morte e do além-morte... a crise econômica enraíza-se nos aspectos multifaces de uma mesma realidade: a vida, seu sentido e a duração... Não se capitaliza para si, mas para esse além natural da morte que são 'os filhos e os filhos dos teus filhos'... Daí a ridícula parada na França das nacionalizações... e das privatizações...*"

"*... A abulia dos decisores é, ela mesma, a expressão no topo da incapacidade do corpo social de projetar os destinos que o compõem para além do tempo e da morte...*"

18. IMPOR "a imigração para preencher a falência de nossos corpos sociais..."

E para isso, habilmente **DISSIMULAR** "o trabalho do Alto Comitê da População (que) estabelece o novo drama dos filhos da nova imigração."

"*Não é a primeira geração dos imigrantes muçulmanos que apresenta os problemas mais graves, mas os filhos desislamizados, os mortos culturais da segunda geração, que rejeitaram sua cultura sem aceitar a nossa.*"

"*E isso se deve à queda da natalidade, pois está provado que 'são as crianças que assimilam as crianças. O melting pot não funciona mais abaixo de um certo limiar de não renovação da geração...*'"

"*No momento em que as linhas de montagem param, põem-se em movimento outras linhas que fabricam 'homens-lobo'... 20% das crianças nascidas na Europa são agora filhos de imigrantes (grande maioria muçulmana) com picos, aqui e ali, de 40, 50, 60% de desenraizados não assimilados por falta de educação parental e de crianças assimiladoras.*" *(4):* "*uma nação sem filhos não assimila, ela é conquistada.*" (5)

O resultado obtido:

Os Evolucionistas afirmam que o homem atual é fruto de um percurso evolutivo percorrido em 40 ou 50 milhões de anos por seus ancestrais hominídeos após sua separação do ramo dos símios. É, no mínimo, original, e em sua própria lógica absurda, que 50 anos de ação maçônica tenham tendido a fazê-lo percorrer o mesmo caminho ao contrário, desta vez: pois este é o objetivo último desses longos esforços: desumanizar o homem para transformá-lo em um animal manipulável à vontade, material da sociedade vindoura.

Como constatou Robert Ardrey, os homens, para a sexualidade, como para as outras atividades, voltaram "*à igualdade dos sexos dos lêmures. Igualdade notável nos bandos cujo chefe podia ser tanto uma fêmea quanto um macho*"... e os lêmures foram eliminados.

Não se trata de ir tão longe no raciocínio, na defesa da verdadeira feminilidade. Mas, com o naturalista, é preciso constatar que os Homens atuais, possuindo apesar de si, por herança, o "cérebro grande", responsável por seu bem-estar, não o usam para pensar, para tomar consciência do que representa e implica o fato de ser um herdeiro, mas para "estudar" o erotismo: "*Eles têm uma abordagem tecnológica do sexo... e do amor*", que faz com que os parceiros coloquem seus óculos antes de se deitar para poder ler mais atentamente o último manual com instruções numeradas sobre o procedimento a seguir... pensando que a sexualidade, e não a reprodução, é o critério de sucesso ou fracasso para uma espécie."

L. D.

1- P. Chaunu: *Pour l'histoire*, p. 268 a 308.

2- Atos do 9º Congresso da Família IX-1986.

3- P. Chaunu: *Pela história*, P. 293 a 308.

4- P. Chaunu: *Pela história* P. 268 a 308.

5- Robert Ardrey: "*E a caça criou o homem*". P. 111, 121 e 106.

LEMBRETES SOBRE A MAÇONARIA - II

A AÇÃO MAÇÔNICA SOB AS IVª E Vª REPÚBLICAS

I - RESSURREIÇÃO DA MAÇONARIA NA LIBERTAÇÃO

Logo em seu retorno, o General De Gaulle, que "havia devolvido a República à França", devolveu a Maçonaria a ela, abolindo as leis do Estado Francês.

A depuração clandestina ou legal permitiu eliminar os irmãos comprometidos com o ocupante ou de tendências opostas e, na população, entre os notáveis, muitos católicos. Da mesma forma, os jornais e revistas foram depurados: a direita tradicionalista ficou sem jornais!

Beneficiando-se da aura dos mártires, a Maçonaria poderia recrutar.

> "*A espontaneidade com que o Grande Oriente da França se despertou logo após a libertação de Paris e com que suas lojas se reconstituíram no interior do Hexágono e além da metrópole e retomaram o trabalho é a demonstração evidente da vitalidade da Ordem*".

É preciso reconhecer que esta obediência é de longe (3 a 10 vezes) mais importante em iniciados e, sobretudo, em iniciados-notáveis do que todos os outros ramos da Maçonaria.

II - MUDANÇA DE TÁTICA

Após ter conhecido sob a IIIª República uma posição oficial e sucessos ostensivamente assinados, o Grande Oriente da França retomaria sua progressão subterrânea e sem triunfalismo.

Por quê?

A resposta - muito interessante - a esta pergunta nos esclarece ainda melhor sobre os métodos da Maçonaria:

A) A Condenação do Grande Oriente da França

No início do século (1908), realizou-se, conjuntamente com um convento maçônico, um Congresso Espiritualista.

Tratava-se, por um lado, de reavivar a Gnose (espiritualismo, ocultismo, martinismo... etc.) para lhe dar uma apresentação aceitável para os Católicos e, por outro lado, de reabilitar o Grande Oriente da França perante a Igreja (hierarquia e fiéis). O momento foi criteriosamente escolhido.

Primeiramente, muitos católicos se abririam à Gnose e o combate era intenso: houve, portanto, a condenação oficial do Grande Oriente da França por um Irmão Grande Iniciado do 33º grau pelos motivos:

- de ter eliminado de sua constituição a noção de Grande Arquiteto do Universo (o Grande Arquiteto: o Ser supremo), de ter pública e ostensivamente feito guerra ao Papado e à Igreja Católica.
- de ter assim, pela ação de suas oficinas políticas e de seus ministros (leis antirreligiosas de 1875 a 1905), provocado a condenação oficial pela Santa Sé e, sobretudo, um sobressalto católico de Contrarrevolução...

> "*O convento de 1908 permitiu repensar a luta contra a Igreja, conforme relata a revista maçônica 'L'Acacia' da época: em vez da luta por meio de legislação repressiva dos privilégios... será necessário empregar a propaganda... Muitas pessoas... ainda consideram certas cerimônias do culto: casamento, batismo, primeira comunhão, enterro, como um rito social obrigatório... Desse cumprimento do rito pode resultar (a manutenção ou) o retorno à crença. É isso que é preciso combater... só se pode fazê-lo pela palavra e pela propaganda que se opõem à palavra e à propaganda.*"

As leis principais estavam votadas e aplicadas - a propaganda visava essencialmente os católicos e os ministros do culto que os rodeavam. É a estes, dos quais alguns (Roca, Alta...) haviam passado para o inimigo sem abandonar sua função, que se dirigia

B) A Gnose e todas as ideologias espiritualistas, teosóficas.

"*Um Muito Ilustre Irmão disse: 'A Gnose é a essência e a medula da Maçonaria*'" - Por outro lado, os fundadores da Maçonaria, Desaguliers e Anderson, eram Rosacruzes e o restaurador da Gnose na França, no final do século XIX, Jules Doinel, era membro do Conselho da Ordem do Grande Oriente da França.

Atualmente, Gnose e Maçonaria existem separadamente, mas de suas origens "*resulta, portanto, uma identidade; no mínimo, um verdadeiro parentesco entre a verdadeira iniciação maçônica e a iniciação aos mistérios da Gnose; e assim se explicaria que os Segredos de um e de outro sejam impenetráveis àqueles que não atingem o grau de Perfeitos (5º grau)*"

Insistamos: "*A iniciação maçônica... tem por objetivo a obtenção do Conhecimento Integral, que é a Gnose no verdadeiro sentido da palavra*".

Portanto, no plano da filosofia, Grande Oriente da França, Gnose, Aliança Espiritualista, é tudo a mesma coisa; ideologia colocada a serviço do mesmo objetivo fundamental: "*... Corromper insensivelmente os membros da Igreja, os próprios do Clero e da Hierarquia, inoculando-lhes, sob formas especiosas e aparentemente inofensivas, os falsos princípios com os quais (a maçonaria) promete revolucionar o mundo cristão*".

C) Subversão e mutação da Fé Católica:

Eis uma exposição muito rápida e muito condensada dos princípios dessa "gnose", é suficientemente esclarecedora, infelizmente. Ver-se-ão as transformações produzidas constatando o resultado obtido em mais de meio século.

1. A futura Igreja

A Igreja Católica Gnóstica tem por objetivo essencial restaurar à humanidade sua unidade religiosa primitiva... fazendo-a rejeitar os erros dos quais surgiram as diferentes religiões...

Baseada, por um lado, na tradição universal (de todos os povos civilizados) e não apenas na tradição hebraica da Bíblia, e, por outro lado, na filosofia e na ciência moderna... ela se dirige apenas à razão, que é a mesma em todos os homens."

> "*O gnosticismo professa que a verdadeira religião é aquela que se abre sempre aos progressos sucessivos e indefinidos da inteligência humana.*"

O cristianismo deve, portanto, ser renovado pela Ciência moderna: "*Ele poderá tomar o nome de CRISTIANISMO CIENTÍFICO e, muito legitimamente, de CATÓLICO.*"

> "*Ela (a Gnose ou a Maçonaria) dirige-se aos católicos que recusam os dogmas imutáveis e uma Igreja intransigente, aos protestantes de todas as confissões, a todas as seitas, aos israelitas... aos maometanos... aos nossos irmãos do Extremo Oriente... a todos os filósofos... a todos os pensadores.*"

2. Sua apresentação dos mistérios e da doutrina católica

a) A Trindade

> "*A teoria monstruosa e satânica da Gnose que introduz o elemento feminino no seio do adorável mistério e promete a salvação à humanidade pelo surgimento de uma mulher-Deus.*"

> "*A tríade que constitui a Trindade em Deus é o equilíbrio, o expansivo e o atrativo; o expansivo sendo a expansão viril e o terceiro termo a atração feminina.*"

A representação do princípio feminino da tríade andrógina torna-se Maria! essa loucura "conduz ao SACERDÓCIO DA MULHER" e à exposição de uma teologia da sexualidade livre!

b) Nosso Senhor Jesus Cristo

Homem-Deus para a Gnose, "*Jesus não tem lugar, para a Teosofia, pois chrestos é um nome comum que designa um certo grau de iniciação nos mistérios pagãos antigos*."

No entanto, eles pretendem - em geral - que "'O Cristo Salvador' é o maior dos homens que já apareceu na terra para fazer a humanidade avançar no caminho do verdadeiro e do bem. (O primeiro revolucionário). O que o distingue dos outros Homens é que ele manifestou o logos (o verbo) no mais alto grau possível...

Ele era apenas aparência, Jesus apenas passou através de Maria... e revestiu com a sombra de sua carne seu corpo luminoso e etéreo...

Sua paixão foi apenas a imagem da imensa dor que sofrem, em todo o universo, seus membros presos à matéria...

> "*Jesus não nos libertou morrendo, expiando o pecado dos homens na cruz; ele nos libertou ao nos ensinar a verdade...*"

Jesus ensinou às multidões que o ouviam apenas a religião justa e simples, sem dogmas, sem culto... Aos olhos do povo, ele não parecia ser outra coisa senão um homem aprovado por Deus.

Ao lado desse ensinamento popular (exotérico), Jesus possuía um ensinamento secreto, gnóstico (esotérico), que expunha aos seus discípulos em reuniões íntimas... Foi a Pedro, Tiago e João que ele confiou mais particularmente esse ensinamento esotérico, e foi a esses três discípulos apenas que, no monte da Transfiguração, ele apareceu tal como realmente era (em corpo astral)... mas ele lhes recomendou o SEGREDO.

> "*O apóstolo João tornou-se muito velho... e morreu após seus colegas. Ele havia ensinado a gnose a um pequeno círculo de discípulos que deixaram escritos diversos fragmentos sob o nome de Evangelho segundo São João.*"

É esse evangelho que reina nos Templos Maçônicos, sob o compasso e o esquadro!

> "*Cristo, 'cabeça e alma do cosmos inteiro', torna-se o CRISTO-UNIVERSO, o CRISTO-SOCIAL, a massa cristificada...*
>
> *Com o mundo e porque ele é o mundo, O CRISTO EVOLUI E SE TRANSFORMA.*
>
> *'Não se parará o turbilhão do Cristo' (vibratório) que ele conduz nos mundos e que tudo arrastará.*'
>
> *Os dogmas evoluem com ele, pois são 'coisa viva como o mundo, como o homem, como todo ser orgânico.*'
>
> *Ecos da consciência coletiva, eles seguem como ela a marcha da história e, por esse viés sacrílego, Roca (padre precursor dos Evely, Congar, Chenu, Oraison, Helder Camara... dos padres revolucionários da América Latina, dos padres ou religiosas engajados da nossa terra...) identifica o Cristo com os ídolos do dia, faz dele o deus do século.*"

c) A Criação

> "*Explicação do mundo permitindo afastar o dogma da criação (ex nihilo) e conduzindo à divinização do homem.*"
>
> "*O Pai é o Ser em ato, o primogênito do Ser em potência, o primeiro ser; ele não é o Ser, mas um ser; ele é o Pai enquanto o Ser é o Primeiro Pai do qual todos os seres saem por emanação, inclusive o próprio Deus... o Primeiro Pai... ao tomar consciência de si mesmo, torna-se o Deus puro espírito...*"
>
> "*... É um devir universal de Deus no homem e no mundo, uma evolução, um processo do Absoluto.*"

No fim dos tempos, Jouvet, católico gnóstico, vê o paraíso: "*O Paraíso é o homem transubstanciado em Deus. Mas por homem deve-se entender todos os homens e todos os homens transubstanciados em Deus. Serão todos os Homens-Cristo, todas as almas-Cristo...*"

O Cristianismo esotérico recusa dever a salvação à bondade de Deus, à sua graça cuja distribuição permanece, para os católicos, um mistério adorável.

"*É uma espécie de Cristogênese focada na evolução.*" Esta é a pré-figuração das teorias cientognósticas de Teilhard de Chardin.

> *"Não se pode 'pressionar' o teilhardismo sem chegar, de forma clara e nítida, ao erro sincrético de um modernismo evolucionista de tipo cosmo-religioso colocado sob o signo de um vago pancristismo."*

OEritis sicut Dei: a imortalidade devida à Ciência... em lugar da vida eterna no conhecimento de Deus!

> *"No fim dos tempos, os homens serão reintegrados em seu estado primitivo graças aos meios descobertos pela Ciência que terá sabido subjugar todas as forças naturais... nossas relações com o mundo invisível serão restabelecidas... os homens que viverem então não morrerão..."*

Este reino celeste na terra não durará para sempre... o Salvador virá ele mesmo à terra... Todos os Perfeitos reunidos em torno do Salvador elevar-se-ão com ele e retornarão ao pleroma de onde haviam saído...

A Gnose divide os Homens em três categorias: os Pneumáticos ou Perfeitos, verdadeiros iniciados na Gnose - os psíquicos, simples intelectuais... os hílicos, homens materiais e grosseiros... Apenas os primeiros obterão sua reintegração..., isto é, os Irmãos que obtiveram o 5º grau... enquanto isso, eles partem... rumo ao Oriente eterno! !

d) O Homem

> *"é constituído de três princípios primordiais: o corpo físico (instinto... e matéria), o corpo astral ou espiritual (psíquico, paixão, vivendo nos sonhos) e o espírito (pneuma)"*

Isso nos conduz "ao Espiritismo, à Magia, à Astrologia e à Alquimia".

e) A Eucaristia

> *"A Assembleia, por seu imenso desejo, e o Bispo por suas palavras e por seu gesto (expressão de sua firme vontade e de sua intenção) atraem e tornam-se as correntes divinas que sobem e descem do Pleroma à terra, arrastando consigo as mônadas, constituindo o corpo pneumático do Salvador e as fazem concorrer para as espécies...*

> *Teoria conforme às descobertas de Becquerel, do Senhor e da Senhora Curie, e de Lord Kelvin, físicos modernos do átomo, in Catecismo da Gnose do patriarca João II*"

f) Os Sacramentos

> "*A Gnose nega o caráter de sacramento ao matrimônio e à penitência... O matrimônio não é senão uma simples cerimônia religiosa... Quanto à penitência, um sacramento particular não teria razão de ser, porque ela é uma das condições subjetivas requeridas para todos os sacramentos.*"

O batismo é decomposto em dois sacramentos: o batismo das águas poderá ser recebido aos dez anos de idade, após instrução elementar. O batismo de vento e fogo é necessário para que o homem seja absolutamente libertado... para recebê-lo, é preciso ter 20 anos.

Tudo isso nos leva às estruturas atuais: perda da Fé na presença real; a Eucaristia é estar junto, comunicar e partilhar; o batismo será feito o mais tarde possível: caberá ao candidato, sua inteligência e sua razão, decidirem;

Por que a confissão particular?

Diante da absolvição em grupo e da estimativa subjetiva do confessor sobre seu pecado... todos serão salvos... para que se preocupar? Passando, amemos e façamos o que bem entendermos: amor livre, união livre... etc.

Mas essa gnose se reencontra atualmente nas histórias de levitação e de força comandada à distância:

> "*O homem possui em si uma força desconhecida extremamente poderosa... é o influxo nervoso, o influxo vital, o fluido neúrico... uma das grandes forças desconhecidas é a vontade... a vontade é influxo nervoso condensado, ou seja, força vital...*"

É a levitação ao alcance de qualquer um e, graças ao engajamento coletivista, a possibilidade de um povo realizar grandes obras...

> "*É pela força de cem mil operários, dirigidos pelos sacerdotes no segredo dos santuários do Egito... que os egípcios podiam colocar no lugar as enormes vergas de pedra... em seus monumentos...*"

D) O uso político-social, para a transformação das consciências, acabamos de compreendê-lo.

Mas como a Maçonaria gnóstica poderia agir incógnita sobre as estruturas da Sociedade?

Não desejamos aqui fazer a crítica de "*a república democrática com numeralismo eleitoral*", mas tentar analisar e compreender o estado de espírito que permitiu o enraizamento da ideia democrática e sua transformação em um ideal, admitindo a imperfeição do momento em prol do "amanhã que canta".

Parece-nos que os termos utilizados por Sua Santidade Pio XII em sua radiomensagem de dezembro de 1944 podem ser retomados ao falar dos franceses do início do século; a França conhecia há meio século um período conturbado: revoluções, mudanças de regime mais ou menos brutais, guerra e invasão, guerra civil, repressão... período difícil "*durante o qual o povo adquiriu a íntima persuasão – antes talvez vaga e confusa – mas doravante incoercível – de que, se a possibilidade de controlar e corrigir a atividade (dos governos) não tivesse faltado, não teria havido esses distúrbios... Nesse estado de espírito, é de admirar que a tendência democrática invada o povo e obtenha amplamente o sufrágio e o consentimento daqueles que aspiram a colaborar mais eficazmente nos destinos dos indivíduos e das sociedades.*"

O que entendiam, nessa aspiração, os democratas "sinceros" da época?

> "*Expressar sua opinião pessoal sobre os deveres e os sacrifícios que lhe são impostos; não ser constrangido a obedecer sem ter sido ouvido: eis dois direitos do cidadão...; (desejar ser posto) sempre mais em condições de ter uma opinião pessoal própria, e de expressá-la e fazê-la valer de maneira correspondente ao bem comum.*"

Como essa concepção legítima da democracia se voltou para o idealismo... para a utopia?

Evidentemente pela ação subterrânea daqueles que prometiam a seus discípulos a felicidade na Terra... a satisfação de todos os desejos... o nivelamento social... o progresso indefinido... etc.

Conhecemos as previsões do Mago Hugo: o século XX verá "*uma nova ordem das coisas quase messiânica e, graças ao progresso democrático, a aurora da felicidade paradisíaca reencontrada.*"

Não faltava mais nada, apesar das recomendações e advertências do Magistério Romano, para desenvolver a nova ideologia e dar-lhe um grande impacto social, senão que um movimento inicialmente católico se deixasse seduzir pelo laicismo e pelo liberalismo.

Foi o *Sillon* que fez penetrar o ideal democrático de inspiração revolucionária e maçônica nos meios católicos.

Apesar de sua condenação em 1910, seus princípios continuaram a se espalhar e a fazer adeptos:

> "*... dignidade humana de origem 'filosófica', daí a necessidade de adquirir a liberdade pela emancipação política, econômica e intelectual do homem...*"
>
> "*O nivelamento das condições trará a igualdade... e essa igualdade é a verdadeira justiça humana...*"
>
> "*A organização política deve ser fundada no poder vindo do povo, sobre esses dois princípios de liberdade e igualdade...*"
>
> "*O elemento capital, o elemento moral (completando o todo) será o amor ao interesse privado elevado ao nível do interesse da profissão... da nação inteira e, mais alto ainda, até o da humanidade...*"

E eis a grandeza e a nobreza humana ideais realizadas pela famosa tríade: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Isso nos deu Emmanuel Mounier, o M.R.P... depois a C.F.D.T. e as novas versões da J.O.C., J.A.C. e J.E.C., e, abrangendo e infiltrando um pouco de tudo.

2) Os Católicos Progressistas

Estes são os mais próximos da Maçonaria: "*eles compreenderam que a democracia não é (apenas) uma forma de governo: ela é um degrau da escada misteriosa pela qual a humanidade ascende aos seus destinos.*" e que o marxismo e o comunismo não devem ser temidos.

Eles são, para os maçons e os progressistas, uma etapa necessária e suficiente para fazer progredir, segundo estes últimos, o seu qualificativo definitivo, o mundo rumo à sinarquia universal: "boletim do GONF nº 43-1944": o comunismo não pode ser senão uma etapa e não um objetivo, "*aceitando em suas fileiras os membros do P.C. como o foram os M.: os Cachin, Henry Torrès ou outro Ludovic Frossard*".

Para permitir, através de uma abominável catarse, segundo estes últimos, a conversão do mundo ao Evangelho.

Daí a vontade desses católicos de fazer admitir a todos os seus irmãos a seguinte teoria:

> "*A vitória do comunismo, ou mais precisamente a extensão ao mundo inteiro de formas sociais próximas parentes da sociedade comunista, é inevitável, comandada pela evolução do mundo moderno, que ela é 'o sentido da história', e que seria absurdo pretender opor-se a ela.*"
>
> "*As crenças religiosas e as instituições religiosas só são ameaçadas pelo marxismo na medida em que se ergueram contra ele como adversárias ou, no*

> *mínimo, constituíram obstáculos diante dele, 'se afirmam em relação a ele uma vontade de não resistência', 'se lhe abrem a porta', 'se, até mesmo, manifestam concordância com ele contra as injustiças, os abusos e os privilégios que ele pretende combater', uma reconciliação é possível.*"

Daí o engajamento de clérigos e leigos católicos na luta política e na guerra civil pela "libertação dos povos" e sempre pela instauração do Socialismo, superando assim e de longe as previsões do padre Roca, "apóstata da pior espécie" e precursor de muitos traidores: "*os padres se tornarão os diretores dos sindicatos, das sociedades mútuas e das agências cooperativas de produção e consumo...*"

Hoje eles são dirigentes da C.G.T, candidatos nas listas do P.C., guerrilheiros e membros de governos marxistas sul-americanos!

O futuro nos dirá se a Maçonaria resiste e domina o comunismo, forma última e sem retorno para uma vitória democrática do Socialismo. Do que temos certeza é "que no mundo coletivista de amanhã, onde, com o acordo de Igrejas colaboracionistas", as estruturas marxistas da nova sociedade terão sido implantadas e "as contradições capitalistas superadas"... o marxismo não se considerará vencedor, enquanto existir no mundo, ainda que mentalmente subjugado, a ponto de ser o colaborador mais dócil da nova sociedade até nos seus crimes mais hediondos, ainda que aterrorizado, a ponto de renunciar a qualquer apostolado e guardar sua fé no segredo do coração, ainda que escondido, para celebrar seu culto na última das catacumbas, um homem para o qual o marxismo não bastasse.

III - OBJETIVO DA MANOBRA GODE: LEVAR O SOCIALISMO AO PODER

Aqueles que haviam inventado o "prestigioso" lema "Liberdade - Igualdade - Fraternidade", adotado pela República, e perseguido "a libertação cultural, corolário da liberdade de consciência", viam, graças ao seu trabalho de formigas, acrescentar-se à tríade republicana para adoração do povo "*outros deuses sociais imanentes, para retomar a expressão de Jacques Maritain, como a Consciência coletiva, o Progresso, a Ciência, a Humanidade, a Democracia, a Evolução redentora, o Sufrágio universal, a Opinião mundial, o Elã vital, a Autogestão e por que não a Colegialidade*".

Sentiram que o momento se aproximava em que os bajuladores desses novos deuses, reunidos em "União de Progresso", seriam recebidos favoravelmente pelo povo republicano, individualista, desinformado e manipulado.

Decidiram, então, fazer vingar a O.P.A. sobre a França da União da Esquerda!

1. O Reinado de Charles de Gaulle

De setembro de 1944 a junho de 1958, na esteira da libertação, os Maçons tiveram algumas pastas, incluindo seis vezes a Presidência do Conselho, uma vez o Interior, duas vezes a Defesa, três vezes a Justiça e, sobretudo, com André-Marie, sete vezes a Educação Nacional.

Era, no entanto, uma "travessia do deserto" que permitia uma boa imagem de marca necessária ao recrutamento, pois, por um lado, o Estado estava sob a dominação de um homem, que seu caráter próprio e a aura em que vivia não inclinavam nem à concertação, nem à colocação em dúvida da justeza de suas visões;

E, por outro lado, uma tentativa de reagrupamento estava em curso no seio da Maçonaria - o G.O.D.F. mantendo-se firme em seus princípios, foi necessária uma cisão na grande loja da França para que se tornasse possível a aproximação entre as duas grandes obediências.

A crise nacional da guerra da Argélia, a solução no "sentido da história" imposta pela astúcia da autoridade, consagravam aos olhos do mundo uma parte das teorias caras aos M.: e aos progressistas, seus aliados!

No entanto, com o retorno de De Gaulle, os maçons continuaram a permanecer na sombra. Em 1968, o G.O.D.F. apoiou oficialmente os estudantes em revolta: "*pela primeira vez, cartazes maçônicos apareceram nos muros.*"

2. Valéry Giscard d'Estaing

O grande homem voltou para casa em 1969. O Presidente Pompidou, que não viveu o fim de seu mandato, os manteve na sombra. Foi preciso Couve de Murville para vê-los novamente nos ministérios.

A partir de 1974, o novo Presidente V.G.E fez todo o possível para atrair e conservar o poder da Maçonaria.

De fato, membros dos governamentos, muitos atuando como eminências pardas ou intermediários, os membros do G.O.D.F., da GLF "*sob a direção dos Grão-Mestres Richard Dupuy e Pierre Simon para esta, Jean-Pierre Prouteau e Serge Bétar para aquele, se aproximaram muito claramente.*"

Foi o período em que os Pierre Simon, conselheiro de Poniatowski e de Boulin na saúde, Gabriel Péronnet por um tempo ministro, Prouteau também, o Senador Caillavet se entregavam a negociações... secretas.

Valéry Giscard d'Estaing aceitou todos os compromissos para se manter: desde sua política liberal avançada, sua participação em uma reunião fechada de túnica branca da Grande Loja, seu livro "*A Democracia Francesa*" cuja "*dedicatória a Marianne e a Gavroche é reveladora: a 'Marianne' era uma sociedade secreta do II° Império... A 'Marianne' deu seu nome à 'República... e Gavroche... filho do sinistro Thénardier... um 'marginal' sob Luís Filipe.*"

Flertando de perto, ora com a Grande Loja, ora com o Grande Oriente da França, ele chegou a fazer circular o boato, "*pelo Canard Enchaîné em fevereiro de 1977... retomado pelo L'Aurore... de que havia decidido entrar na Maçonaria...*"

Infelizmente, tudo era decidido no segredo das oficinas, em 1977, após essa comédia, o G.O.D.F. parou de fingir com o Presidente: "*A situação havia sido debatida nas lojas sem dúvida, mas também, em vários 'parlotes' como 'Le Siècle' que era animado pelo M.: Georges Bérard-Quelin da*

loja 'Éole' do G.O.N.F. Era ele quem organizava os almoços confidenciais onde se reuniam as 'personalidades distintas da indústria e das finanças' e hierarcas socialistas, como Defferre, Delors, Badinter, Chevènement, Vernu, Joxe e muitos outros."

A decisão estava bem tomada: "*o G.O.N.F. voltou a defender a democracia (através da defesa da banda de Rader), a apoiar todo desmembramento de uma nação, toda ação terrorista, todo grupo marginal... a anarquia apresentada por sua revista 'Humanismo' como o objetivo final da iniciação maçônica.*"

3. François Mitterrand

Em 1981, a Maçonaria havia vencido. Estava no poder melhor do que sob a IIIª República, pois em um consenso libertário, ateu, egoísta e intrometido. Fiel à sua doutrina e à sua estratégia, aceitava ministros comunistas e uma direção comunista de grandes serviços nacionais: EDF-GDF, Carvoeiras da França, RATP... proeminentes judeus... ao lado de um número respeitável de ministros: Defferre no Interior, Vernu na Defesa, Chevènement na Pesquisa, Mandonnaux nos Correios e Telégrafos e muitos secretários de Estado... a sociedade liberal avançada, engravidada pelos filhos da Viúva, havia dado à luz sem dor!

Os programas e planos concebidos no frio das lojas pelos teóricos iluminados poderiam agora ser aplicados à realidade social para transformá-la fundamentalmente, de acordo com o texto do "Projeto Socialista" que citamos no início.

Registremos, a título de memória, a ação de S.: Edith Cresson no Ministério da Agricultura (desenvolvimento da cooperação e dos grupos mutualistas, reforma fundiária, multiplicação do número de escritórios por produto, inquisição econômico-fiscal...), que, aliás, permitiu a resistência e a retomada do controle da F.N.S.E.A. pelo Senhor Guillaume, o Presidente.

Gaston Defferre (F.:?) mas ele é bilionário e protestante, no Ministério do Interior. O poder dado a Gaston Monate (fundador da Federação Autônoma dos Sindicatos Policiais) para a reforma da Polícia... a lei sobre descentralização, o recorte eleitoral...

Em torno de Jacques Chirac, encontramos Alain Devaquet Gd LF, Guy Geneseaux (Gd I Neuil), Olivier Dassault GLDF, J.P. Bloch (Neuilly), J. de Preaumont (GODF), Manuel Diaz (GODF), Jacques Nebout... etc., cerca de 30 F.: M.: P 319 (Roland Gaucher "nos bastidores")

Examinemos de forma mais precisa as reformas cujo espírito e realização prática coincidem em todos os pontos com a "filosofia" maçônica, gnóstica e revolucionária para o controle das mentes e a subjugação dos opositores.

A) A Justiça

Voltamos a Badinter (ver acima). Acrescentemos que este judeu judaizante, casado com Mademoiselle Bleustein-Blanchet, é, portanto, genro da Senhora B.B., nascida Vaillant (Edouard), líder histórico do marxismo francês...

Já falamos de sua "filosofia" da justiça, vejamos as duas reformas fundamentais realizadas ou em curso de desenvolvimento:

1. Modificação do recrutamento dos membros do Conselho Superior da Magistratura: metade nomeada pela Câmara dos Deputados, metade escolhida entre os candidatos propostos pelos Sindicatos: Sindicato da Magistratura e União Sindical dos Magistrados.

A Câmara é marxista e M. O Sindicato da Magistratura apresentou em suas obras: "*uma outra concepção ou uma outra filosofia da Justiça além daquela implementada pelas leis que os magistrados presentemente têm de aplicar... Convida seus membros a se inspirar em seu espírito na aplicação das leis existentes.*"

Seu espírito: citemos um dos animadores, o Senhor Dominique Charvet: "*uma 'justiça espontânea'... juízes 'populares' que se levantam para fazer justiça em seu próprio meio... a decisão do juiz é um ato político e pretendemos politizá-la para que o debate político entre abertamente no tribunal...*"

O que foi traduzido de forma direta pela exclamação do Senhor André Laignel, deputado socialista do Indre, à oposição: "*vocês estão juridicamente errados, pois são politicamente minoritários!*"

2. Decisões aplicadas:

Supressão do Tribunal de Segurança do Estado; abolição da pena de morte; supressão das alas de alta segurança; liberalização do regime interno das prisões...

O projeto Badinter, Maçonaria, Sindicato da Magistratura, P.S., P.C., resume-se nestes termos: devolver a justiça ao povo francês... aos eleitos, chefes da rua!

B) O Exército

O Maçom Charles Hernu (da Grande Loja) "*conta muito com os oficiais maçons*" para fazer aplicar e digerir suas decisões.

Não falemos da redução de efetivos, da eliminação, sob pretexto de rejuvenescimento, de um grande número de oficiais superiores que participaram das operações, da dissolução de vários regimentos do Exército de Terra e da Aeronáutica; da restrição dos créditos necessários à manutenção do material, ao seu aperfeiçoamento e à sua substituição por um instrumental de eficácia superior; à manutenção dos homens e à sua conservação no mais alto nível físico e técnico necessário ao uso de engenhos e armas sofisticados...

Detenhamo-nos apenas em duas reformas que visam o fundamental: a formação dos homens.

1. Escola Especial Militar de Saint-Cyr, "*refúgio privilegiado do ideal e da vocação militar é a primeira visada... Os socialistas pensam que uma escola especificamente militar mantém um espírito de casta prejudicial... ao 'progresso' socialista... A partir de 1984, Saint-Cyr perderá seu caráter elitista e militar: a escola se abrirá para o civil; os alunos serão misturados aos engajados de base, aos reservistas e aos convocados; sua formação se fundirá com a da Universidade... o*

ciclo de ensino será de três anos, dos quais um bom terço será passado em traje civil..."

"*Saint-Cyr, doravante, formará funcionários, sem dúvida especializados no emprego de armas, mas para quem as palavras Honra e Pátria não terão precedência sobre as de Carreira e Remuneração.*"

2. A Força de Mobilização Popular (F.M.P.)

"*O famoso exército novo é a F.M.P. para uma defesa em profundidade... Não mais regimentos na metrópole, não mais grandes unidades orgânicas, Grupos Militares de Base (GMB) compostos por cerca de trinta homens recrutados localmente, instruídos individualmente em um mês, coletivamente em cinco e disponíveis por 4 anos antes de serem classificados na reserva...*"

Não haverá mais "*Exército de Terra, mas uma ampla proliferação de milícias populares, colocadas sob o controle dos Comissários da República e enquadradas pelos 'voluntários' do P.C. (ou do P.S.).* "

"*Como em muitos países revolucionários, a França também terá sua Milícia, que será, antes de tudo, uma 'força de dissuasão popular de esquerda'.*"

"*As decisões estão de acordo com as propostas do manifesto do Congresso Socialista de 24/01/81... No plano militar, existe um paralelismo inquietante entre essas propostas e as principais reivindicações do Soviete de Petrogrado em março de 1917, postas em prática no exército russo por Kerensky.*"

C) A Família

Esses bons senhores que colocam seus filhos nos estabelecimentos de Ensino privado, organizam, entre os outros, a dialética interna e a luta permanente entre os três parceiros familiares: o jovem, o casal (mulher e homem...)

1. O jovem

a) a traição permanente dos Católicos progressistas: a Igreja na França

Os Bispos tornam obrigatório o ensino do catecismo a partir de livros redigidos pelo Centro Nacional do Ensino Religioso, com a colaboração do Instituto Superior de Pastoral Catequética do Instituto Católico de Paris.

Diretamente inspirados pela Gnose, por um ecumenismo igualitário e um promarxismo evidente segundo sua teoria (cf. acima) – os textos não receberam a aprovação – a autorização – de Roma pelo Cardeal Oddi, Presidente da Congregação do Clero.

Em sua conferência sobre a fé e a catequese, em Lyon, em janeiro de 1983, o Cardeal Ratzinger, Prefeito da Congregação Romana para a Doutrina da Fé, confortou os católicos em sua possibilidade de recusar o "novo catecismo", qualificado na excelente revista A.F.S. como " *verdadeira lei sobre o aborto no domínio sobrenatural.*"

b) A Educação Nacional: a ajuda prestada pela Maçonaria aos marxistas em sua ascensão ao poder:

Em nome da laicidade: ela deve ser paga para os irmãos. O Grão-Mestre do Grande Oriente da França, Paul Goudot, solicitou "*firmemente, no final de 1982, por carta ao Presidente da República, a realização, conforme a laicidade do Estado, da construção de um grande serviço público, unificado e laico de educação, pela integração dos estabelecimentos escolares que só poderiam continuar a beneficiar da ajuda do Estado perdendo suas características próprias*." (58)

O plano do ex-comunista Mexandeau (atualmente nos Correios) foi, portanto, proposto pelo ministro Savary aos interessados já em fevereiro de 83. Trata-se simplesmente de "*um projeto de absorção das escolas católicas, mas não das escolas judaicas.*"

Em nome da Igualdade:

Paralelamente, em nome da igualdade, ou mais exatamente, como diz Gustave Thibon, "*em nome do igualitarismo, máscara da inveja*", são apresentados numerosos projetos e decisões destinados a limitar, a fazer desaparecer o elitismo: sem classificação, projeto Laurent (tutoria) de reforma das classes de colégios e liceus, supressão das menções no Baccalauréat, transformação das Grandes Escolas pela Universidade...

Em nome da Igualdade e da liberdade das crianças, o relatório de Bernard Schwartz ataca a estrutura familiar.

A creche o mais rápido possível, a educação infantil aos dois anos... "*O direito à moradia independente por volta dos 11 a 12 anos, ou até mesmo moradias comunitárias...; o direito à organização de seu lazer sem restrições... o esporte (sem clube, sem regras) livre...; a maioridade parcial (?) aos 16 anos...; supressão de todas as barreiras ainda impostas ao aborto de menores... e para as penas de prisão, conservação de seus direitos de cidadãos...*"

A circular 85-525 do final de 1982, assinada por Savary, solicita "*a implementação,... desde a educação infantil, de uma educação para o consumo, educação continuada ao longo de toda a escolaridade para obter o desenvolvimento harmonioso da criança, sua formação para a autonomia e a responsabilidade, para sua inserção feliz em uma coletividade organizada.*"

2. A mulher

S.: Yvette Roudy (membro da Liga dos Direitos Humanos), em seu Ministério dos Direitos da Mulher, onde tem uma notável "*conselheira técnica, Simone Iff, cofundadora do M.L.A.C. e Presidente da Seção Francesa do Planejamento.*"(61) finalmente oferece às mulheres que possuem "o conhecimento" ou "a luz" graças à escola (laica, claro!) um manual, um código para viver "responsáveis", autônomas e livres através de seu livro: "*Guia dos direitos da mulher*", que responde a todas as perguntas... até mesmo àquelas que nunca serão feitas.

A libertação da mulher é dar-lhe as mesmas possibilidades que a um homem... a mais marcante, a mais modificadora sendo "reproduzir" segundo seu próprio prazer...

No leme desta transformação última, Yvette Roudy ocupa o lugar ainda quente de suas parceiras, as fiéis de Valéry Giscard d'Estaing, Monique Pelletier, Evelyne Sullerot, as protestantes, e Simone Veil, a judia internacional, que realizaram, em nome da "nova moral da Espécie" cara a seu Presidente, e de acordo com as diretrizes do Grande Oriente da França em seu colóquio de 9 de março de 1974 sobre o aborto e a contracepção, e em acordo com o conselheiro técnico Maçom Pierre Simon, Grão-Mestre da Grande Loja e do "maçom ministro R. Boulin."

Senhora Roudy, senhores Ralite e Bérégovoy apenas tiveram que dar os retoques finais nas leis liberais avançadas: reembolso do aborto pela Seguridade Social à taxa máxima de 80%, independentemente do regime de filiação, (a Mutualidade da Educação Nacional mostra o caminho para os seguros complementares da Seguridade Social ao assumir os 20% restantes) e a tributação (imposto de renda) das despesas previstas.

"*O M.P.L.F. alardeou, felicitou, mas esclareceu que apenas a* '*descriminalização*' *e uma modificação da lei resolverão os problemas enfrentados por menores, estrangeiras e mulheres que ultrapassaram as 10 semanas de gestação*". (62) Isso certamente acontecerá: a pílula é vendida a qualquer garota, independentemente da idade, que julgue precisar dela... por que recusar a ela o Aborto? O aborto após 10 semanas interessa aos cientistas...! as estrangeiras? Certamente não se trata de muçulmanas, mas de europeias de países ainda não 'libertados'!

Caro ao Senador Maçom Caillavet, a descriminalização da homossexualidade e da pedofilia - quando se trata de parceiros do mesmo sexo - foi aprovada.

Faltava apenas satisfazer a demanda 'educacional' do M.:F. Orneloup, Grão-Comendador de Honra '*ad vitam*' do Grande Colégio dos Ritos do G.O.D.F., que especificou bem, durante o colóquio de 1974, que "*para ser eficaz, a obra a ser empreendida não deverá se contentar em ser legal; ela deverá ser acompanhada de uma ação educativa, baseada no ensino de uma nova moral.*"

A ação educativa está sendo feita desde 1981:

- pela organização de uma publicidade colossal em favor da contracepção na mídia...
- pela participação da Educação Nacional: documentação e iniciação em todos os colégios e liceus: distribuição nos centros escolares de um documento intitulado: "*Eu amo, eu me informo*". "*Este documento... ensina que só pode haver sexualidade libertada em um mundo libertado*', *é o sexo a serviço do socialismo; o homem, como todo animal, deve* '*obedecer a seus impulsos sexuais*'*... ao* '*prazer*'*... sem* '*a reprodução*'*... que só poderia ser uma exceção*"... "*No domínio sexual... tudo é normal...*"

O pedófilo recomendado pela Educação Nacional (endereço de centros homossexuais em Paris e províncias fornecidos nas últimas páginas) às crianças se insurge contra 'a tortura' que constituem para elas a autoridade paterna e a vida familiar: e ele lhes abre os braços.

- pela realização de pesquisas sociológicas em certos liceus: os professores naturalmente 'tutelaram' os alunos que elaboraram o questionário: 40 folhas e 200 perguntas, questionário ignominioso que incita ao incesto e à bestialidade."

3. Para o homem

Ele é apenas a última roda da carroça emancipadora da mulher! Condenado a não procriar, será mantido nessa ideia... por sua companheira legal ou não - e pelas restrições financeiras recentemente estabelecidas por Bérégovoy.

a) "*A tributação dos Abonos de Família - seja por aumento da taxa do IVA - seja por um imposto direto sobre a renda.*

Isso penalizaria as famílias numerosas e tanto mais quanto maior fosse seu nível social... igualitarismo e mediocridade...

Por outro lado, a orçamentação permitiria ao Estado ter o controle sobre as receitas e despesas dos Abonos de Família geridos até então por um órgão paritário independente." Lembremo-nos da etiqueta automóvel!

b) A contribuição fixa (20,00) por dia de 'hospitalização'. Quanto mais numerosa a família, maiores os riscos e se o chefe da família trabalha... ele deve pagar...

4. Para Todos!

Não podemos silenciar sobre a que leva, em nossa sociedade materialista regida pela ciência e pela economia - tornada fundamental - especialmente no âmbito do Poder de inspiração maçônica - o direito à recusa da vida.

Participante do egoísmo, do narcisismo, do desejo de recusar todas as imposições, de permanecer jovem e belo, de gozar... de aproveitar a festa... esse direito aceito, incorporado aos costumes, conduz inexoravelmente ao direito à morte digna: a eutanásia.

Muito habilmente, é proposto e defendido perante a opinião pública desde cerca de 1974, o Direito de Morrer com Dignidade. Existem organizações em diferentes países, idênticas à A.D.M.D. francesa, propagando e valorizando essa atitude, utilizando-se dos exemplos dados nesse sentido por grandes homens, como Motherland ou, mais recentemente, A. Koestler. Um certo número de grandes espíritos, todos prêmios Nobel - coincidência - publicou um manifesto no mesmo sentido...

O primeiro passo da eutanásia - após o aborto organizado - está no suicídio... "*após a publicação em 1982 do livro: 'Suicídio, modo de usar' que havia provocado reações veementes, a A.D.M.D. publica apenas um guia listando os diferentes tipos de medicamentos que podem proporcionar uma morte indolor e a forma de reforçar o efeito daqueles que não seriam perfeitamente confiáveis.*"

Suicídio voluntário, suicídio "assistido"... aborto... tudo isso e o que se segue encontra-se contido na Carta dos Direitos do Doente. Datando de 1974, foi redigida com um espírito bem definido...: "*Direito à liberdade... à dignidade e à integridade da personalidade - Direito de decidir livremente sobre o tratamento a ser aplicado - Direito de não sofrer - O direito de ser informado...*"

Coroando todos esses direitos, há o direito à saúde pela assistência do Estado: Seguridade Social e organizações paralelas.

A noção financeira assumindo, neste mundo de prazer, uma dimensão exatamente sobre-humana, por que gastar somas enormes para manter vivos, conservar pessoas incapazes de viver e trabalhar por si mesmas (o direito à autonomia) e, velho medo animal, suscetíveis pela procriação de agravar os encargos da Sociedade?

Vamos, já estamos, ao estágio da eutanásia peri-natal: prematuros e recém-nascidos portadores de alguma anomalia, libertação (da sociedade) pela morte dos grandes doentes, dos incuráveis, dos deficientes e dos acidentados.

E os velhos? O Sr. Attali, cabeça pensante do Palácio do Eliseu, explicou-se a respeito: "*o objetivo não será mais aumentar a expectativa de vida, mas fazer com que, dentro de uma duração de vida determinada (por quem? pelo poder: observe a idade avançada dos dirigentes em regime marxista!), o homem viva o melhor possível; mas de tal forma que os gastos com saúde sejam os mais reduzidos possíveis em termos de custos para a coletividade...*"

"*A eutanásia será um dos instrumentos essenciais de nossas sociedades futuras em todos os cenários...*"

"*O direito ao suicídio direto ou indireto (eufemismo) é, portanto, um valor absoluto na sociedade socialista...*"

"*Poder-se-ia aceitar a ideia do aumento da expectativa de vida, sob condição de tornar os velhos solventes e criar assim um mercado.*"

Infelizmente, os encargos fiscais, o consumo dos ativos, a queda da natalidade conduzem a poupança e as aposentadorias: os aposentados sem recursos, não podendo acessar os cuidados, a sociedade marxista os libertará gratuita e igualitariamente de suas preocupações.

Graças ao Eugenia passiva: abortos e Eutanásia, haverá superabundância de tecidos e órgãos para os consumidores ativos! Todos serão belos e mentalmente equilibrados!

É nesse momento que a virada definitiva ocorre: adeus homem, viva o animal:

Tendo aceitado com alegria que a procriação (CARIDADE) seja separada da sexualidade (ORGULHO) pela revolução sexual, o número de crianças – futuros produtores e consumidores – diminui cada vez mais. O Estado terá que assumir esse grave problema e a solução será, como sempre, realizada por ele.

Teremos a Eugenia ativa!

Deixemos novamente a palavra ao Sr. Attali: "*seguindo a lógica do meu raciocínio geral, não se vê por que a procriação não se tornaria uma produção econômica como qualquer outra.*"

Primeiramente produção artesanal, se assim posso dizer, imaginando, o que já é realidade, seja "*que a família ou a mulher não sejam apenas um dos meios de produção de um objeto particular, a criança*" seja que a mulher alugue sua maternidade...

E finalmente, como poderia ser diferente? a intervenção estatal. "*Uma família aceitaria ter muitos filhos se o Estado lhes garantisse, por um lado, o pagamento de abonos progressivos substanciais e, por outro, a assunção total da vida material de cada criança.*" Seria preciso encontrar famílias dispostas a desempenhar esse papel! Mas a ciência vem em socorro do demiurgo socialista: a criação *in vitro*, a clonagem permitirão cultivar homens aos quais o Estado dará sua educação.

"*É assim que Bertrand Russel, cientista, ecologista e pacifista vê o futuro: 'os governos científicos terão uma educação para os homens e mulheres comuns...: espírito de docilidade, pontualidade, laboriosidade, irreflexão e consentimento... e outra para aqueles que deverão se tornar detentores do poder científico. (a punição terrível para estes será) a degradação à categoria de trabalhadores comuns...*'"

A organização estatal da "Momenklatura" e sua reprodução!

Acrescentemos que o trabalhador comum deverá certamente fornecer, em caso de necessidade, tecidos e órgãos necessários para a realização dos enxertos salvadores dos detentores da autoridade...!

É uma velha história que ressurge... a experiência passada vivida por toda a humanidade e que culminou com o regime nazista, não serviu de exemplo, pelo contrário!

O socialismo de hoje compreendeu o erro de Hitler: não deter o governo mundial antes de manipular a espécie.

L.D.

A REVOLUÇÃO SURREALISTA - I

Quando se fala em Revolução, pensa-se geralmente em ações violentas, mais ou menos guerreiras e sangrentas, bem como na ação política, a dos partidos e do Parlamento, ou a das redes e da rua. Esquece-se com demasiada facilidade a mais importante das ações revolucionárias, que condiciona as outras pois prepara os espíritos modificando as sensibilidades, a ação cultural.

No início do século XX, um grupo de homens e mulheres compreendeu essa realidade, anterior mesmo ao fato político, e durante décadas se obstinou em desenvolver uma série de operações convergentes para desestabilizar o pensamento ocidental.

Na realidade, este, abalado há vários séculos pelo idealismo filosófico, já só se agarrava ao verdadeiro por alguns tênues fios do real imediato, e não podia opor grande resistência a essa ação subversiva, especialmente nos meios privilegiados, intelectuais, jovens quadros, novos ricos, entre outros.

Certamente a atividade intelectual não esperou o século XX para se colocar a serviço da Subversão, mas ela assumiu então uma forma particular, como indica o segundo elemento do nosso título, Surrealista; Esta fase revolucionária se situa num momento em que os fundamentos da velha sociedade cristã estão amplamente arruinados e onde, ao mesmo tempo, o materialismo triunfante há 2 séculos começa a dar sinais de esgotamento e a não satisfazer mais um número crescente de espíritos.

O Surrealismo vai assim tentar, e conseguir em parte, a proeza de fornecer uma alternativa ao materialismo do século XIX, uma alternativa "pseudo-espiritualista", ao mesmo tempo que arruína de forma ainda mais certeira os princípios cristãos nos espíritos modernos. Por aí se encontra uma nova faceta dessa Revolução Espiritualista da qual tratamos repetidas vezes com nossos leitores, e que constitui uma das últimas sutilezas do Demônio nesta véspera dos Últimos Tempos.

É notório que o belo período do Surrealismo, aquele em que foi mais original e exerceu uma influência maior, situa-se entre as duas guerras, grosso modo de 1920 a 1940; No entanto, esses números, úteis para fixar as ideias, são imprecisos e correm o risco de nos fazer perder de vista a realidade: o Surrealismo não nasceu em 1918 *ex nihilo*, sem contexto, sem antecedente, sem raiz - da mesma forma que não morreu em 1940, pois se constituiu até os nossos dias, preparando amplamente o que se chamou de "o espírito de Maio de 68" até em seus extremos, o erotismo e a droga.

E é mesmo porque ele entrou nos costumes desde a guerra de 39/45 que depois se teve a impressão de sua inexistência, seus temas e seu espírito tendo conquistado o grande público e não

parecendo mais, a partir de então, originais nem revolucionários.

Examinaremos primeiro as origens do movimento, depois sua constituição até a virada do ano de 1929, em seguida sua segunda fase, das rupturas de 29 ao período da Libertação, e enfim a conclusão do movimento do pós-guerra até 1968.

AS ORIGENS DO SURREALISMO

A história do Surrealismo é dominada por algumas personagens mais importantes que outras - notadamente André Breton, comumente chamado de "o Papa do Surrealismo" devido às suas tendências a dogmatizar e a excomungar seus fiéis, segundo seus inimigos.

Não se poderia, no entanto, limitar-se a descrever os inícios desses homens, suas ligações, seus trabalhos, e é preciso debruçar-se primeiro sobre o tempo que os produziu e que os viu viver, o tempo, isto é, os acontecimentos grandes ou médios, as ideias, o estado e o movimento da sociedade.

O TEMPO, PRIMEIRAMENTE

É lugar-comum dizer que o século XIX terminou em 1914 e que o XX começou em 1918. Entre esses dois séculos, o enorme transtorno dessa gigantesca guerra europeia, querida pela Maçonaria, fez mais de dez milhões de mortos, sangrando até o esvaziamento duas nações pilares da Europa e transtornando todas as estruturas da sociedade.

Veremos que o ódio à guerra será, notadamente no início, um dos traços distintivos do movimento com suas consequências clássicas: pacifismo e antipatriotismo: a situação de guerra fornecerá também um outro elemento importante, a crítica da hipocrisia de certos pseudo-patriotas que faziam a apologia da guerra e da pátria por preocupação com seu caixa-registradora. Compreende-se muito bem que, ao final de quatro anos de carnificina, e frequentemente de segredos e mentiras oficiais necessários, as sensibilidades a flor da pele tenham sido fáceis de exacerbar.

De uma forma geral, o movimento Surrealista se mostrará sempre muito hábil em tocar nessa corda, denunciando todos os falsos sentimentos particularmente numerosos no seio de uma sociedade que já não tem de cristã senão os rótulos.

Não se deve negligenciar, enfim, o fato de que essa guerra de 1914/1918 foi querida e desencadeada pelas Seitas para desferir um golpe decisivo no equilíbrio europeu e, de uma forma mais geral, para arruinar o que subsistia de estruturas tradicionais nos diversos Estados europeus, nem que esse resultado foi bela e realmente alcançado.

AS IDEIAS, EM SEGUIDA

Se examinarmos os frutos do século XIX como os homens de 14/18 podiam fazer, duas constatações dominavam: por um lado, as promessas, os anúncios de progresso universal e permanente resultaram numa formidável bagunça social, econômica e humana; por outro lado, o racionalismo sobre o qual se apoiava esse culto do homem e do progresso só serviu para trazer a infelicidade.

Essas constatações não eram exclusivas dos Surrealistas, nem dos revolucionários; Pode-se dizer que, naquele momento, quase todos expressavam sentimentos semelhantes, mesmo que as conclusões finais fossem diferentes conforme o caso.

Os Surrealistas tirariam dessa situação uma dupla conclusão aparentemente contraditória: para assegurar o verdadeiro progresso, é necessária uma nova e verdadeira revolução, mas, para guiar essa revolução, a razão é enganosa, e o que deve inspirar o homem é o instinto, o sonho, a imaginação, etc.

Essa contradição aparente não deve fazer pré-julgar o fundo da questão e apenas sublinha uma oposição de fato entre tendências diversas que provocará muitas agitações dentro do movimento e nas relações do movimento com o exterior. Ela levará, aliás, à sua explosão final, pois não se pode falar em fracasso, mas apenas na explosão de um fruto muito maduro cujas sementes acabam escapando uma a uma.

Revolta contra a razão, portanto, uma razão ela mesma em parte desviada contra a ordem natural e divina, uma razão racionalista; Longe de começar por volta de 1920, essa revolta havia na verdade começado, em ondas sucessivas, em pleno século XIX, com o Romantismo, depois o Simbolismo na poesia e o Impressionismo na pintura, e no início do século XX, entre 1907 e 1914, com o Cubismo e a arte nova, para usar um termo muito geral e negligenciando as nuances.

Em um plano extra-artístico, os dois elementos principais são a revolução russa, onde Lênin realiza a velha utopia marxista de transtorno total da sociedade e anuncia seu projeto de fabricar um homem novo, e a revolução freudiana, pela qual Freud proclama a importância determinante do inconsciente na formação da consciência.

Eis, brevemente resumidos, os materiais que constituem o terreno sobre o qual se desenvolverá o empreendimento Surrealista: reação contra uma revolução que parou no caminho, reação contra um racionalismo que já não satisfaz os espíritos, e desejo de uma revolução total e individual (e não mais apenas social e política) que possa transformar os costumes e o modo de viver. Trata-se, em suma, se quisermos fazer uma aproximação que a cronologia nos força, de uma recusa muito profunda do "política em primeiro lugar"!

O PERÍODO DE GESTAÇÃO

Esse período, que cobre grosso modo os anos de 14/18, aquele em que os homens e as ideias irão se entrelaçar, é bastante confuso, pois um grande número de iniciativas vizinhas surgem nesse momento, cada uma anatematizando as outras enquanto as copiam mais ou menos. É desse jogo de influências, difíceis de medir a curto prazo, que sairá, no entanto, o Surrealismo, e precisamos primeiro desbravá-lo.

Antes de Dada...

Em 1913, André Breton tem dezessete anos; Ele frequenta os cursos do PCN (Para Conhecimentos Necessários) para fazer medicina, mas, ao mesmo tempo, é um enlouquecido pela poesia; Rimbaud um pouco, Mallarmé sobretudo, e também Huysmans, Valéry, Viéle-Griffin, René Gil. Ele

apreciava nesses Simbolistas a postura, um pouco o desprezo pelo vulgar, o caráter esotérico (já), o contrário da superficialidade burguesa.

A guerra de 1914 o surpreende aos dezoito anos em plena devaneio poético e em plena revolta individualista: Jean Jacques Rousseau é seu deus em doutrina, enquanto, em poesia, uma outra estrela o deslumbra agora: Guillaume Apollinaire, que ele encontra em um leito de hospital em maio de 1916, quando este acaba de ser trepanado.

Por meio de Apollinaire, Breton entra em contato com toda a corrente modernista na pintura, da qual o poeta se fizera defensor e publicista e pela qual ele redigira o manifesto do anti-futurismo. Apollinaire lhe agrada por sua concepção radicalmente nova da poesia, a cada vez é preciso reinventar tudo e desprezar as regras; no entanto, não pode ser um mestre para ele por causa de sua atitude diante da guerra, já que se alistou e nela tomou parte.

Breton encontra então um outro homem que vai se tornar, brevemente, mas de forma decisiva, seu novo mestre, seu modelo: é Jacques Vaché. O local é igualmente um hospital militar, em 1916, onde Breton trabalha como interno e onde Vaché é tratado. Vaché é o homem que não respeita nada, o homem do humor permanente (escrito sem h, Umor), que zomba de tudo, absolutamente de tudo, e notadamente de seus amigos; Assim, em 1917, ele interrompe a apresentação de uma peça de Apollinaire, *Les Mamelles de Tirésias*: em uniforme de oficial inglês, um revólver na mão, ele gritava e ameaçava atirar para protestar contra a mediocridade da peça.

Por ele, Breton chega a uma crítica radical de tudo e é assim levado a abandonar seus antigos critérios poéticos, e isso tanto mais que, ao mesmo tempo, se inicia profundamente em Rimbaud: superando o poeta, ele conhece o Rimbaud que se afasta da poesia para se lançar na pesquisa oriental, no esoterismo e na droga. Durante vários meses de 1916, ele fica assim totalmente absorvido: "*Eu estava*", diz ele, "*como que sob o efeito de um feitiço*".

Nova mudança de cenário em 1917: Breton deixa o hospital de Nantes para o Leste e é nomeado assistente no hospital psiquiátrico de Saint-Dizier, onde eram tratados aqueles cujo cérebro havia sido um tanto perturbado pela atmosfera do front (pense-se na atmosfera das trincheiras, em Verdun, ou nos motins antes da intervenção do general Pétain).

Essa circunstância é muito importante, pois Breton se verá assim em contato com o que será uma de suas principais fontes de inspiração. Ele experimenta primeiro os métodos psicanalíticos, especialmente o registro dos sonhos e das associações de ideias, métodos que encontraremos mais tarde no Surrealismo; E, sobretudo, ele se acostuma com esse aspecto muito particular do meio psiquiátrico, "liberto" de todas as coerções da vida normal, lógica, moral. Essa é uma experiência que deve ter modificado singularmente sua sensibilidade e que abriu de par em par as portas atrás das quais ainda se mantinha esse jovem rebelde de 21 anos.

Em 1917, Jean Reverdy cria a revista *Nord-Sud*, dedicada à estética cubista, com Apollinaire, Braque, Max Jacob, bem como à poesia com Reverdy, Soupault, Tzara, Aragon e Breton. É aí, neste final de guerra, que se iniciam as ligações que dariam origem ao movimento Surrealista, tanto no plano das ideias quanto no dos homens. Em seguida, com a morte de Apollinaire em 1918, Breton se vê livre e maduro para uma nova etapa de seu percurso.

OS PRIMEIROS PASSOS... ATÉ A RUPTURA COM DADÁ

Assim que a guerra termina, esses senhores se reencontram em Paris e, embora na maioria ainda não desmobilizados, frequentam em tempo integral diversos cafés, como o famoso Café de Flore ou a livraria de Adrienne Monnier, "a casa dos amigos dos livros", na rue de l'Odéon.

O grupo se constitui com Breton, Aragon e Soupault como pilares, e como mestre distante Jacques Vaché, que, nesse ínterim, morre em Nantes de uma overdose de ópio, em 10 de janeiro de 1919.

Dois meses depois, em março de 1919, sai o primeiro número da revista *Littérature*, sob a direção do trio, com o título retirado de Verlaine e sugerido por Paul Valéry, com quem Breton ainda mantém relação. Não se trata de uma revista revolucionária ou, ao menos, ela se esforça, para ser aceita, por acolher muita gente e homens bastante diferentes: Salmon, Max Jacob, Reverdy, Blaise Cendrars, Paul Morand, Giraudoux, Drieu la Rochelle, Jean Paulhan.

Alguns sinais, no entanto, não enganam o observador atento quanto à orientação profunda, como a publicação, nos quatro primeiros números, das poesias de Isidore Ducasse, satanista declarado, autor dos *Cantos de Maldoror*, que será uma das grandes fontes de inspiração de Breton.

Em setembro de 1919, Breton é liberado de suas obrigações militares e, com seus amigos, está convencido de que é preciso renunciar ao aspecto antológico da revista para lhe dar uma direção mais precisa; Dois elementos contribuirão para cristalizar essa tendência: o encontro com Éluard, por intermédio de Paulhan (que é certamente a eminência parda da vida cultural do entre-guerras), e a correspondência com Tristan Tzara.

Esse nome de Tzara nos leva ao movimento Dadá, que é uma das fontes do Surrealismo e que lhe serviu de detonador. O grupo Dadá havia sido fundado alguns anos antes, em 1916, em Zurique, na Suíça, num meio de emigrantes de diversos países, por Tristan Tzara, um romeno, Hueselbeck, um alemão, e Arp, um alsaciano. É um movimento literário muito intransigente, cujo lema é "*o pensamento se faz na boca*", e cujo principal meio de ação, além das revistas e dos manifestos, é o "espetáculo-protesto", onde os atores passam o tempo batendo em latas, cacarejando como galinhas, gritando poemas sem sentido e mil outras extravagâncias.

O movimento se espalhou muito rapidamente na Alemanha, essa Alemanha vencida, entregue à fome, à miséria, e onde as forças revolucionárias se desenvolviam a grande velocidade. Depois, penetrou na França em 1919 graças a Tzara; Breton já tinha um certo conhecimento do Dadaísmo por intermédio de Apollinaire, que lhe havia passado as primeiras revistas dadaístas em 1917.

Num primeiro momento, o pensamento de Tzara e o estilo de ação dadaísta vão deslumbrar nossos franceses e dar-lhes a impressão de que aí está o bom caminho, o da contestação global de todos os valores pelo ridículo, de modo que Breton e seus amigos vão se afastar por um tempo de seu próprio caminho, para onde os haviam conduzido suas primeiras simpatias: Gide, Lautréamont, Rimbaud, Freud. Na primeira sexta-feira do grupo *Littérature* em janeiro de 1920, enquanto personagens mascarados leem um poema desarticulado de Breton, Tzara lê em voz alta o jornal enquanto soa um concerto de matracas e campainhas e são expostos quadros de Picabia.

No entanto, mal se passou um ano, uma divergência de concepção surge entre Breton e Tzara-Dadá, o primeiro reprovando ao segundo a esterilidade de sua agitação, vaga demais, superficial demais, semelhante demais a simples algazarras de estudantes. Breton, por sua vez, quer atacar a arte oficial, claro, mas também seus autores e denunciá-los como traidores da causa do homem; A primeira vítima escolhida é Maurice Barrès, cuja evolução para um patriotismo cada vez mais marcado enojava os Surrealistas, e na sexta-feira, 13 de maio de 1921, uma "acusação e julgamento de Barrès" é anunciada pela revista *Littérature*; Dadá ainda participa, mas, agindo à parte, continua a brincar sem trégua, enquanto para Breton a causa é séria, mesmo que se expresse pelos meios do ridículo.

No ano seguinte, em 1922, Breton, desejoso de fazer um balanço dessa agitação desde a guerra e de tentar unificar um pouco as diferentes tendências da arte moderna, empreende a convocação de um "Congresso Internacional para a Determinação das Diretrizes e a Defesa do Espírito Moderno", convidando uma multidão de pessoas de diversas disciplinas.

Tzara recusou-se a comparecer e o fez saber em alto e bom som, dizendo: "*Dada não é moderno, é contra toda forma de arte*." Com isso, o congresso foi escondido, a ruptura foi consumada, e chegou-se até às vias de fato quando, em julho de 1922, Breton e Péret manifestaram-se durante uma representação de uma peça de Tzara, "*Le Cœur à Gaz*".

Foi com enorme alívio que Breton retomou sua liberdade, e nos textos daquela época ele explica isso com muita clareza: constatando a morte de Dada (em sua opinião, é claro) e "*porque o dadaísmo, como tantas outras coisas, não passou para alguns de uma maneira de se acomodar*", ele quer romper o que considera um círculo vicioso e continuar sua marcha em frente, seguindo sua fórmula:

> "*Abandone tudo. Abandone Dada. Abandone sua esposa. Abandone sua amante. Abandone suas esperanças e seus medos. Semeie seus filhos na beira do bosque. Abandone a presa pela sombra. Abandone, se necessário, uma vida fácil, o que lhe oferecem como uma situação de futuro. Saia pelas estradas.*"

Em seguida, Breton relembra quem são seus verdadeiros amigos: "*Picabia, Duchamp, Picasso nos restam. Aperto-lhes as mãos, Louis Aragon, Paul Éluard, Philippe Soupault, meus queridos amigos de sempre. Lembram-se de Guillaume Apollinaire e Pierre Reverdy? Não é verdade que lhes devemos um pouco da nossa força?*" E ele saúda os recém-chegados: "*Mas já Jacques Baron, Robert Desnos, Max Morise, Roger Vitrac, Pierre de Massot nos aguardam. Não se dirá que o Dadaísmo serviu para outra coisa senão para nos manter nesse estado de disponibilidade perfeita em que estamos e do qual, agora, vamos nos afastar com lucidez em direção ao que nos reclama.*"

A partir de então, nos anos de 1922, 1923, 1924, Breton e seus amigos surrealistas não têm mais nada a ver com o Dadaísmo e, desdenhando a agitação pura, querem ser os órgãos de uma nova corrente, construtora de uma nova revolução, mesmo que o rótulo surrealista ainda não exista.

O SURREALISMO PROPRIAMENTE DITO DE 1919 A 1929

AS ORIGENS

Como revolucionários, os surrealistas não queriam ancestrais; no entanto, encontraram-nos no século XVIII e, sobretudo, no século XIX. Seus gostos os levam para os autores de "romances negros", todos ingleses, como Walpole, Radcliffe, Lewis — e, claro, Sade, em quem veem o modelo acabado do homem liberto e de quem buscam muito se inspirar.

Com o Romantismo, francês, inglês e, principalmente, alemão, eles encontram em abundância o que satisfazer sua inclinação para o insólito, o devaneio, o vago. Seus grandes nomes são Victor Hugo por uma parte de sua obra, Aloysius Bertrand, Pétrus Borel, e sobretudo Gérard de Nerval, que faz a ponte com o Romantismo alemão, de quem traduzira para o francês o *Fausto* de Goethe; os surrealistas também se inspirarão nos "Hinos à Noite" de Novalis, nos poemas de Hölderlin e nos *Contos Bizarros* de Achim von Arnim.

Voltando aos franceses, resta citar Baudelaire e, principalmente, o trio principal: Lautréamont, Rimbaud e Jarry, 'o pai do Ubu', que, mais recentes, quase contemporâneos, constituem as raízes diretas do movimento.

Já dissemos o suficiente para que se delineiem as grandes linhas do que será ou, pelo menos, do que o Surrealismo *quererá* ser: não uma nova escola literária, suplementar, tomando seu lugar na sequência das outras na longa lista das escolas, mas sim uma nova maneira de pensar, de apreender o real e, finalmente, uma nova maneira de sentir e de viver, uma revolução vivida.

Uma tal ruptura não poderá ser realizada totalmente, e, de fato, muita literatura se misturará a ela, muitos problemas pessoais também, questões de pessoas como se diz, ou seja, as rivalidades inevitáveis entre personalidades fortes e talentosas. Mas o que nos interessa é a medida em que o grupo surrealista realizou seu projeto: revolucionar o pensamento e o que muitas vezes lhe faz as vezes, a sensibilidade.

OS MÉTODOS

Já dissemos no início deste estudo que a gestação do movimento surrealista se dá num tempo em que os homens têm a impressão de que todas as suas concepções do mundo estão desmoronando: por exemplo, Einstein, Heisenberg, Freud introduziram o relativismo universal, a ruína da causalidade e a onipotência do inconsciente. E a intuição de Breton o leva a se dirigir nesse sentido; se ele rompe com Dada, é porque compreendeu que não adianta muito negar o que foi feito até então, e que é muito preferível construir segundo os novos princípios que se insinuam e que em breve triunfarão.

Portanto, o Surrealismo não será tanto uma nova escola estética, artística, quanto um meio de conhecimento para explorar domínios pouco frequentados: o inconsciente, o maravilhoso, o sonho, a loucura, os estados alucinatórios, enfim, todo o avesso do mundo normal. Assim, diferentemente do anarquismo de Dada, a ênfase é colocada no aspecto sistemático, científico, experimental, organizado, da abordagem e do trabalho surrealista, o que muitas vezes será mal compreendido por alguns discípulos mais espontaneístas.

PRIMEIROS TRABALHOS

A primeira obra surrealista coproduzida por Breton e Soupault, "*Os Campos Magnéticos*", resultou diretamente da influência freudiana. Poucos anos antes, em 1919, Breton havia fixado sua atenção no que ocorre nas primeiras fases do adormecimento, no momento em que a consciência começa a ser alterada: imagens, sons, às vezes frases mais ou menos incoerentes, atravessam a mente, o que os médicos chamam de "alucinações hipnagógicas". Inspirado pelos métodos médicos conhecidos durante a guerra, Breton esforça-se para obter um resultado semelhante em estado de vigília, ou seja, um monólogo rápido, incontrolado e que, segundo ele, seria diretamente o pensamento falado, sem a intervenção do espírito crítico.

Foi assim que ele e Soupault compuseram sua primeira obra, e maravilharam-se com ela, conforme expressa Aragon em um texto de 1924:

> "*O que os impressiona é um poder que não conheciam em si mesmos, uma desenvoltura incomparável, uma libertação do espírito, uma produção de imagens sem precedentes e o tom surpreendente de seus escritos. Eles reconhecem em tudo o que nasce deles assim, sem sentir que são responsáveis por isso, todo o inigualável dos poucos livros, das poucas palavras que ainda os emocionam. De repente, vislumbram uma grande unidade poética que vai das profecias de todos os povos até as 'Iluminações' e os 'Cantos de Maldoror'.*" (*L. Aragon: Uma Onda de Sonhos*, 1924)

Em seguida, um dos membros do grupo, René Crevel, que viria a cometer suicídio, tendo se iniciado no espiritismo, pensaram que o sono hipnótico seria ainda mais eficaz, e em 1922/1924 os principais membros do grupo se dedicaram intensamente a ele:

> "*No início, cada um de nós acreditava ser objeto de um distúrbio particular, lutava contra esse distúrbio. Logo sua natureza se revelou. Tudo se passava como se o espírito, chegando a essa dobradiça do inconsciente, tivesse perdido o poder de reconhecer para onde estava indo. Nele subsistiam imagens que tomavam corpo, tornavam-se matéria da realidade. Expressavam-se segundo essa relação em uma força sensível. Revestiam-se assim dos caracteres de alucinações visuais, auditivas, táteis. Experimentávamos toda a força das imagens. Havíamos perdido o poder de manejá-las. Éramos seu domínio, sua montaria. Na cama, ao dormir, na rua, de olhos bem abertos, com todo o aparato do terror, dávamos as mãos aos fantasmas...*"

Nesse delírio coletivo e permanente, alguns são mais dotados que outros; assim, Robert Desnos era capaz de partir à vontade:

> "*No café, no meio do barulho das vozes, na plena luz, nos cochichos, Robert Desnos basta fechar os olhos e fala, e, no meio dos copos de chope, dos pires, todo o oceano desaba com seus estrondos proféticos e seus vapores ornados de longas oriflammes. Que aqueles que interrogam esse dorminhoco formidável o orientem minimamente e logo a predição, o tom da magia, o da revelação, o da revolução, o tom do fanático e do apóstolo surgem. Em outras condições, Desnos, se se entregasse a esse desfile, tornar-se-ia o chefe de uma religião, o fundador de uma cidade, o tribuno de um povo sublevado.*"

Eles são os primeiros a se maravilhar com esses resultados e buscam explicações, e nessa ocasião revelam-se as tendências particulares, um recorrendo ao além, outro à metempsicose, outro à psicanálise; Aliás, nessa variedade reside a fonte e o início das divergências futuras que encontraremos.

A revista *Littérature* continua sendo o órgão do grupo até junho de 1924, e é lá que encontramos expressos os primeiros trabalhos práticos que podem ser resumidos pelo título da obra publicada por Aragon naquele ano, *Uma Onda de Sonhos*, da qual acabamos de citar alguns trechos.

Os colaboradores foram chegando gradualmente ao longo dos anos de 1922 e 1923 e agora, em meados de 1924, são bastante numerosos; Citemos, além de Breton e Aragon, Soupault, Crevel, Éluard, Péret, Jacques Baron, Max Ernst o pintor, Robert Desnos, Picabia, Paulhan e um grande número de personagens de segunda linha como Georges Limbourg, André Masson, Joseph Delteil, Antonin Artaud, Pierre Naville, Georges Malkine – e muitos outros menos conhecidos; Todos têm em comum sua juventude, alguns são ainda adolescentes e o próprio Breton, que figura como chefe, como papa, dirão alguns por causa de seu ar sério e autoritário, tem apenas 28 anos.

As fontes, os princípios, os métodos, os homens, tudo está reunido no final do ano de 1924 para que o movimento surrealista possa ser oficialmente fundado. Não se trata, portanto, de uma criação artificial, mas da culminação de toda uma corrente, de aspectos múltiplos; Das diversas sínteses tentadas naquela época, o Surrealismo é a que melhor sucedeu porque era a mais ampla e também, sem dúvida, por causa da personalidade de seu principal animador, André Breton.

Essa multiplicidade é tão real que a palavra surrealismo, inventada por Apollinaire, acabava de ser usada como título de uma revista por Ivan Goll, e se, de fato, o grupo se estrutura em torno de Breton, é porque, melhor do que ninguém, ele sabe o que quer e vai demonstrá-lo redigindo uma carta, o "*Manifesto do Surrealismo*". Em seguida, o grupo se dota de uma permanência, o "Escritório de Pesquisas Surrealistas", cujo caráter científico e até técnico da denominação deve ser notado, e a partir de 1º de dezembro de 1924 publica seu novo órgão, *A Revolução Surrealista*.

No Manifesto do Surrealismo, Breton faz primeiramente o processo do realismo, notadamente na literatura, que acusa de ser chato, sem voo, e sobretudo de nada revelar além do real. Ele exalta, ao contrário, a imaginação e o sonho, graças aos quais o homem pode atingir a realidade, a Surrealidade.

Essa conquista é possível para todos, especialmente por meio da poesia, mas uma poesia praticada segundo um certo método: o automatismo.

> "*Surrealismo: automatismo psíquico puro pelo qual nos propomos a expressar, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral... O Surrealismo baseia-se na crença na realidade superior de certas formas de associações negligenciadas até ele, na onipotência do sonho, no jogo desinteressado do pensamento. Ele tende a arruinar definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos e a substituí-los na resolução dos principais problemas da vida...*"

Claro, nem tudo pode ser genial no que é produzido segundo este método, e Aragon teve que se esforçar para responder à objeção nestes termos:

> "*... Assim, o conteúdo de um texto surrealista importa da mais alta forma, é o que lhe confere um precioso caráter de revelação. Se você escreve, seguindo um método surrealista, tristes imbecilidades, são tristes imbecilidades. Sem desculpas...*" (*Aragon*, *Tratado do Estilo* - 1928)

Na verdade, o automatismo será muito empregado, mas não será o único meio, e alguns membros do grupo quase nunca o utilizarão. Assim compreendida, a poesia, e de uma forma mais geral, o pensamento, deixam de ser pessoais: tornam-se místicas, mágicas; O poeta é inspirado e é aquele que inspira os outros, revelando-lhes pensamentos desconhecidos, novas maneiras de considerar a vida e as coisas da vida.

Esta concepção está na origem do Bureau de pesquisas surrealistas, central encarregada de coletar todas essas descobertas, todas essas mensagens e também, se necessário, de provocá-las. Numerosos comunicados são enviados aos jornais e uma intensa propaganda é realizada para tentar alcançar todos os portadores de segredo: inventores, loucos, revolucionários, inadaptados, sonhadores, cujas confidências formarão a matéria-prima de uma nova alquimia para a descoberta da pedra filosofal nova maneira, aquela que permitirá a transmutação do pensamento.

Aragon descreve assim o novo organismo "científico":

> "*Penduramos uma mulher no teto de um quarto vazio onde vêm, cada dia, homens inquietos, portadores de pesados segredos. Foi assim que conhecemos Georges Bessières, como um soco. Trabalhamos em uma tarefa para nós mesmos enigmática diante de um volume de Fantomas, fixado na parede por*

> *garfos. Os visitantes nascidos sob climas distantes ou à nossa porta contribuem para a elaboração desta formidável máquina de matar o que é, para o acabamento do que não é. No número 15 da rua de Grenelle abrimos uma romanesca Estalagem para as ideias inclassificáveis e as revoltas perseguidas. Tudo o que ainda resta de esperança neste universo desesperado vai se voltar para a nossa risível tenda com seus últimos olhares delirantes: trata-se de chegar a uma nova declaração dos direitos do homem*".

A Revolução Surrealista - Decorrente da mesma ideia, a revista do movimento assume uma forma austera, no gênero das revistas científicas, sem elemento ruidoso nem mesmo simplesmente lisonjeiro, tal como a queriam expressamente seus dois diretores, Benjamin Péret e Pierre Naville. O conteúdo, por outro lado, é muito provocante; Tudo isso não tem mais nada a ver com "Literatura" nem mesmo com Dadá, trata-se, segundo o desejo dos autores, da revista mais escandalosa do mundo desde o primeiro ano.

Além da parte muito importante dedicada ao sonho, à teoria e aos relatos, encontra-se uma pesquisa que faz a lista de todos os suicídios realizados no ano e publicados nos jornais e que conclui: "*vive-se, morre-se. Qual é a parte da vontade em tudo isso? Parece que se mata como se sonha. Não é uma questão moral que colocamos: o suicídio é uma solução?*" - E depois uma foto, a de Germaine Berton, que acabara de assassinar o Camelot do Roy Marius Plateau, rodeada pela de todos os surrealistas ou de seus grandes homens como Freud, Chirico, Picasso. Encontram-se ali Aragon, Artaud, Baron, Boiffard, Breton, Carrive, Crevel, Delteil, Desnos, Éluard, Ernst, Gérard, Limbour, Lubeck, Malkine, Morise, Naville, Noll, Péret, Man Ray, Savinio, Soupault e Vitrac, enquanto um texto de Baudelaire servia de explicação: "*a mulher é o ser que projeta a maior sombra ou a maior luz sobre os nossos sonhos*."

A equipe que concebeu isso não tem medo de cara e podemos nos perguntar até onde irá; saberá ela mesma, naquele final de ano de 1924? A capa da revista precisa ou confessa: "*o Surrealismo não se apresenta como a exposição de uma doutrina... É preciso esperar tudo do futuro*".

Enquanto aperfeiçoa assim seus próprios meios de ação, a equipe surrealista multiplica paralelamente suas provocações na vida cotidiana, uma provocação aliás cuidadosamente preparada e calculada.

Por ocasião da morte de Anatole France, lançou um panfleto intitulado "U*m cadáver*" - e isso com tanto mais prazer quanto France havia habilmente dado garantias tanto à esquerda quanto à direita; Breton concluía nestes termos:

> "*Loti, Barrès, France, marquemos mesmo assim com um belo sinal branco o ano que deitou esses três sinistros figurões: o idiota, o traidor e o policial... Com France é um pouco da servilidade humana que se vai. Que seja o dia em que se enterra a astúcia, o tradicionalismo, o patriotismo, o oportunismo, o ceticismo e a falta de coração! Pensemos que os mais vis comediantes deste tempo tiveram*

> *Anatole France como comparsa e nunca lhe perdoemos por ter falado as cores da Revolução de sua inércia sorridente. Para encerrar seu cadáver, esvazie-se, se quiser, uma caixa dos cais desses velhos livros que ele tanto amava e jogue-se tudo no Sena. É preciso que, morto, este homem não faça mais poeira.*"

O escândalo foi enorme e contribuiu muito para tornar a equipe conhecida tanto junto ao grande público quanto junto a uma juventude ávida por novidades e sempre hostil às concessões, das quais o "centrista" Anatole France havia sido o especialista.

Este ano de 1924, no entanto, apenas indica o caminho para o qual o Surrealismo vai se dirigir: de uma forma geral, a equipe evita cuidadosamente precisar demais sua ação, mesmo que a linha seja visível para quem olha com lucidez: trata-se de uma revolta para mudar não apenas a poesia e a literatura, mas também e sobretudo a vida.

Sem ainda ter uma doutrina bem estabelecida, os novos associados seguem alguns princípios muito firmes:

- todo poder do inconsciente e das manifestações, o sonho, a escrita automática;
- destruição da lógica e das consequências;
- também a destruição da religião, da moral e da família, que impedem o homem de viver segundo seus desejos e realizar sua verdadeira natureza.

O problema é que, para chegar a esse belo resultado, os meios não são muito claros e, menos ainda, evidentes. No limite, como bons idealistas, a maioria pensaria de bom grado que, tal qual as trombetas de Jericó, a "onipotência do pensamento", uma vez liberta dos entraves da razão, bastaria para obter tudo.

Enquanto esperam por esse grande dia, os surrealistas levam uma vida boêmia, frequentando cafés, teatros e bordéis, em busca da vida bruta, pura de toda civilização... Nesse momento, falam em "mudar a vida", segundo a expressão de Rimbaud que desde então fez fortuna, mas ainda não sabem muito bem o que isso significa: vão descobrir em breve.

PRIMEIRAS ARMAS

No início de 1925, sai o segundo número da "Revolução Surrealista". O slogan "*abram as prisões, dispensem o exército*" causa impacto, mas parece apoiado em um raciocínio sentimental e lamuriento, que surpreende um pouco vindo dessa equipe e que lhe rende, inclusive, certo desprezo por parte dos verdadeiros revolucionários: assim se inicia uma polêmica entre Aragon e Jean Bernier, diretor da revista "*Clarté*", que destaca bem a posição surrealista naquele momento.

É uma posição incômoda que facilmente lhes rende a acusação de serem estetas, acomodados; daí sua preocupação em provar o contrário e, para isso, em realizar uma experiência válida.

Os surrealistas lançam, portanto, uma ampla pesquisa sobre o suicídio — Por que se suicida? É uma solução interessante? — que lhes rendeu uma infinidade de respostas, muitas delas vindas de

não surrealistas.

Por outro lado, esse desconforto os leva a afirmar cada vez mais firmemente seu caráter revolucionário, em termos quase políticos, como se vê nesta "*Declaração de 27 de janeiro de 1925* ":

> "*Não temos nada a ver com a literatura. Mas somos perfeitamente capazes, se necessário, de usá-la como qualquer um.*
>
> *O surrealismo não é um novo meio de expressão, nem mais fácil, nem mesmo uma metafísica da poesia. É um meio de libertação total do espírito e de tudo o que se lhe assemelha.*
>
> *Estamos decididos a fazer uma Revolução. Acolamos a palavra surrealismo à palavra Revolução unicamente para mostrar o caráter desinteressado, desprendido e até mesmo absolutamente desesperado dessa revolução.*
>
> *Não pretendemos mudar nada nos homens, mas pensamos bem em lhes mostrar a fragilidade de seus pensamentos, e sobre que bases movediças, sobre que porões, eles fixaram suas trêmulas casas.*
>
> *Lançamos à sociedade este solene aviso. Que ela cuide com seus desvios, a cada passo em falso de seu espírito, não a deixaremos escapar...*
>
> *Somos especialistas da Revolta. Não há um meio de ação que não sejamos capazes, se necessário, de empregar... O Surrealismo não é uma forma poética. É um grito do espírito que se volta para si mesmo e está decidido a esmagar desesperadamente seus entraves. E, se necessário, com martelos materiais.*"

Nessa base, ocorrem inúmeras discussões no grupo, formam-se facções em função dos diversos acentos pessoais adicionados à doutrina comum, e distinguem-se claramente três tendências, aliás, totalmente lógicas:

De um lado, uma linha literária; de outro, uma linha diretamente política; e entre esses dois extremos, a linha propriamente surrealista que Breton terá o raro talento de saber afirmar e, na maioria das vezes, sustentar, conforme esclarece um comunicado interno desse período:

> "*A adesão a um movimento revolucionário, seja ele qual for, pressupõe uma fé nas possibilidades que ele pode ter de se tornar realidade. A realidade imediata da revolução surrealista não é tanto mudar algo na ordem física e aparente das coisas, mas criar um movimento nos espíritos. A ideia de uma revolução surrealista qualquer visa, antes de tudo, à substância profunda e à ordem do*

> *pensamento... Ela visa criar, antes de tudo, um misticismo de um novo gênero... Realmente capaz de mudar algo nos espíritos.*"

Assim definido, o surrealismo aparece não como uma nova *coterie* literária na esteira de muitas outras, mas sim como uma espécie de seita de iniciados com um objetivo comum e submetida a uma disciplina comum.

Essa unidade não é evidente e resulta de longas lutas de tendências, como revela este comunicado de 2 de abril de 1925:

> "*Os membros abaixo-assinados da Revolução Surrealista, reunidos com o objetivo de determinar qual dos dois princípios, surrealista ou revolucionário, era o mais capaz de direcionar sua ação, sem chegar a um acordo sobre o assunto, concordaram nos seguintes pontos: antes de qualquer preocupação surrealista ou revolucionária, o que domina em seu espírito é um certo estado de fúria. Eles pensam que é pelo caminho dessa fúria que têm mais chance de alcançar o que se poderia chamar de iluminação surrealista...*"

Outra tendência que se afirma no número 3 da revista deposita toda a sua esperança no Oriente do Buda e do Dalai-Lama:

> "*Somos teus muito fiéis servos, ó grande Lama, envia-nos, dirige-nos tuas luzes numa linguagem que nossos espíritos contaminados de europeus possam compreender e, se necessário, mude nosso espírito, faça-nos um espírito todo voltado para esses cumes perfeitos onde o espírito do Homem já não sofre...*
>
> *A Europa lógica esmaga o espírito sem fim entre os martelos dos dois termos, ela abre e fecha o espírito. Mas agora a sufocação está no auge, há tempo demais que sofremos sob o arreio. O Espírito é maior que o espírito, as metamorfoses da vida são múltiplas. Como vocês, nós repelimos o progresso: venham, derrubem nossas casas.*"

O Oriente é adulado não apenas como pátria dos sábios negadores da lógica, mas também como reservatório de forças selvagens, terra dos bárbaros capazes de destruir a civilização ocidental.

A esse respeito, a Revolução Russa começa a adquirir aos olhos de Breton um certo valor devido à sua origem asiática, garantia de uma revolução universal, e nos anos seguintes essa tendência irá muito longe, como veremos.

No momento, o número e a influência dos Surrealistas aumentaram fortemente, enquanto as tendências divergentes se afirmam e chegamos, perto do final do ano de 1925, a uma virada do grupo, rumo à sua provável fragmentação em várias capelas distintas; Para evitar esse desfecho, para manter a unidade e a boa linha, André Breton será levado a assumir o leme de forma cada vez mais enérgica e de maneira mais direta do que no passado.

A LINHA REVOLUCIONÁRIA É ACENTUADA

O perigo de fragmentação vem de todos os lados, da direita e da esquerda, por assim dizer. De um primeiro lado, o sucesso espreita os Surrealistas, o sucesso comercial e financeiro, diga-se. De fato, os *marchands* de quadros se interessam pelos pintores, Max Ernst e sobretudo Masson, assim como os editores pelos escritores, Éluard e sobretudo Aragon, que seus amigos já impediram, no início de 1925, de escrever um romance cujo contrato de edição havia sido previamente assinado. De outro lado, toda uma corrente, de tendência anarquizante, queria apenas a agitação pura e simples, no estilo do Dada ou quase.

A partir do número 4, Breton assume portanto sozinho a direção da revista e afirma essa linha sintética que é a sua e que pretende prosseguir ações eficazes, mas sem se deixar recuperar pela sociedade:

> "*De comum acordo, resolvemos de uma vez por todas acabar com o antigo regime do espírito... Ao nosso redor, vemos o Surrealismo gozar de um crédito bastante amplo tanto no exterior quanto na França. Espera-se algo de nós. Se as palavras 'Revolução Surrealista' deixam a maioria cética, ao menos não nos negam um certo ardor e o senso de algumas possíveis devastações. Cabe a nós não abusar de tal poder...*"

Muito consciente da importância do elemento visual e de seu caráter de influência direta, especialmente sobre a sensibilidade, Breton concede um lugar crescente à pintura surrealista; alguns pintores pré-surrealistas são até anexados, como Chirico e Picasso, de quem Breton diz que "*sem ele, a parte que nos ocupa teria sido, no mínimo, adiada, se não perdida*."

Paralelamente, o acento revolucionário se afirma, como testemunha o texto de uma conferência feita por Aragon em Madri, na Residência dos Estudantes, em 18 de abril de 1925:

> "*Teremos razão de tudo. E, antes de tudo, arruinaremos esta civilização que vos é cara, onde estais moldados como fósseis no xisto. Mundo ocidental, estás condenado à morte. Somos os derrotistas da Europa... Que o Oriente, vosso terror, enfim responda à nossa voz. Despertaremos em toda parte os germes da confusão e do mal-estar. Somos os agitadores do espírito. Todas as barricadas são boas, todos os entraves às nossas felicidades amaldiçoadas. Judeus, saí dos guetos. Que se esfomeie o povo para que conheça o gosto do pão da ira! Move-*

> *te, Índia de mil braços, grande Brahma lendário. A ti, Egito! E que os traficantes de drogas se lancem sobre nossos países aterrorizados. Que a América ao longos desabe de seus edifícios brancos em meio às proibições absurdas. Levanta-te, mundo! Vede como esta terra é seca e boa para todos os incêndios. Parece palha. Riam bem. Nós somos aqueles que sempre darão a mão ao inimigo...*"

Na França, também os Surrealistas não renunciam à sua técnica do escândalo e afirmam em múltiplas reuniões suas posições antinacionais e pró-alemãs.

Paul Claudel, tendo tido a imprudência de criticar a atividade surrealista, atraiu para si uma carta aberta das mais contundentes:

> "*Pouco nos importa a criação, desejamos com todas as nossas forças que as revoluções, as guerras e as insurreições coloniais venham aniquilar esta civilização ocidental da qual defendeis até no Oriente a verminosa, e chamamos esta destruição como o estado de coisas menos inaceitável para o espírito... Aproveitamos esta ocasião para nos desolidarizar publicamente de tudo o que é francês em palavras e ações. Declaramos achar a traição e tudo o que, de uma forma ou de outra, possa prejudicar a segurança do Estado mais conciliável com a poesia do que a venda de 'grandes quantidades de terra' em nome de uma nação de porcos e cães... (alusão à intervenção de Claudel em trocas comerciais entre a França e os Estados Unidos durante a guerra de 14/18).*"

A partir de então, começava-se a não ter mais muitas ilusões sobre a ideologia surrealista, e a imprensa moderada, que finalmente compreende aonde seus promotores querem chegar (pelo menos no plano político), fala em colocá-los em quarentena. Fala, mas o fará muito pouco na realidade.

E, no entanto, a querela deixou de ser um jogo de intelectuais, como se acreditara até então, o que permitiu aos surrealistas se infiltrarem amplamente em todos os meios culturais e mundanos e, jogando nos dois tabuleiros, adquirir uma influência considerável.

Doravante, os atos seguirão as palavras, e os Surrealistas darão uma nova guinada, diretamente política, sendo a situação mundial e a situação francesa a provocar uma aproximação decisiva entre os Surrealistas e os Comunistas.

No Oriente, a onda marxista consolidou-se na Rússia e começa a se estender à China. No Ocidente, a guerra do Rif no Marrocos leva os discípulos de Breton a colaborar com os comunistas, e especialmente com organizações paralelas, paracomunistas, como o grupo "*Clarté*" dirigido por Bernier e Marcel Fourier.

Esse grupo "*Clarté*", fundado em 1919 por Henri Barbusse com uma base pacifista, rapidamente se tornou um cruzamento de intelectuais pró-marxistas, grandes admiradores da Rússia dos Sovietes.

Após algumas reuniões, chegou-se a uma reunião comum de quatro grupos: a Revolução Surrealista, Correspondência (grupo surrealista belga), *Clarté* já citado, e Filosofias, um grupo de jovens filósofos não oficialmente marxistas, mas que gradualmente se tornarão, como Henri Lefebvre, Georges Politzer, Norbert Guterman, Georges Friedman e Pierre Morhange.

A união se concretizou sob a forma de um novo manifesto intitulado "*A Revolução em toda parte e sempre*". Após uma homenagem à Ásia eterna e a Lênin como artífice da paz de Brest-Litovsk, encontram-se as habituais críticas ao exército francês e a todas as elites: padres, médicos, filósofos, acadêmicos, etc...

A novidade para os Surrealistas reside, sobretudo, na seguinte afirmação: "*Não somos utópicos; essa Revolução só a concebemos em sua forma social*". O que equivale a dizer que a Revolução no plano do espírito, que é o objetivo primeiro e fundamental dos Surrealistas, não é possível sem uma Revolução prévia no domínio social. Aqui novamente, não podemos deixar de pensar no "Primeiro a Política", ao qual Breton adere após tê-lo rejeitado alguns anos antes.

Tocamos aqui num ponto de extrema importância, que vai dividir o movimento de forma irremediável: mais amplamente, é o ponto que divide a esquerda permanentemente, e é o dilema que vimos em primeira linha em maio de 1968.

Por agora, os Surrealistas têm consciência de terem passado do idealismo ao materialismo dialético, e orgulham-se muito disso, como indica um texto de Breton, "*A Revolução Primeiro e Sempre*".

> "*A atividade surrealista, diante desse fato brutal, revoltante, impensável (a guerra do Marrocos), será levada a interrogar-se sobre seus próprios recursos, a determinar seus limites; Ela nos fará adotar uma atitude precisa, exterior a si mesma, para continuar enfrentando o que excede seus limites. Essa atividade entrou nesse momento em sua fase raciocinante; Ela sente de repente a necessidade de transpor o fosso que separa o idealismo absoluto do materialismo dialético.*"

Aliás, nessa época, Breton sofre a influência de um livro que o subjuga, o *Lênin de Trotsky*; Ele compreende então toda a amplitude do projeto revolucionário soviético, não apenas no plano quantitativo, mas também quanto à profundidade da transformação operada e ao absolutismo dos meios empregados, e percebe que, em comparação com essas realidades, os sonhos mais prometeicos de Sade ou Rimbaud pareciam meras veleidades individualistas.

Podemos notar a esse respeito, por um lado, que essa evolução foi também a de um grande número de intelectuais de esquerda (o que explica em parte a história dos últimos cinquenta anos) e, por outro, que a nova mentalidade materialista de Breton foi muito prejudicial à sua perspicácia,

e ele precisará de vários anos e muitas dificuldades para retornar às suas primeiras concepções.

Breton está então fascinado por Trotsky, e guardará sempre essa admiração que o levará mais tarde a encontrá-lo no México. Em 1938, ainda definirá o primeiro terço do século XX como "*a época de Lautréamont, de Freud e Trotsky*". É uma imagem a não esquecer.

No final de 1925, a colaboração com os marxistas está, portanto, bem estabelecida; *Clarté* apresenta os Surrealistas ao seu público, enquanto *L'Humanité* de 8 de novembro de 1925 publica uma declaração do entendimento dos quatro movimentos segundo a qual "*os Surrealistas nunca teriam tido teoria surrealista da Revolução e nunca teriam acreditado numa Revolução surrealista*".

Na escalada da aliança, os Surrealistas chegaram, portanto, a se renegar, a si mesmos e a todo o seu passado. Temos o direito de perguntar qual era o valor dessa renúncia: até que ponto acreditavam nela? Ela lhes foi extorquida pelo PC? Tudo isso nos deixa pensativos sob diversos pontos de vista, e o futuro nos esclarecerá.

Por enquanto, o acordo parece tão completo que a revista *Clarté* anuncia seu desaparecimento em dezembro de 1925 para dar lugar a um novo órgão comum aos dois grupos, "*La Guerre Civile*", onde se encontrariam misturadas as duas equipes: André Breton, Victor Crastre, Robert Desnos, Paul Éluard, Marcel Fourrier, Paul Guittard, Benjamin Péret, Michel Leiris, André Masson, Philippe Soupault, Victor Serge.

Fourrier apresenta o futuro órgão como a expressão da "*primeira corrente que surge na França desde 1919 de uma jovem inteligência revolucionária adepta ao comunismo, corrente onde se reúnem pela primeira vez espíritos vindos à Revolução pelos caminhos mais diversos...*"

Mas Breton, por mais apaixonado que seja, guarda um resto de prudência e não quer ver desaparecer a revista que fez a unidade de seu grupo, nem que cesse a atividade própria do grupo surrealista. Assim, em 1º de março de 1926, surge um novo número de "*A Revolução Surrealista*".

Apesar de suas veementes afirmações pró-marxistas publicadas em *Clarté*: "*Só tivemos que voltar nossos olhares para a Rússia... Pertencemos de corpo e alma à Revolução e, se até agora nunca aceitamos comandos, era para nos mantermos às ordens daqueles que a animam...*" Breton insiste em sua ideia de que, por sua amplitude e radicalismo, a revolução surrealista ultrapassa a estreita especialização econômica e social da revolução política: para ele, elas devem caminhar juntas, mas sem se alienarem mutuamente.

É muito interessante ver Breton debater-se assim entre o que constitui sua intuição própria, e pode-se dizer seu gênio próprio, e as necessidades da ação submetidas ao peso comunista.

Finalmente, essa bela obstinação fez fracassar o projeto de união, e a nova revista "*La Guerre Civile*" não foi publicada, enquanto *Clarté* ressurgiu no verão de 1926. No entanto, continuaram bons amigos, ou pelo menos disseram isso; Assim, Marcel Fourrier explica em *Clarté* que se tratava de um erro e que é melhor cada um trabalhar de seu lado, em seu domínio, pelo menos até a hora decisiva: então os Surrealistas tomarão seu lugar nas fileiras comunistas... Não se pode ser mais claro, e doravante os Surrealistas sabem o que se espera deles.

DO FUSIONISMO FRACASSADO À CRISE DE 1929

Uma evolução lenta conduziu o Surrealismo às portas da política, mas o endurecimento tardio de Breton acabou travando tudo; Um golpe em vão, poder-se-ia dizer, mas não é certo, pois doravante o problema está posto e permanecerá; Tornar-se-á até cada vez mais claro ao longo dos anos seguintes até 1930. Durante esses quatro anos, o movimento se verá dividido, quase estraçalhado, entre sua atividade própria e os confrontos políticos que dividem seus membros.

O primeiro elemento de destaque a tomar distância será Pierre Naville, o antigo diretor da revista no início (mas isso data de apenas dois anos...). Para ele, apenas a Revolução política marxista realmente importa, e parece-lhe evidente que os Surrealistas continuam sendo intelectuais sem grande influência sobre o andamento da sociedade. É um ponto de vista que pode ser discutido de fato, objetivamente, mas o mais grave é que Naville, como materialista consequente, acrescenta que a libertação do espírito decorrerá da libertação das estruturas sociais, e não o inverso.

Isso é grave para os Surrealistas, pois toda a sua abordagem pressupõe o princípio inverso. E podemos relembrar mais uma vez a extrema atualidade do problema, na época em que os revolucionários de todas as matizes são obrigados a reconhecer cada vez mais o fracasso da Rússia no plano da felicidade dos povos.

Mas em 1926/1930, todas essas críticas de Naville, por discutíveis que tenham sido, de um ponto de vista revolucionário, entenda-se, encontravam um terreno muito sensível entre os membros do grupo: a Revolução política avançava a passos largos e parecia dever impor rapidamente a revolução mundial, enquanto a abordagem surrealista parecia longa e lenta, como um trabalho de formiga, e seus resultados pouco visíveis.

Breton está ciente disso e muito inquieto quanto ao futuro do grupo; ele reage publicando "*Legítima Defesa*" em setembro de 1926. Após relembrar sua adesão de princípio ao programa comunista, critica a atitude hostil dos comunistas e, sobretudo, zomba, o que é fácil, do baixo nível da imprensa proletária. Finalmente, ele ressalta que os Surrealistas podem servir à Revolução de fora, mantendo-se livres das amarras da ação que frequentemente levam a violar os princípios.

E ele resume finalmente o dilema nestes termos muito explícitos:

> "*No domínio dos fatos, de nossa parte nenhuma ambiguidade é possível: não há nenhum de nós que não deseje a passagem do poder das mãos da burguesia para as do proletariado. Enquanto isso, não é menos necessário, segundo nós, que as experiências da vida interior prossigam, e isso, bem entendido, sem controle exterior, mesmo marxista... Na verdade, há dois problemas diferentes: o do conhecimento, que se colocou eletivamente para nós, e o da ação social a ser conduzida; Os dois problemas são essencialmente distintos e acreditamos que se embaralhariam deploravelmente se não quisessem permanecer assim. Portanto, é preciso erguer-se contra qualquer tentativa de fusão de seus dados, e muito especialmente contra a intimação de abandonar todas as pesquisas da*

> *ordem das nossas para nos dedicarmos à literatura e à arte de propaganda.*"

A saída dos números 6, 7 e 8 da Revista *A Revolução Surrealista* ao longo do ano de 1926 poderia fazer crer que a tempestade se acalmou: não se encontram mais ali proclamações políticas, mas apenas, como no início, textos de sonhos, pinturas, desenhos, etc.

Na realidade, o fogo dormita e até começa a se alastrar sob as brasas: A argumentação de Naville penetrou fundo, e logo Breton, Aragon, Éluard, Péret, Unik aderirão ao partido comunista. Certamente, trata-se de uma adesão formal, pois não pretendem militar politicamente, mas, no entanto, real, pois eles se esforçam para atrair seus amigos, que estão longe de concordar todos.

Todas essas tensões resultam em uma nova publicação em 1927 intitulada "*A Plena Luz*", que deixa bem adivinhar que os bastidores não faltavam. Faz-se ali um balanço das tendências no seio do movimento, das lutas e das posições respectivas. Mais uma vez, Breton se esforça para segurar as duas pontas da corda: ele torna pública a exclusão em 1926 de Antonin Artaud e Philippe Soupault, culpados de atividades literárias, e anuncia a adesão dos Cinco ao PC, justificando-a teoricamente.

Há ali, neste ano de 1927, como um período indeciso, uma espécie de valsa de hesitação, onde os Surrealistas beiram o PC sem querer deixá-lo e sem também ser verdadeiramente aceitos por ele, como testemunha uma carta de Breton a Fourrier, diretor de Clarté:

> "*Por que não somos utilizados senão para um trabalho literário? É assim que compreendem a especialização? Não passaríamos de bons, exatamente, para ornamentar as páginas políticas áridas de Clarté? Por outro lado, por que se mostram tão tímidos em nos defender? Se mesmo precisamos ser defendidos diante da estreiteza de espírito de militantes que não apreciam a mensagem de libertação humana que lhes transmitiram Sade e Lautréamont, por que não nos defendem abertamente, com responsabilidade e conhecimento de causa, já que não somos desconhecidos para vocês?*"

Todos esses aborrecimentos perturbam a atividade própria do grupo surrealista, que é freada por eles, e apenas um número da revista sai em 1927, o Nº 9/10, onde se encontram sonhos de Aragon, o diário de uma aparição que visitou Desnos durante três meses, também uma investigação de Breton sobre o Surrealismo e a pintura, um texto inédito de Freud "*A análise por não médicos*", e finalmente um louvor a Heráclito, pai da Dialética, por Aragon.

O mais importante, neste ano de 1927, é a publicação por Breton de uma de suas obras principais, mostrando que ele prossegue sua própria reflexão sem mudar de eixo, a "*Introdução ao discurso sobre a pouca realidade*", onde ele coloca pela primeira vez o problema dos objetos surrealistas, prometidos a uma grande celebridade nos anos seguintes, nos seguintes termos:

>

> "*Uma destas últimas noites, durante o sono, num mercado ao ar livre perto de Saint-Malo, eu havia colocado as mãos num livro bastante curioso. A lombada deste livro era constituída por um gnomo de madeira cuja barba branca, talhada à assíria, descia até os pés. A espessura da estatueta era normal e não impedia de modo algum, no entanto, de virar as páginas do livro, que eram de grossa tinta preta. Apressei-me em adquiri-lo e, ao acordar, lamentei não o ter junto a mim. Seria relativamente fácil reconstituí-lo. Gostaria de colocar em circulação alguns objetos desta ordem, cujo destino me parece infinitamente problemático e perturbador... As criações poéticas são chamadas a assumir em breve este caráter tangível, a deslocar tão singularmente os limites do suposto real? É desejável que o poder alucinatório de certas imagens, que o verdadeiro dom de evocação que possuem, independentemente da faculdade de lembrar, certos homens, não sejam por mais tempo desconhecidos... Pretendo que isto é, tanto quanto aquilo, ou seja, nem mais nem menos que o resto. Nada é, segundo mim, inadmissível...*"

O ANO DE 1928

Após este primeiro ano de tempestade, o ano de 1928 parece calmo, e de fato será consagrado a abundantes realizações de todos os tipos; O Surrealismo começa a dar seus frutos, venenosos é claro: Aragon publica seu "*Tratado do Estilo*", Breton dá "*Nadja*" e seu "*Surrealismo e a pintura*", e enquanto uma exposição geral das obras surrealistas é feita na galeria "*la Primavera*", Max Ernst expõe na galeria Bernheim.

A partir de então, o Surrealismo conquistou direito de cidadania: realizou obras que se leem ou se veem e sua influência cresce entre os jovens. Um novo grupo se cria então em seu prolongamento, que pretende ir mais longe no sentido do engajamento pessoal: animado por René Gilbert Lecomte, René Daumal, Roger Vailland, Roland de Renéville, "o Grande Jogo" se quer místico, ocultista, revolucionário e poeta. Todos estes homens se tornarão famosos, e os reencontraremos em sua maioria, após a guerra junto ao mago Gurdjieff ou nas Edições da Pomba (cujo nome é revelador).

A obra de Aragon, o *Tratado do Estilo*, é importante por duas razões: ataca os críticos literários e outros, que rapidamente adotaram os procedimentos dos Surrealistas desviando-os de seu objetivo, e lembra que o importante não são tanto os meios, mas o fim e o espírito que preside.

Por isso, testemunha o quanto os métodos do Surrealismo já haviam penetrado na sociedade, e Aragon se queixa, aliás, de que ela os tenha recuperado: na verdade, essa sociedade do entre-guerras tinha engolido a isca e integrado as bases do Surrealismo à sua maneira de pensar e sentir.

Em certo sentido, o Surrealismo havia conquistado sua primeira vitória ao contaminar este mundo que queria mudar: A melhor prova disso é que os artistas de inspiração surrealista já não assustam, são acolhidos em toda parte, e aliás mais de um aproveita para se afastar do grupo, enquanto alguns são excluídos por excesso de concessões.

Por seu lado, o PC faz cada vez mais cara feia, e a colaboração com *Clarté* termina. Como, por sua vez, Breton é nada menos que conciliador e parece ao contrário buscar o confronto, o ano de 1929 será a ocasião de uma grande crise da qual o movimento surrealista sairá aliviado e assentado sobre bases parcialmente renovadas.

Examinaremos em um próximo artigo, por um lado, esta crise de 1929, depois o período de florescimento até a guerra, e a fuga para as Américas entre 1940 e 1945.

P.R.

ATRAVÉS DOS LIVROS

"A NOVA ERA: Na aurora da era de Aquário"

O cônego Vernette é vigário geral da diocese de Montauban; especialista em seitas para a informação do episcopado francês, já publicou um grande número de obras e artigos de revistas sobre as diferentes manifestações da Gnose no mundo de hoje.

Seu último livro, "*A Nova Era*", apresenta a mais recente e poderosa dessas manifestações gnósticas. É um livro ao mesmo tempo muito interessante e bastante decepcionante. O autor não esconde a verdade; ele diz tudo o que precisamos saber para não nos deixarmos levar por esse movimento, o último e o mais perigoso, e no entanto, muitas vezes ficamos incomodados, para não dizer escandalizados, com reflexões que surgem frequentemente nas entrelinhas.

O autor situa bem o advento da Nova Era no movimento geral do esoterismo e do ocultismo que se manifesta hoje em toda parte, nas livrarias, na televisão, nas modas musicais, médicas, esportivas, etc.

Ele enumera os antepassados da Nova Era, e são todos os mestres da Gnose conhecidos desde o início do Cristianismo, aqueles que denunciei em meus dois livros sobre a Gnose.

Partindo de Clemente de Alexandria e Orígenes, a lista continua com os cabalistas da Renascença, os alquimistas e ocultistas bem conhecidos, chegando a Teilhard de Chardin, cujo ponto Ômega nada mais é que o retorno do Messias dos últimos tempos, a Gurdjieff, Steiner, seus discípulos, Louis Pauwels, em "*O Despertar dos Mágicos*", Aldous Huxley, Carl Rogers, Lanza del Vasto, Emile Gillabert, Arnaud Desjardin, René Guénon, etc. A lista é considerável e quase completa. O cônego Vernette conhece bem seu assunto.

De onde vem, então, o incômodo e a grande decepção que senti ao ler este livro?

O autor apresenta e descreve os métodos utilizados pela Nova Era para formar os filhos de Aquário: prática de Yoga e Zen, psicodrama, hipnose, meditação transcendental, métodos dos grupos Gurdjieff, disciplina das artes marciais, técnicas psicológicas de dinâmica de grupo.

O processo é frequentemente desencadeado por uma experiência com drogas leves, tipo LSD, seguida pela escolha de um "guru", um mestre para guiar o pensamento, que se poderia chamar de "o Cristo" ou "o Espírito crístico", e então se entra numa "conspiração". Vive-se a experiência de fusão com o Ser Universal, com a Consciência Cósmica, entra-se em contato direto com o "divino". "Conecta-se" à Consciência Universal através do espiritismo, aqui chamado de "*channeling*".

Tudo isso não é novo. A Nova Era se contenta em sistematizar seu uso e difundir sua moda através da mídia. O que é mais preocupante são as reflexões do nosso bom cônego:

> "*É importante que os cristãos levem a sério as questões levantadas pela Nova Era, sob pena de não serem ouvidos nem levados a sério. Pois algumas dessas pesquisas merecem atenção e respeito.*"

Mais adiante:

> "*Uma transformação que é percebida como uma aventura espiritual... Como uma religião também, na medida em que alguns fazem coincidir a Nova Era com o segundo advento do Cristo e a nova religião mundial. Aliás, entra-se nela por uma verdadeira profissão de fé. Uma mudança fundamental é possível... Por uma ação humanista construtiva. Um desafio desta magnitude deve ser acolhido com abertura de mente e de coração, mas também com discernimento.*"

Diante de uma invasão da Gnose mais violenta que as anteriores e que se empenha em destruir tudo o que ainda resta de cristianismo no mundo, uma Gnose organizada poderosamente e decidida a tudo, o primeiro reflexo deveria ser o de uma rejeição enérgica e definitiva, de uma luta até a morte contra esta religião satânica no auge de seu poder. Pois tudo o que nela parece bom é destinado a perder as almas.

Ora, há mais de vinte anos, a própria Igreja oficial cultiva tais métodos: Yoga, Zen, psicodrama, dinâmica de grupo em seus seminários, noviciados, comunidades religiosas, grupos de ação católica, com as consequências que bem conhecemos: a perda da Fé, a destruição das vocações sacerdotais e religiosas, etc.

O próprio bom cônego diz:

> "*Tive a oportunidade de praticar um grande número deles em várias sessões.*"

A Igreja, em sua hierarquia oficial, está totalmente "aberta e acolhedora" à invasão gnóstica da Nova Era. Os conspiradores de Aquário pedem apenas que se pratiquem os métodos; a perda da Fé virá necessariamente em seguida. À pergunta: "*Que ideia você abandonou após este processo transformativo?*" Os conspiradores interrogados respondem: "*O cristianismo tradicional, os dogmas religiosos*". Pratique o método, o resto virá.

Mais adiante, o autor expõe as novas terapias, técnicas de desenvolvimento do potencial humano, medicinas alternativas, medicinas "hólicas" (do grego *holos*, todo inteiro) que pretendem tratar o homem por inteiro, massagens de todos os tipos.

Aqui há um culto ao corpo sacralizado. Esses métodos pretendem libertar o homem de suas angústias e do estresse da vida moderna, e é isso que explica seu sucesso. Mas, num segundo momento, esses métodos visam adormecer, "anestesiar" a pessoa. Sente-se mais à vontade, mais

descontraído; mas, ao mesmo tempo, perde-se gradualmente a capacidade de reagir diante das dificuldades da vida, de travar a luta natural e necessária da vida. A pessoa se funde numa comunidade-refúgio onde se sentirá abrigada do mundo, num ambiente cálido e seguro. Perde-se, assim, toda a vivacidade pessoal.

Da mesma forma, esvazia-se a inteligência após uma verdadeira "lavagem cerebral". Fica-se, então, pronto para receber o influxo de um "guru". Quem não vê que, com tais métodos que se pretendem médicos, a personalidade de cada um é enfraquecida: instala-se uma doce euforia desarmante que entrega a pessoa aos mestres da seita?

É, portanto, um grande equívoco que nosso cônego prossegue:

> "*O cristão não tem nada a temer do uso das novas disciplinas de desenvolvimento do potencial humano, desde que sejam autênticas (?) e que se inspirem em meios éticos aceitáveis (mas segundo quais critérios?), quando permanecem como meios. O praticante pode legitimamente situar-se na perspectiva de João Batista aplainando o caminho interior para a vinda do Senhor!*"

Que perigosa ilusão! Um método é sempre um meio para atingir um fim. Há, sim, uma relação necessária entre um e outro. Não se pode formar um bom cristão com meios destinados a fazer perder a Fé.

Escrevi em meu último livro, "*A Gnose contra a Fé*": Quando se começa a colocar um dedo na Gnose, é-se arrebatado por Satanás e só resta vender a alma ao diabo.

A prática do yoga, mesmo em seus estágios iniciais, é muito perigosa. É preciso reler atentamente o esclarecedor livro de Denis CLABAINE: "*O Yoga face à Cruz*" a esse respeito.

A alusão a São João Batista é muito sugestiva: ele deve, portanto, segundo nosso bom cônego, aplainar o caminho da alma cristã para fazê-la adorar o Anticristo, quando ele aparecer sob a forma de Cristo, no fim dos tempos. De fato, os Conspiradores de Aquário se apresentam como os precursores do falso Messias vindouro.

No capítulo seguinte, o autor expõe as doutrinas específicas da Nova Era; são as da Gnose clássica que bem conhecemos.

A respeito da Reencarnação, ele diz:

> "*Não é uma crença medíocre. Ela responde a certas aspirações de nossos contemporâneos.*"

Ora, é um ensinamento destinado a diluir na mente dos adeptos o senso de responsabilidade, a despersonalizar o homem: "*Não sou eu que ajo, é um ser outro do qual sou apenas um avatar.*" Nessa perspectiva, nossos atos perdem todo valor moral, pois não nos concernem pessoalmente, mas se inserem numa sucessão de ciclos dos quais não somos senhores antes de nos mergulharmos no nada. A reencarnação é a ruína de toda moralidade e a negação do livre-arbítrio.

Expliquei isso em "*A Gnose contra a Fé*". Nosso bom cônego, em vez de mostrar o absurdo dessa doutrina da metempsicose sob o ponto de vista, aliás, do simples bom senso, acrescenta:

> "*E não haveria outras hipóteses? A revelação de Jesus... Sobre este ponto o cristianismo diverge radicalmente de um tema central da nova religiosidade da Nova Era.*"

Como pode um padre escrever que a revelação de Jesus é uma hipótese e que o dogma da ressurreição da carne é apenas uma alternativa possível à Reencarnação? E se a divergência é radical, ele deve nos explicar onde se situa a raiz do erro.

"*Os deuses do paganismo*, ele nos diz ainda, *são respeitáveis como a expressão vacilante do Caminho e da Verdade*." Ora, os deuses do paganismo são falsos deuses e verdadeiros demônios: eles não merecem, portanto, nenhum respeito.

Depois, nosso cônego acrescenta:

> "*O Zen e o Yoga, o Baghavad-Gita e os escritos sufis... podem fecundar um autêntico (?) retorno espiritual hoje. Esses caminhos e esses textos místicos enriquecerão frequentemente a contemplação cristã...*"

Fica-se estupefato com tais afirmações. Nem o culto a Buda, nem o ensino dos sufis muçulmanos têm nada a ver com uma autêntica espiritualidade cristã. Eles não são fecundantes nem enriquecedores. Desde sempre, eles apodreceram as almas dos ingênuos que os praticaram de forma imprudente.

Aqui estão as poucas observações que estão na raiz de uma imensa decepção, após a leitura de um livro, aliás, bem documentado. Parece-me que este trabalho, em vez de alertar e erguer uma barreira intransponível contra essa invasão, vai, ao contrário, abrir as comportas da Igreja e deixar entrar nela essa poderosa onda de subversão religiosa. Temo que a Igreja, ao menos em sua hierarquia oficial, venha um dia a adorar o futuro "Cristo cósmico". Infelizmente! Creio que isso já aconteceu.

E. C.

FILHOS DA VIÚVA

RESENHA DE LEITURA

O Professor Jean-Claude LOZAC'HMEUR acaba de publicar, pelas *Éditions Sainte Jeanne d'Arc (Les Guillots - Villegon - 18260 Vailly sur Sauldre)*, uma obra de 200 páginas, muito bem impressa, intitulada "*Filhos da Viúva*". Será necessário acompanhar as próximas produções deste autor, e explicaremos por quê.

Sua obra, como se pode adivinhar pelo título, tem como objeto a maçonaria. Ele expõe, primeiramente, de forma sucinta, o histórico e o funcionamento da mesma, para situá-la em seu contexto. Mas, em seguida e principalmente, ele estuda sua doutrina. E o faz segundo um método que jamais havia sido empregado em tal matéria. O aparato de erudição que ele mobiliza é essencialmente de tipo universitário. Ele aplica os procedimentos de investigação utilizados por Georges Dumézil em seus trabalhos sobre a religião dos Indo-Europeus. Grande parte de seu esforço se concentra nas origens pagãs da lenda de Hirão, que, como se sabe, simboliza e resume a doutrina maçônica. E ele extrai desse exame conclusões que coincidem, no geral, com os julgamentos mais clássicos dos escritores tradicionalistas que trabalharam sobre a maçonaria. Vamos entrar um pouco mais no detalhe de sua análise.

Reduzido ao essencial, o tema mítico que serve de tronco à lenda de Hirão compõe-se de dois elementos de origens distintas e até antagônicas. Encontramos ali, primeiramente, os traços de uma tradição primordial e bíblica, mais ou menos deformados, mas ainda assim reconhecíveis. Podemos enumerar pelo menos cinco: a idade de ouro, a expulsão do paraíso, os gigantes, o dilúvio e a confusão de Babel.

Encontramos também, misturada a esse primeiro componente bíblico, uma lenda interpretativa que lhe desvia o sentido e que pode ser assim resumida: o filho de uma viúva cujo marido foi assassinado por um deus mau e que, portanto, se encontra ele mesmo órfão, é animado pela vontade de vingar sua mãe matando com as próprias mãos o assassino de seu pai. Esse "filho da viúva" é o deus vingador, amigo dos homens, pois lhes traz a nova idade de ouro.

As duas versões mais típicas dessa lenda interpretativa são o mito egípcio de Ísis, Osíris e Hórus, mas também o mito grego de Prometeu, herói benfeitor dos homens, pois lhes devolve o fogo que lhes havia sido confiscado pelo deus tirânico e inimigo dos homens. Jean-Claude LOZAC'HMEUR estima, e podemos segui-lo, que o tema maçônico de Hirão, cuja morte se deve vingar, se vincula a esses temas mitológicos.

Prospectando metodicamente as diversas tradições pagãs, o autor vai reencontrar ao mesmo tempo o componente bíblico e a lenda prometeica combinados em um único e mesmo mito, muitas vezes bastante desfigurado, obviamente.

É o seu modo de prospecção que constitui a novidade de sua exposição. Pois a tese da origem pagã da doutrina maçônica não é, certamente, nova. Nós a reencontramos em todos os historiadores da maçonaria e até nas constituições fundamentais da irmandade iniciática. É preciso que a fonte da doutrina maçônica seja pagã, já que nos é dada como remontando às próprias origens da humanidade.

O que é novo em Jean-Claude LOZAC'HMEUR é o aparato de argumentação. Com ele, não estamos mais diante das declarações líricas, inflamadas e mais ou menos gratuitas dos maçons sobre a antiguidade de suas tradições e sobre sua universalidade esotérica. Em "Filhos da Viúva", nos são fornecidas, dessa antiguidade e dessa universalidade, provas inteiramente históricas.

Uma pequena nuvem no horizonte, no entanto (mas veremos que essa nuvem se dissipará bem rápido). Jean-Claude LOZAC'HMEUR apresenta dezenove versões diferentes dos temas do "Filho da Viúva", distribuídas pelo conjunto da mitologia universal. Mas ele nem sempre as extrai dos documentos arcaicos originais. Na maioria das vezes, ele as reproduz a partir de obras recentes que lhe servem de intermediárias. Compilação que prova a extensão de sua informação. As obras que ele utiliza emanam com muita frequência de escritores que pertencem, mais ou menos diretamente, à escola de Mircea Eliade ou mesmo de René Guénon. Há aí motivo para despertar a desconfiança dos leitores tradicionalistas que somos. Os autores aos quais ele faz esses empréstimos não irão contaminar seu espírito, e não se acabará por chegar, finalmente, a uma justificação da maçonaria? Saberá ele preservar sua independência de julgamento?

Reconheçamos de imediato que Jean-Claude LOZAC'HMEUR toma emprestado apenas a LETRA da lenda dos autores intermediários. Ele deixa de lado todas as interpretações que poderiam advir de uma inspiração esotérica. Mais ainda, ele se inscreve na oposição a essas lendas naquilo que elas têm de esotérico. Vamos ver como. Eis a posição que ele adota e que repete várias vezes ao longo de seu livro. Ela só pode nos tranquilizar e satisfazer.

Suas análises e comparações o levaram a constatar, desde os tempos mais antigos, a existência simultânea de DUAS TRADIÇÕES ANTAGÔNICAS. Reconstituamos as etapas de sua descoberta. (Colocamos em MAIÚSCULAS, nos textos do autor, as palavras que são importantes para nossa demonstração).

Ele observa que a linha religiosa de Abraão e Moisés se opõe à linha religiosa das nações pagãs. O Deus de Abraão e Moisés é considerado por elas um deus mau. Ele escreve na página 90:

> "*Mas então, aos olhos dos iniciados, o Deus da Bíblia que dispersou os povos em Babel seria o DEUS MAU? É, de qualquer forma, o que parece transparecer dos textos que consultamos até aqui.*"

Sempre durante seu paralelo entre os mitos e a narrativa bíblica, ele acaba escrevendo:

>

> "*Considerando o lugar que ocupam no mito motivos como os do Conhecimento, do Dilúvio, da Arca e de Babel, uma comparação com os dados da Bíblia se impõe. Ora, o que impressiona, ao ler o texto sagrado, são menos as analogias (incontestáveis) que existem entre as DUAS TRADIÇÕES do que os elementos que as distinguem.*" (página 97)

Pouco depois, ele retoma essa noção das duas tradições opostas:

> "*Mas, como dissemos, diferenças capitais separam as DUAS TRADIÇÕES. Com efeito, na Bíblia o culpado é a serpente, pois ela arranca a humanidade da felicidade do Paraíso. No mito, ao contrário, o culpado é o deus tirânico que teima em guardar só para si o Conhecimento. O Ser de Luz (a serpente) que tentou comunicá-lo aos Homens aparece como uma vítima.*" (páginas 98-99)

Um pouco mais adiante, Jean-Claude LOZAC'HMEUR analisa o Tarô, que se sabe ser uma ilustração da tradição iniciática. Ele considera em particular a 16ª lâmina, que representa uma torre fulminada por um raio vindo do céu e que esmaga ao cair duas personagens. A seu respeito, ele escreve:

"*Por outro lado, este quadro dramático intitula-se 'A Casa de Deus'. Importa compreender bem o sentido deste termo medieval: ele fornecerá a chave do mistério. Com efeito, na Idade Média, a expressão 'a Casa de Deus', assim como 'a Cadeira de Deus' (do latim Casa = casa), designa uma igreja. Pode-se deduzir que, para o autor da lâmina do Tarô, a Torre de Babel era um Templo. Mas um Templo consagrado a qual Deus? Não ao da Bíblia, já que o edifício lhe parece um delito! Uma única explicação permanece possível: trata-se de um templo em honra de seu ADVERSÁRIO.*" (página 127)

O que se segue é muito esclarecedor sobre a opinião do autor a respeito da maçonaria:

> "*Esta conclusão não tem em si nada de absurdo, muito pelo contrário: se Satanás presidiu à construção de Babel, se ele foi o Grande Arquiteto (pois como chamar aquele que dirige a edificação de um edifício senão um Arquiteto?), é lógico que os Iniciados, trabalhando pela unidade da raça humana simbolizada pela Torre, se chamem MAÇONS.*"

Quando Jean-Claude LOZAC'HMEUR passa a estudar as opiniões de Oswald Wirth, conhecido escritor maçônico, ele escreve o seguinte:

> "*Eis que confirma o caráter extra-bíblico da tradição relatada por Oswald Wirth. Ora, este projeto de unificação de todos os povos que é, como dissemos, o objetivo essencial dos Iniciados modernos, sempre fez parte integrante do 'Culto do Filho da Viúva'. Plutarco ele mesmo, como vimos, considerava a restauração da Unidade humana como o resultado de uma evolução inelutável que levaria à derrota do deus mau. Se nos lembramos que os egípcios e os zoroastristas identificavam o deus mau com o Deus dos Judeus, concordaremos que a aproximação não tem nada de artificial. Vê-se de que forma fulgurante o estudo das DUAS TRADIÇÕES ilumina a ação da maçonaria.*" (páginas 128-129)

Dando sua opinião sobre a pirâmide do Louvre, Jean-Claude LOZAC'HMEUR escreve, sempre no mesmo sentido:

> "*A mensagem é clara; graças à sua atividade multiforme em todos os países, os Filhos da Viúva tocam o alvo, sua vitória sobre o DEUS MAU DOS CRISTÃOS é iminente. Esta vitória será marcada pela reabilitação do 'Deus Civilizador' e o retorno da Idade de Ouro.*" (página 131).

O "deus civilizador" é evidentemente a serpente.

* * *

O parágrafo de conclusão que encerra o livro é igualmente formal, e acrescentamos também claro:

> "*É tempo de concluir. Não pretendemos ter dito tudo sobre um assunto tão novo e tão vasto. Acreditamos, no entanto, que as aproximações feitas são promissoras e poderão sugerir muitas outras. Elas confirmam nossas observações relativas à existência, entre os Indo-Europeus, de uma tradição religiosa secreta OPOSTA À TRADIÇÃO BÍBLICA.*" (páginas 201-202)

Desejamos muitos leitores atentos ao Professor Jean-Claude LOZAC'HMEUR para este livro e para os seguintes. É excelente fazer com que novos métodos sirvam a uma investigação da maçonaria que nunca será demasiado aprofundada.

J. V.

Antes da era modernista, os historiadores da Igreja sempre sustentaram que a Revelação primordial concedida aos nossos primeiros Pais se dividiu, logo após a saída do Paraíso terrestre, em duas tradições opostas que, em última análise, possuíam cada uma o seu Deus. Uma praticava o culto ao verdadeiro Deus da Revelação, a outra o culto à serpente, sob diversas formas. Essa

dualidade continuou até os dias de hoje.

É essa posição clássica que o Professor LOZAC'HMEUR adota com particular clareza. É também aquela que o Boletim BARRUEL defende desde seus primórdios. Recentemente, a retomamos no artigo "*O Candente Problema da Tradição*", publicado no número 18, que está atualmente disponível por